

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Roberta Batista de Faria

**FÉ NA DIÁSPORA**

**"Com a lírica na mira a palavra é a bala: Afolíricas!"**

Belo Horizonte  
2022

ROBERTA BATISTA DE FARIA

**FÉ NA DIÁSPORA**

**"Com a lírica na mira a palavra é a bala: Afrolíricas!"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG

Linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Alvarez Leite

Belo Horizonte  
2022

F224f  
T Faria, Roberta Batista de, 1995-  
Fé na diáspora [manuscrito] : "com a lírica na mira a palavra é a bala: afrolíricas!" / Roberta Batista de Faria. - Belo Horizonte, 2022. 98 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientadora: Lúcia Helena Alvarez Leite.  
Bibliografia: f. 96-98.

1. Educação -- Teses. 2. Negros -- Educação -- Teses.  
3. Poesia afro-brasileira -- Aspectos educacionais -- Teses. 4. Poesia -- Escritores negros -- Teses. 5. Cultura afro-brasileira -- Aspectos educacionais -- Teses.

I. Título. II. Leite, Lúcia Helena Alvarez, 1956-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

#### FÉ NA DIÁSPORA

"Com a lírica na mira a palavra é a bala": Afrolíricas!

**ROBERTA BATISTA DE FARIA**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 23 de setembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite - Orientador  
UFMG

Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda  
UFMG

Prof(a). Marie Luce Tavares  
IFMG

Prof(a). Natalino Neves da Silva  
UFMG

Belo Horizonte, 17 de outubro de 2022.

Professor Dr. Eucídio Pimenta Arruda  
Vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Eucídio Pimenta Arruda, Coordenador(a)**, em 20/10/2022, às 20:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1837679** e o código CRC **06AADA8A**.

## **Abraçar e Agradecer**

*"E nada pedi, entreguei ao mar  
E nada pedi, me molhei no mar  
E nada pedi, só agradeci..."  
(Gerônimo Santana)*

Tudo que existe em mim, passa pelas águas. É através desse movimento, abundante e fluido, que abraço tudo que sou, sinto e partilho. Agradeço às pessoas que me ensinaram, inspiraram e fortaleceram-me nesta trajetória rio-vida... Agradeço aos meus ancestrais: mãe, pai, mais velhos e mais velhas, que abriram caminhos para que eu pudesse acessar a Universidade, assim como permanecer. Meu desejo é continuar abrindo caminhos, assim como aprendi, para que os nossos mais novos possam caminhar com mais leveza onde desejarem.

Agradeço profundamente à parceria afetiva que construí com as Afrolíricas: Ana, Eliza e Iza, assim como, com minha orientadora Lucinha. Aprendo tanto com vocês! As Afrolíricas me inspiram a encarar a vida com mais dinamismo. É sobre energia criativa, coragem e peito aberto para o mundo. Já Lucinha, ensina-me a olhar o processo como quem caminha junto aos passos de Oxalá, com calma e firmeza e, assim, venho seguindo...

Gostaria de agradecer também a presença coletiva que constrói a caminhada. O GEAA (Grupo de Estudos Ações Afirmativas), as Ações Afirmativas e a Afirmação na Pós (sem vocês eu não estaria aqui), o Coletivo Via Lettera, ao coletivo de Autoras Negras e ao FIEI (Formação Intercultural de Educadores Indígenas). Meu trânsito nesses espaços constitui tudo que sou enquanto sujeito, pesquisadora e professora. Aprendo cotidianamente com todas as pessoas, todas as trocas e partilhas nutridas nestes coletivos. A luta é coletiva e "eu não ando só". É caminhado com vocês que sonho e firmo no que acredito enquanto construções educativas.

Sou muito grata também aos meus amigos, amores e pessoas inspiradoras que fui conhecendo pela caminhada ao longo dessa pesquisa e na vida. Toda troca é fonte de riqueza e, neste percurso, senti-me muito apoiada, escutada, respeitada e incentivada. Agradeço

a cada pessoa que leu e que me ajudou a construir esta pesquisa. Sinto-me imensamente feliz por ter pontes de afeto e ser ponte de afeto também.

São com todes vocês que desejo celebrar esta construção. Com vocês, desejo continuar a caminhada nesse rio-vida-mar... na academia, *dendicasa*, nas trilhas de Minas, nos saraus e slams, nas ruas, bares e festejos, em tudo que produz vida!

À todas as pessoas queridas, os meus mais sinceros agradecimentos!

*“Da cabeceira do rio, as águas viajantes  
não desistem do percurso.  
Sonham.”*

**Conceição Evaristo**

## RESUMO

Esta dissertação parte das narrativas protagonizadas pelas Afrolíricas, suas trajetórias no universo poético e minha escuta, enquanto pesquisadora e apreciadora. Ana, Iza e Eliza são três jovens artistas, entre seus 19 e 22 anos, que compõem o coletivo Afrolíricas. Juntas, viemos construindo esta pesquisa, que coloca em diálogo a autoria poética das artistas e suas histórias de vida. Optei por uma abordagem metodológica que possibilitasse privilegiar o espaço de escuta e diálogo e que garantisse um espaço seguro em que pudéssemos partilhar nossas individualidades, assim como compartilharmos nossas proximidades. Neste sentido, adotei a narrativa como o meio pelo qual desenvolveria este trabalho de pesquisa. Percursorio foi a forma como se deram os caminhos metodológicos desta pesquisa, que começa pelas confluências: o encontro de minha experiência com as experiências de Ana, Iza e Eliza, mas brota da nascente: onde resgatamos memórias das infâncias, experiências educativas e aproximações com o universo da poesia. Perpassa os afluentes, meandros e leitos dos rios: caminhos que dizem sobre as trajetórias das poetisas (inspirações, encontros, ações, desafios e potências vividas), que deságuam nos mares: apontamentos, reflexões e conexões que foram construídas ao longo desta trajetória. O coletivo vem ocupando a cena artística e poética de Belo Horizonte, ampliando diálogos e produções com outros artistas e poetisas na cidade e fora dela. Busquei tecer diálogos com as noções da escrevivência, filosofias africanas e as perspectivas anticoloniais da educação. Ao longo da dissertação, apresentei, mesmo que de maneira panorâmica, a noção de que a educação negra sempre se relacionou com os espaços políticos, culturais e espirituais das comunidades negras. E, de maneira mais focalizada, através das ações do coletivo Afrolíricas, procurei resgatar vivências, refletir sobre as experiências e tecer reflexões que passassem pela dimensão formativa dos sujeitos e suas ações no mundo como possibilidades educativas. Encarar a construção deste trabalho, como caminhos por onde as águas percorreram, foi a maneira que encontrei de colocar-me inteiramente nesta pesquisa.

**Palavras-chave:** Afrolíricas; educação; narrativas; corporeidades negras; percurso-rio.

## ABSTRACT

This dissertation is based on the narratives starring by Afrolíricas, their trajectories in the poetic universe and my listening as a researcher and appreciator. Ana, Iza and Eliza are three young artists, between 19 and 22 years old, who make up the collective Afrolíricas. Together, we have been building his research that puts the poetica uthor shipof the artist sand their life stories into dialogue. I choosed for a methodological approach that would make it possible to privilege the space for listenin gand dialogue and that would guarantee a safe space in which we could share our individualities as well as our closeness. In that regard, I adopted the narrative as theme ans byw hich I would develop this research work.Percurso-rio (river-flow) was the form in which theme tho do logical ways of this research was desenvolve, which begin satthe confluences: then counter of my experience with the experiences of Ana, Iza and Eliza, but sprout from the fountain: where weres cued child hood memories, educational experiences and approximations with the universe of poetry. It crosses the affluent, meanders an driver beds: ways that tella bout the poets' trajectories (inspirations, encounters, actions, challenges an dlived potency), which flow in to the seas: notes, reflection sand connections that were builta long this way.The collective has been occupying the artistic and poetics cene of Belo Horizonte, expanding dialogues and productions with other artists and poets in the city and out of. I sought to establish dialogues with the notions of writing, African philosophie sand anti-colonial perspectives on education. Through out the dissertation, I presented, even in a panoramic way, the notion that black education has always beenrelated to the political, cultural and spiritual spaces of black communities. And in a more thorough way, through the actions of the Afrolíricas collective, I tried to rescue experiences, reflecton the experiences and weave reflections that passed through the formative dimension of the subject sand theiractions in the world as educational possibilities. Facing the construction of this work as way salong which the waters travel ed was the way I found to put myself entirelyin to this research.

**Key words:** Afrolíricas; narratives; river-flow; blackpoetry.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Aquarela Malandragem .....	14
<b>Figura 2</b> - Identidade visual das Afrolíricas .....	37
<b>Figura 3</b> - Afrolíricas realizando um Afro Sarau na Afropub .....	37
<b>Figura 4</b> - Identidade visual das Afrolíricas.....	37
<b>Figura 5</b> - Apresentação das Afrolíricas pelo Torneio de Slam (SP) no Teatro Espanca.....	51
<b>Figura 6</b> - Apresentação das Afrolíricas pelo Torneio de Slam (SP) Teatro Espanca.....	51
<b>Figura 7</b> - Apresentação das Afrolíricas pelo Torneio de Slam (SP) Teatro Espanca.....	51
<b>Figura 8</b> - Apresentação das Afrolíricas pelo Torneio de Slam (SP) Teatro Espanca.....	51
<b>Figura 9</b> - Aquarela Avó .....	55
<b>Figura 10</b> - Arte - Conceição Evaristo.....	57
<b>Figura 11</b> - Arte - Conceição Evaristo.....	57
<b>Figura 12</b> - Arte - Beatriz do Nascimento .....	58
<b>Figura 13</b> - Arte - Beatriz do Nascimento.....	58
<b>Figura 14</b> - Arte - Beatriz do Nascimento.....	58
<b>Figura 15</b> - Arte - Carolina Maria de Jesus .....	59
<b>Figura 16</b> - Arte - Carolina Maria de Jesus.....	59
<b>Figura 17</b> - Arte - Abdias do Nascimento .....	60
<b>Figura 18</b> - Arte - Abdias do Nascimento .....	60
<b>Figura 19</b> - Arte - Virgínia Bicudo .....	62
<b>Figura 20</b> - Arte - Virgínia Bicudo.....	62
<b>Figura 21</b> - Arte - Luísa Mahín .....	63

<b>Figura 22 - Arte - Luísa Mahín.....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 23 - Arte - Luiz Gama .....</b>	<b>64</b>
<b>Figura 24 - Arte - Luiz Gama.....</b>	<b>64</b>
<b>Figura 25 - Arte - Solano Trindade .....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 26 - Arte - Solano Trindade.....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 27 - Arte - Cheikh Anta Diop .....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 28 - Arte - Cheikh Anta Diop.....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 29 - Arte - Cheikh Anta Diop .....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 30 – Afrolíricas.....</b>	<b>72</b>
<b>Figura 31 - Afrolíricas no Samba das Pretas .....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 32 - Afrolíricas no Samba das Pretas.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 33 - Afrolíricas no Samba das Pretas.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 34–Live – A literatura é o caminho e volta para casa .....</b>	<b>74</b>
<b>Figura 35 – Aquarela Olhos de quem transcende mundos .....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 36 - Aquarela Emersão .....</b>	<b>97</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BH – Belo Horizonte

CENARAB - Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira

CRJ – Centro de Referência da Juventude

EUA – Estados Unidos da América

MNU – Movimento Negro Unificado

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SP – São Paulo

TEN – Teatro Experimental do Negro

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1. CONFLUÊNCIAS</b> .....	19
1.1 Percurso-rio .....	19
<b>2. NASCENTE</b> .....	26
2.1 Outros espaços e movimentos educativos: a poesia como ponte para formação, identificação e sensibilidades.....	29
2.2 “Escrever como forma de sangrar” .....	33
2.3 Nasceram as Afolíricas. Quilombos vivos em ação! .....	37
<b>3. “ACORDO MARÉ DURMO CACHOEIRA”</b> .....	39
3.1 Afluentes .....	40
3.1.1 O slam na trajetória das Afolíricas .....	40
3.1.2 Os saraus periféricos .....	43
3.2 Meandros .....	46
3.3 Leito: águas que continuam irrigando novas terras e saberes .....	52
<b>4. MERGULHO</b> .....	68
4.1 AfroSlam e AfroSarau das Afolíricas.....	75
4.2 Fruição e correnteza .....	78
4.3 Rios que deságuam nos mares .....	82
<b>5. EMERSÃO</b> .....	92
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	98

**MALANDRAGEM**

*Eu junto seriedade e putaria  
 Pra te ensinar fazer filosofia  
 Minha corrente de prata te incomoda  
 Compra na C&A me sufoca  
 Trampar pra enriquecer patrão não me traz vantagem  
 Eu sou do samba  
 Eu sou da malandragem  
 água, fogo mata, ancestralidade  
 Bato no peito e faço arte com minhas responsabilidades  
 A chinela arreventada vai prega  
 Roupa rasgada vai linha e agulha  
 Aqui a coletividade é arte  
 Mas calma  
 Que teu individual é a melhor parte  
 É potência  
 É mistura  
 É ação  
 O preço de ser coletivo e a comunicação  
 É solução-problema da existência, é dilema  
 Por acaso eu do teu truco, sou carta?  
 Bebeu das minhas soluções e não quer os meus problemas  
 Pessoas não se descarta  
 Volta é fala!!!  
 Me fala olhando na cara  
 O que te incomoda  
 O que de mim tu não suporta,  
 Qual água do meu rio te afoga e qual mata sua sede?  
 Se eu pisar no teu pé diz que dói  
 Teu corpo é palavra então não cala o espírito que fala dentro de você  
 Move traz a ação pra cada silenciamento nasce um tipo de comunicação.  
 Se ponha no mundo se cura se cria  
 Entre tantos afazeres, diz aí neguinha  
 O diálogo interno tá em dia?  
 Dessa correria eu tô ligada  
 Eu sou desconfiada*

*Desde de menó eu já tive que engolir muito nó  
A solidão não perguntou se podia, só entrou e se jogou  
Minha seriedade é herança da criança cujo o riso foi preso  
Olha bem pra minha cara  
Bravo é cachorro não me compara  
Eu sou delicada o que difere o cacto da rosa é a falta de água  
Carcará  
A capacidade única de se adaptar mediante a tantas paranoias, solidão, desprezo, medo  
Amor é minha força mais poderosa  
Esse poema é uma homenagem para as Mulheres Pretas  
intelectuais e gostosas...  
**Iza Reis***

**Figura 1 - Aquarela Malandragem**



Fonte: própria autora

**"Descolonizando-Eu": sentimentos e reflexões como ponto de partida**

Começo esta carta-texto com o mesmo termo que Grada Kilomba<sup>1</sup> fecha seu livro: *Memórias da Plantação*, "Descolonizando o eu". Desde que me vi como pessoa racializada e colonizada, venho entendendo o termo "descolonizar" como verbo em movimento. Cheguei a me questionar se é possível arrancar as amarras da colonialidade de dentro das minhas entranhas. Ao mesmo passo, venho refletindo sobre meu processo de descolonização, em que são perpassadas relações de saberes, conhecimentos, ancestralidade e afetividade.

Para além do investimento intelectual, ideias e conceitos sobre a colonização/descolonização e suas correntes teóricas, tenho entendido que se descolonizar é mergulhar verdadeiramente em si. Catar os fragmentos que foram estilhaçados ao longo do tempo e tecer novas costuras, com linhas que não se perderam no movimento transatlântico. É também arrematar referências com as linhas que foram enlaçadas aqui na diáspora. Descolonizar-se é abrir espaço para o corpo se manifestar.

A travessia transatlântica entre África e América, baseada no roubo, estupro, lucro, violência e desumanização - desde o giro na árvore do esquecimento, até o sistema aqui instaurado - adormeceu o que nos foi herdado. Digo que foi adormecido, porque tentaram nos matar de todas as maneiras, e cá estamos, existindo e reexistindo neste tempo. Em minha trajetória, consigo perceber momentos em que arranquei o trauma colonial de minha existência, ressalto cá, alguns processos mais latentes em que continuo caminhando, percebendo e sentindo.

Consegui enxergar meu processo de descolonização quando me abri para a vulnerabilidade. Assim como Grada Kilomba diz em seu livro, a sociedade e a branquitude sempre esperam respostas exatas de nós pessoas negras para todos os problemas em que somos colocadas/os/es<sup>2</sup>, esperam que nós possamos reagir da melhor maneira possível para

---

<sup>1</sup> Psicóloga, escritora, artista e teórica portuguesa, conhecida por seus estudos de gênero e pós-colonialismo, autora do livro *Memórias da Plantação*, fruto de sua tese de doutorado.

<sup>2</sup> Decidi por realizar o exercício de contemplar os pronomes e substantivos; para além dos parâmetros de binaridade da norma culta da língua portuguesa. Quando refiro a mim e as Afrolíricas, contemplo o pronome feminino, por nos identificarmos enquanto mulheres cisgêneras. Porém, quando me refiro a outras/os/es sujeitos, decidi por abrir o leque e tratar os pronomes em: as/os/es, com intenção de contemplar a diversidade de gênero, que se faz cada vez mais presente e necessária em nossa sociedade.

situações viscerais às quais somos violentamente surpreendidas/os/es. bell hooks<sup>3</sup>, em seu texto “Intelectuais Negras”, escancara as armas do racismo na vida das mulheres negras, como sujeitos que nunca podem errar, principalmente, em lugares de prestígio social, e o quanto isso é desumanizador.

Eu, em toda minha vivência escolar, na família e na universidade, sempre fui ensinada a pegar essa responsabilidade desumanizadora e chamá-la de minha. Isso trouxe marcas e consequências que só fui catar (por que, sim, estava em cacos) através da terapia e da relação de afeto com outras mulheres pretas. Acessando suas narrativas, permiti-me ser vulnerável e, desde então, venho me propondo expor meus medos e inseguranças, assumir não saber de determinada coisa, não achar resposta imediata a tudo que me atravessa. Tenho respeitado meu tempo de sentir. Ainda me equilibro na corda bamba entre o ser vulnerável e assumir fraqueza, ainda tenho muito medo de errar ou não cumprir expectativas sociais, porém, tenho escolhido respeitar o movimento de acolher minha humanidade, e isso tem sido um forte processo de descolonização na vida.

Outro processo, se não o primeiro, foi o convite de descolonizar o meu olhar. Quando falo do olhar, é no sentido literal mesmo. É sobre questionar minhas percepções sobre a beleza de minhas/meus/minhas iguais e ancestrais. Eu, como muitas de minhas amigas e mulheres negras que transitam em minha vida, começamos a ter consciência política, em primeiro lugar, pelo sentido estético. Então, o processo de transição capilar, assumir o cabelo crespo, vestir-se e ornamentar-se com roupas e acessórios que dizem sobre nossa comunidade, foi o primeiro passo no processo de *Tornar-se negro*<sup>4</sup>, de lá pra cá muitas águas rolaram...

Quando comecei a ver beleza em minhas/meus/minhas semelhantes, estilo, jeito de andar, sorrir, reunir e manifestar suas potências através do canto, da música, dos batuques, artesanatos e tantas outras expressões, comecei a enxergar beleza em mim, em minha

---

<sup>3</sup>Professora, escritora, feminista e antirracista, hooks possui várias obras que dialogam com o universo da educação antirracista, feminista e revolucionária.

<sup>4</sup> Título do livro de Neuza Santos “Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social”, em que a autora discute os efeitos psicossociais do racismo e suas subjetividades com pessoas negras em ascensão, que transitam e vivem nos ambientes embranquecidos da classe média brasileira.

família e em minhas afetividades também. Se antes sentia que perambulava em espaços embranquecidos, tentando me encaixar em referências que não me contemplavam, encontrei-me em todos os lugares, pois sabia, e ainda sei, exatamente quem sou, de onde vim e para onde quero continuar caminhando. Talvez este tenha sido meu primeiro processo de descolonização, o amor e auto-amor, através do olhar.

Pegando o gancho do olhar e conectando com as leituras de mundo, a primeira vez na vida que amei poesia e encontrei-me nela, foi lendo Conceição Evaristo<sup>5</sup>, depois fui conhecendo outras narrativas e poetas. Minha relação com a poesia foi aos poucos se modificando, ficando mais próxima. Fui percebendo outras maneiras de construir as artesarias das palavras, além de conhecer outras etimologias que possuíam tantos rebusques quanto o que aprendemos a valorizar. Foi através da narrativa dessa poeta que consegui estabelecer uma sinestesia entre visão, tato, olfato, audição e tantos outros sentimentos: angústia, tristeza, acalento, amor, etc. Tudo percorreu meu corpo. Venho o entendendo como linguagem. Tenho encarado esses processos, portanto, enquanto ato de me descolonizar.

Por último e nada menos importante, quando sentei para ouvir as lideranças indígenas equilombolas, suas relações de intimidade com a terra e pertencimento à natureza, descentralizei meu lugar no mundo e tenho trabalhado, cotidianamente, com a noção de que sou parte de algo muito maior e não-hierarquizado. É um trabalho diário, alcançar o entendimento de que todas as existências possuem sua importância, pois somos bombardeados de estímulos que nos convidam, cada dia mais, a naturalizar uma sociedade antropocêntrica e individualista. Reconhecer minha pequenez, em meio ao todo, também desloca o sentido de minha existência.

Desta forma, quando trago o sentir, o olhar, o corpo como linguagem e as conexões com o todo, entendo que são sensações pessoais, em confluência com as teorias que venho mobilizando no campo da escrita e nos estudos anticoloniais<sup>6</sup>. Elas são inteiramente

---

<sup>5</sup>Linguísta, poeta e escritora brasileira, Conceição Evaristo foi, também, professora, pesquisadora-docente universitária. Hoje, é uma das mais influentes vozes da poesia brasileira.

<sup>6</sup>Fiz a escolha teórica pelo termo anticolonial por entender a importância de não cristalizar as possibilidades de analisar as perspectivas teóricas dentro de determinado conceito, portanto, o termo anticolonialidade, aqui,

peçoais, porém, quando converso com minhas companheiras de trajetória acadêmica ou de trajetória na vida, percebo, também, que os olhares e sentimentos são mútuos. Compartilhar a fala, a escuta neste percurso, tem feito muito sentido.

Voltando ao início do texto, sem pretensão alguma de finalizá-lo, quando entrei no mestrado, tinha em mente toda uma linearidade que deveria seguir. Estes tempos pandêmicos, mais do que nunca, tem nos mostrado o quanto a vida não é linear e que não existe, portanto, uma maneira, apenas, de caminhar. Venho passando por momentos de pausa e refazimento na vida e na pesquisa. Lucinha, minha orientadora, falou sobre o espiralar em um dado momento de nossas conversas. Estava tentando dar concretude em todo um processo que nem sequer havia começado (o da escrita), mais uma vez, vi-me caindo nas armadilhas colonizadoras da construção de conhecimento.

Foi a partir desta provocação, que me questionei como gostaria de caminhar na construção desta pesquisa. O desejo em chegar a uma concretude é quase um afã. Porém, convido-me sempre a voltar, enraizar meus pés em terras férteis, mesmo que o convite seja fluir-río, talvez num caminho do meio, ou das confluências, do sentir, do olhar, do me comunicar e buscar conexões para as tessituras desta pesquisa...

*Roberta, fevereiro de 2021.*

## 1. CONFLUÊNCIAS

Peço licença para abrir os caminhos deste trabalho tornando explícitas as dimensões coletivas e individuais que o percorrem. A carta que escrevi acima, foi um exercício de reflexão e exposição dos sentidos que foram despertados ao desenvolver esta pesquisa. Antes mesmo de rascunhá-la, muitas presenças estiveram envolvidas.

Além de minha presença enquanto pesquisadora, conto com a parceira afetiva que venho construindo com minha orientadora e os aprendizados em diálogo com as Afrolíricas. É nesse movimento que nomeio essa relação, entre eu, Lucinha e Ana, Iza e Eliza, de confluências. Procuo produzir esta dissertação, que é colaborativa, através dos olhares sobre a poesia preta e autoral de Belo Horizonte, com as contribuições teóricas e filosóficas de intelectuais negras e negros, conexões com o campo da educação.

Ana, Iza e Eliza compõe o coletivo Afrolíricas. Três jovens artistas, entre seus 19 e 22 anos, que vêm ocupando a cena artística e poética da cidade, ampliando diálogos e produções com outros artistas e poetas em Belo Horizonte e fora dela.

Confluência vem do encontro de águas que se cruzam, mesmo possuindo diferentes nascentes e trajetórias. Não são as mesmas, nem se misturam, mas se encontram em memórias que são individuais, coletivas e ancestrais. Além da presença dessas mulheres na construção da pesquisa, trago as águas como caminho, pois em minha vida, tudo passa por elas, acredito que assim, coloco-me inteiramente neste processo.

### 1.1 Percurso-rio

*Percurso-rio* é como tenho encarado os movimentos metodológicos desta pesquisa. Assim como “o movimento vaivém nas águas-lembranças”<sup>7</sup> de Conceição Evaristo, o cruzo das narrativas de mulheres pretas em diálogo com a produção de conhecimento de outras autorias, faz-me brotar curiosidade, escuta atenta e o encantamento que requer mergulho.

Antes de dar continuidade à escrita mais focalizada nos processos da pesquisa, senti a necessidade de expor, mesmo que sucintamente, o que me fez escolher esse olhar e as pessoas com que desejava partilhar essa dissertação. Meu primeiro movimento, enquanto pesquisadora, não começou na relação com as Afrolíricas. Assim que adentrei o mestrado, tinha como interesse compreender o slam<sup>8</sup> como espaço de educação anticolonial.

---

<sup>7</sup>Trecho do Poema: *Recordar é Preciso*, de autoria de Conceição Evaristo.

<sup>8</sup> Irei esmiuçar um pouco mais sobre o slam ao longo da dissertação, superficialmente falando se trata de uma batalha de poesia autoral protagonizada pelas juventudes (principalmente periféricas). As batalhas acontecem nos centros e periferias das cidades.

Vinha mobilizando a curiosidade de conhecer e entender o slam enquanto espaço que produz, além de poesia, cultura, educação e linguagem. Esse desejo vinha de minha presença nos eventos como plateia, sempre saí muito mexida com tudo que acontecia ali, então, quando falo de educação aqui, é em um sentido muito mais amplo que a noção de educação escolar.

No slam, a noção de educação que pude perceber e pretendia investigar, de certa forma, alinhava-se com as perspectivas anticoloniais. Sua ação, dentro e fora da escola, confronta o sistema colonizador que nossa sociedade está inserida. Ele está presente nas letras das poesias declamadas, nos corpos e vozes das pessoas que assumem o protagonismo na cena.

Ao longo dos meus estudos e leituras de outras pesquisas com temáticas parecidas, fui tendo contato também com trabalhos que traziam a presença de outros eventos: saraus, batalhas de rap, declamações e apresentações, além de materiais produzidos por artistas como: livros autorais e coletivos, zines, entre outros. Neste processo, fiquei me questionando se realmente fazia sentido falar do slam como espaço ou se queria trazer as presenças que o compõem.

Refleti bastante sobre qual propósito queria trabalhar na pesquisa e, aos poucos, fui percebendo que me interessava muito mais dialogar com pessoas na cena da poesia autoral do que com o evento em si. Para isso, utilizei da estratégia das narrativas como fio condutor na construção desta pesquisa. O objetivo, portanto, seria resgatar vivências, refletir sobre as experiências e construir reflexões que passassem pela dimensão formativa dos sujeitos e suas ações no mundo, como possibilidades educativas.

Preciso contextualizar aqui, que assim que adentrei no mestrado (março de 2020), nossa sociedade foi atravessada pela pandemia, devido ao COVID-19 e, como passamos por momentos muito incertos, todas/os/es nós tivemos que reformular estratégias para continuar caminhando. Na pós-graduação não foi diferente, como meu campo de pesquisa era na rua e próximo às pessoas, precisei repensar minha metodologia e ressignificar as possibilidades.

Cheguei ao entendimento que não cabia a mim delimitar um espaço que pudesse cumprir minhas expectativas enquanto pesquisadora, e sim - assim como acontece nos percursos dos rios - fluir junto dos diferentes movimentos que as águas vão traçando. Nesse ritmo, brotou o desejo de dividir esse espaço com mulheres pretas da cena autoral e logo pensei nas Afrolíricas.

Um fator importante que desejo enfatizar é a perspectiva da autoria compartilhada. Esta noção esteve presente em minha posição, enquanto pesquisadora, desde o início do processo, pois entendo que não produzimos nada de maneira solitária. As construções, a meu

ver, na pesquisa e na vida, precisam caminhar junto de uma visão afroperspectivista<sup>9</sup> e, assim digo, pois as referências afrocêntricas sempre nos convidam a olhar de maneira coletiva para a vida em prol da comunidade.

Pessoalmente, já conhecia o coletivo e suas manifestações poéticas e artísticas, presenciei eventos públicos (AfroSlam<sup>10</sup>, AfroSarau<sup>11</sup>, apresentações artísticas na cena cultural de Belo Horizonte etc....) e sempre as acompanhei virtualmente, porém, nunca havia entrado em contato diretamente ou pessoalmente. A minha construção enquanto mulher preta, pesquisadora e engajada com a arte, permitiu a possibilidade de tentar este contato e assim o fiz. Deste modo, através das redes sociais, na caixa de mensagens da página oficial das Afrolíricas no Instagram, enviei uma carta-convite para o coletivo. A carta abaixo, foi o primeiro movimento que fiz para estabelecer um contato ou comunicação com as poetas.

#### **Carta às Afrolíricas**

“Olá meninas, tudo bem? É com um carinho imensurável que venho, através desta carta, buscar um contato com o coletivo. Antes de qualquer coisa, vou me apresentar um cadimprocês terem uma ideia de qual que é o rolê rsrs...

Sou Roberta, professora de educação física, estudante e transitante em várias linguagens artísticas, através dos projetos sociais, presença na cena cultural de BH e na rua por um todo. Hoje em dia, venho estabelecendo uma relação com a arte que parte mais da escuta e da fruição do que enquanto artista. Foi nesses rodopios que conheci os slams e conheci vocês enquanto coletivo.

Junto com isso, passei pelo processo de sair da Universidade, adentrar a escola como monitora da Integrada (papos que podemos ter em algum outro momento rs). Estive me preparando para seleção de mestrado e é sobre isso que desejo abrir campos de conversas e possibilidades com vocês.

A real é que sai da graduação na perspectiva de voltar só quando fizesse sentido, não só pra mim, mas também para as contribuições que essa presença pudesse trazer aos nossos. Entre

---

<sup>9</sup>Tomando como base o conceito de Afrocentricidade, construído por Renato Nogueira, a visão Afroperspectivista coloca as referências, histórias e culturas africanas e afrobrasileiras como centro, deslocando-se da margem e da invisibilidade ao qual foi submetida no processo civilizatório.

<sup>10</sup>Ao longo do texto pretendo trazer com mais entendimento o que são esses eventos produzidos pelas Afrolíricas.

<sup>11</sup>Idem.

tantas possibilidades de confluir os conhecimentos com as lutas antirracistas, vi no slam uma possibilidade cabulosa de construção coletiva, olhar educativo e rompimento com os fazeres coloniais da educação que temos nas instituições, enfim, eu acredito muito no slam como potência educativa.

E como mulher preta que transita entre academia, rua, escola e arte, pensei em construir meu projeto de pesquisa lançando essa proposta. Não acredito que nós façamos nada sozinhas, tudo que acontece em coletivo tende a florescer de maneira mais bonita e justa e é daí que parte o desejo ou expectativa de construir essa pesquisa junto com vocês. Refleti bastante antes de mandar essa carta, pois conheço muito bem o movimento vampiresco da academia na construção de conhecimento. Definitivamente, não é assim que desejo caminhar.

Quando faço esse convite, penso muito no que a Giovana Xavier fala: "Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando suas próprias histórias". E, com isso, estar no espaço acadêmico, só faz sentido pra mim, se esse rolê for junto de Mulheres Pretas que estão nesse movimento e acreditam na potência de suas vozes.

Então é nessa toada, que me apresento, mesmo que superficialmente, e convido vocês pra gente trocar uma ideia sobre as possibilidades de trocas e encontros, deixando tudo em aberto até porque a intenção é construir junto no campo da reciprocidade. Independentemente de qualquer proposta acadêmica, me coloco à disposição para trocar e continuar essa conversa. Abraço apertado e inté! "

*Carta às Afrolíricas, fevereiro de 2021.*

Em meio aos tempos que mandei a carta e aguardava o retorno, fui acompanhando cada uma, através das plataformas virtuais, postagens, lives e o podcast *De frente com o verso/ Afrocast Afrolíricas*<sup>12</sup>. Todos esses movimentos que as Afrolíricas vieram tecendo, foram frutos de investimento, pesquisa e redes de diálogo que tem sido cultivado por elas. Não estão descolados, possuem propósito. Peço licença a Eliza para apresentar um trecho de

---

<sup>12</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/channel/UCuP9fA5u1MkOLVMzDZ0vVDQ>>.

seu texto que foi compartilhado através das redes sociais na página oficial das Afrolíricas<sup>13</sup>, no Instagram, que deixa bem nítido o olhar e as perspectivas que as poetisas possuem enquanto coletivo:

Então nossa missão, é passar o que sabemos pra frente para fortalecer e inspirar nossos irmãos e irmãs que são + do que capazes, por excelência herdada, de honrar a memória e os saberes dos nossos ancestrais, pretinhos e pretinhas, que tão no corre tão na luta dia e noite, para que a gente consiga viver um presente mais pleno e deixar um futuro melhor e mais colorido pras nossas crianças. Então nunca vamos cansar de dizer FÉ NA DIÁSPORA! (CASTRO, Eliza. 2021)

*Pontes para a africanidade* é como as Afrolíricas nomeiam seus movimentos, “Fé na diáspora” não se trata só de poesia, trata-se de construção coletiva, ocupação de espaço, retomada de território, informação e educação para comunidade preta. Vai muito além do sensível, é político, poético e existencial. Mudar o percurso, de pensar o slam como ponto de partida da pesquisa para construir a pesquisa junto do coletivo Afrolíricas, exigiu de mim flexibilidade e fruição. Precisei contextualizar e recapitular os primeiros passos da pesquisa, pois acho interessante para quem se dispôr a ler, mais do que o produto, possa compreender o processo.

A carta que enviei as Afrolíricas foi a ponte que nos conectou e, desde então, viemos nos encontrando através das plataformas virtuais. A proposta de entrevista sempre causou um certo incômodo pessoal, pela crítica que possuo aos moldes da academia. É muito comum ver pesquisas que possuem uma relação extrativista com as pessoas e comunidades que partilham suas contribuições às instituições. As pesquisadoras/res vão ao campo retiram informações, produzem os dados e recebem seus títulos. Não se vê retorno a quem ali contribuiu.

Deste modo de fazer, tomei distância desde o princípio e, assim como Paula Rita Bacellar Gonzaga (2019) diz em sua tese de doutorado, “A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo”, inspiro-me, mantenho minha lucidez para não reproduzir esses moldes. Posiciono-me enquanto pesquisadora a romper com essa lógica embranquecida e colonizadora da academia e busco tecer redes de confluências e narrativas que são compartilhadas e produzidas em espaços de autoria.

Peço que seja lavado e levado pelas águas a impregnação de branqueamento que impuseram ao meu pensamento e aos meus sentidos. Me interessa pensar, a partir da analogia do espelho, o efeito abebênico de continuidade descontínua que o reflexo de muitas mulheres produz sobre ancestralidade e ruptura quando nos encontramos. (GONZAGA, p.40)

<sup>13</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>.

Eu e as Afrolíricas, encontramos-nos por meio de uma reunião virtual e lá pude expor o tema de pesquisa, interesse em tê-las nessa produção e as intenções junto a esse processo. Após este primeiro encontro e o aceite do convite, ficou combinado que seria marcado um outro encontro virtual e, desta maneira, a entrevista. Identifico-me muito com Paula Gonzaga, quando ela enfatiza que: “minha figura não é, diante de ninguém nesse país, uma figura de pesquisadora hegemônica e elas não apenas sabiam disso, como consideraram isso na sua aceitação a participar dessa investigação.” (GONZAGA, 2019, p.40), acredito que o aceite veio também por esses motivos.

Segundo Patrícia Hill Collins (2016), “as mulheres negras, não são nem de longe, um grupo generalizável; outras categorias nos atravessam e implicam em narrativas e estratégias distintas de resistência e existência” (COLLINS, p.38). Por tanto, optei por uma abordagem metodológica que possibilitasse privilegiar o espaço de escuta e diálogo, que garantisse um espaço seguro em que pudéssemos partilhar nossas individualidades, assim como compartilharmos nossas proximidades.

Neste sentido, adotei a narrativa como o meio pelo qual desenvolveria este trabalho de pesquisa. Inês Assunção Teixeira e Karla Cunha Pádua, salientam que “a narrativa é mais ligada ao sensível, um gênero discursivo que valoriza a imaginação, o múltiplo e o misturado” (TEIXEIRA e PÁDUA, 2006, p. 4). Continuando as entremeanças, que a perspectiva da narrativa produz, as autoras trazem a reflexão:

Na entre-vista, neste colocar a vida à vista, neste estar entre a vida e a narrativa ou entre a vida e o entrevistador, ou ainda neste entre-vistar - este estar à vista do outro, ou neste estar entre si e o outro, neste avistar-se com o outro e consigo mesmo - há um movimento de ambas as partes. Um movimento dos sujeitos em torno de suas vidas, na direção de suas histórias, lembranças, reminiscências, sempre contextualizadas e socialmente construídas, no movimento da vida transcorrida e transcorrendo, deslocando-se no transcurso do tempo. Há um movimento de fala e de escuta próprios dos diálogos, há um movimento de um/a para o/a outro/a dos/as interlocutores/as numa relação de reciprocidade e de troca. De cumplicidade. (TEIXEIRA e PÁDUA, 2006, p. 8)

A narrativa também permite ser entendida como um instrumento de pesquisa que possibilita uma flexibilidade em sua construção, extrapolando supostos enrijecimentos de algumas estratégias. Acredito que as diferentes estratégias de pesquisa são válidas e possíveis, mas pude perceber que trazer o lugar da narrativa estava diretamente ligado ao sentido de autoria.

A forma narrativa apresenta uma estrutura que permite às pessoas conferir sentido às experiências pessoais e coletivas, constituindo a ideia que fazem sobre si mesmas ao longo da vida, ordenando o vivido, organizando a memória do passado e orientando a consciência do narrador e sua ação futura (Brandão & Germano, 2009, p.8).

Esta relação entre as experiências pessoais e coletivas, faladas por Brandão e Germano (2009), aproximam-se de uma perspectiva teórica muito cara a esta pesquisa, que também possui seu lugar, não só como conceito, mas como caminho de construção metodológica, a “Escrevivência”, criada pela linguista, escritora, intelectual e poeta, Conceição Evaristo.

“Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras. (EVARISTO, 2020, p.35)

Corporificando as noções do “eu” e do “nós”, que Conceição Evaristo valoriza em seu conceito, sigo no fluxo dessas águas, através da partilha em que Livia Natália (2020) chama atenção, para enfatizar outra importância, dentre tantas importâncias da escrevivência: a pertença.

“A academia nos ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica. Escrevemos, portanto, milhões de textos que narravam nossos estudos em terceira pessoa, afastando-nos do campo de visão-experiência, investimos em objetos nos quais as falas da raça estavam ausentes, acreditando que estudar o pensamento branco, obedecendo a seus paradigmas e métodos de análise, nos aproximava de um rigor científico que, de outra forma, seria impossível. “ (NATÁLIA, 2020, p. 211)

Seguindo o fluxo, esta pesquisa possui caminhos que acompanham a noção de escrevivência, por se desenvolver através das narrativas das Afrolíricas – aqui retomo a autoria compartilhada nesse processo - que ocupa um lugar primordial de importância conceitual na produção deste trabalho. Deixo, também, em explícito, a noção da escrevivência que acompanha minha pessoa, enquanto sujeito-pesquisadora, engajada com essa produção.

Vejo-me no reflexo de outras mulheres pretas, que possuem seus lugares de pertença e potencialidades. Construir esta pesquisa está muito mais ligado ao tecer juntas lugares de autoria que possuem olhares e referências nossas. Todo esse movimento toma corpo nos diálogos que traço, lugares que transito e pessoas que encontro. Após apresentar como vem se constituindo a metodologia (que está sempre em movimento), convido a todas/os/es, conhecerem a nascente.

## 2. NASCENTE

Nas confluências, apresentei as Afrolíricas através do meu olhar, dimensionando o coletivo. A nascente, assim como no rio, é o local onde inicia o curso da água que brota da terra. Tenho como perspectiva apresentar Ana, Iza e Eliza, através de suas histórias, narrativas e relações com a poesia. Tendo a autoria de seus relatos como ponto de partida, a expectativa é ampliar reflexões sobre questões que atravessam suas trajetórias, assim como as minhas, que se encontram em algumas vivências sobre educação, poesia e autorreconhecimento.

Comecei nosso encontro perguntando às Afrolíricas sobre suas trajetórias e os caminhos que as levaram à poesia. Iza, trouxe em sua narrativa, a poesia como companheira na primeira infância. Desde muito cedo, já se reconhecia enquanto poeta e a escola foi uma das pontes que a conectou com este universo.

Eu comecei a escrever muito cedo, tinha saído do segundo período e ido pra escolinha. Eu já sabia escrever algumas coisinhas e, desde então, participei de uma competição para ganhar um bichinho, acho que era na primeira série, tinha 7 anos. E escrevi uma cartinha, com um vocabulário todo errado. Essa cartinha, (eu não tenho noção) mas todo mundo disse que foi muito emocionante, que eu consegui me expressar com palavras bem poéticas para uma criança. Esses projetos nas escolas foram primordiais para me dar sentido. (Iza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Este relato de Iza remexeu em muitas reflexões no meu processo de contato com a poesia através da escola, pois meu processo foi bem diferente. Desta maneira, senti-me à vontade de ocupar esse lugar do diálogo e das narrativas também, para partilhar sobre minhas experiências com a escola:

Eu sou educadora e acredito muito na escola, é um lugar que me rasga e ao mesmo tempo que me costura. Fico muito feliz de ver que na sua trajetória tem essa relação, porque acho que uma das coisas que mais me afastaram da poesia, de fato foi a escola. Sempre me foi apresentada uma determinada poesia a qual nunca me senti contemplada, e aí quando saí, quando comecei a frequentar o Valores de Minas (onde tenho muitos amigos que são poetas e que estão no mundo do hip hop, e quando conheci Conceição Evaristo, entendi que o universo da poesia também era um universo meu, sabe? Mas quero muito que a escola seja um lugar, que abraça a poesia e seus sujeitos/es. (Roberta – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Quando trago um pouco de meu olhar atravessado pela experiência sobre a escola, muito me remete a noção de regulação-emancipação, que Nilma Lino Gomes desenvolve em seu livro: “Movimento Negro Educador”(2018). Acompanhar trajetórias (sendo elas individuais ou coletivas) e perceber as multiplicidades de histórias e vivências, faz-me pensar sobre as potências e riquezas de aprendizado, assim como, processos traumáticos e violentos que são produzidos dentro dos muros da escola. Por tanto, há a necessidade de ampliar o debate sobre os processos de tensão, regulação e emancipação que estão sempre em disputa,

principalmente quando se fala das corporeidades negras presentes nas escolas e aqui, neste trabalho, este debate não será isento em momento algum.

O processo de regulação do corpo negro se deu (e ainda se dá) de maneira tensa e dialética com a luta pela emancipação social empreendida pelo negro enquanto sujeito. Esta, tem no corpo negro o seu principal ícone político e identitário. O corpo negro pode ser entendido como existência material e simbólica da negra e do negro em nossa sociedade e também como corpo político. É esse entendimento sobre o corpo que nos possibilita dizer que a relação da negra e do negro com a sua corporeidade produz saberes.” (GOMES, 2018, p.98)

Eliza traz, em sua narrativa, resgates de memórias em que só percebeu o início das influências que teve, para entrar no universo da poesia, depois de tomar consciência das dimensões que elas tiveram ao longo do tempo.

Me lembro, que quando era da terceira série, tinha um professor que era muito maravilhoso, eu amava muito ele. Fui pra sala desse professor que foi assim ele dava muita coisa sobre literatura, sobre contos e a gente escrevia. Há um tempo atrás eu achei um caderninho da escola, e achei escritos nossos, dos livros e falei, caralho! Há muito tempo essa coisa da literatura me influencia e eu nem a percebo assim. (Eliza - -- Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Esse movimento de Eliza resgata materiais escolares e lembrar seu processo e as influências da escrita poética, vir antes das memórias que ela tinha em sua mente, faz-me pensar em como nossos caminhos não são lineares. Um dos Adrinkas<sup>14</sup> mais conhecidos de nossa cultura Afrodiaspórica é o *Sankofa*, representado por um pássaro que caminha para frente tendo sua cabeça voltada para trás. Sankofar se torna uma ação em movimento para nós, pessoas pretas afrodiaspóricas, pois diz sobre olhar e buscar na ancestralidade pistas e referências para construir no agora, possibilidades futuras, enquanto povo.

Para nós, pessoas pretas, *sankofar*<sup>15</sup>(que diz sobre olhar a ancestralidade para construir o presente e caminhar ao futuro) faz muito sentido. Este resgate possui importância tanto em dimensões coletivas (cito cá, algumas delas: nossas línguas, historicidade, tecnologias que foram fragmentadas e distorcidas, ao longo do período colonial e moderno), quanto em dimensões individuais, como o resgate de nossas próprias memórias para, assim, entendermos do que nos constituímos e como vamos continuar construindo nossas caminhadas.

Obviamente, que trago *Sankofa*, aqui, dentro de uma percepção muito pessoal de meu olhar com esse movimento que Eliza faz ao trazer sua narrativa, acredito tanto na importância de nos referenciarmos através de ensinamentos dos nossos povos. Quando falamos de

<sup>14</sup>Adrinkas são símbolos ideográficos, pertencente aos povos Akan, um grupo linguístico originário da África Ocidental.

<sup>15</sup>

ancestralidade negra, tudo possui sentido e significado, então, não pude deixar passar em vão essa lembrança que vem de uma simplicidade, a possibilidade de se conectar com uma noção muito maior, por exatamente nada estar desconectado quando falamos de pessoas pretas e a ancestralidade que acompanha essas pessoas.

Iza e Eliza trouxeram, em suas memórias de primeira infância, os primeiros contatos que tiveram com a escrita poética e a poesia. Ana partilha a sua relação com a escrita e poesia, que acontece em outros tempos e entendimentos de sua trajetória, com os quais, pessoalmente, identifique-me com mais proximidade.

A minha história é muito um contraponto da história da Iza, ela desde pequena sabia desse dom de escrever. As pessoas meio que apontaram isso pra ela. Comigo, eu sempre gostei muito de ler, sempre li bastante, até o ensino médio, depois disso eu só desandei na leitura, a ponto de chamarem minha mãe na escola. Não fazia bagunça, mas nas aulas de ciências, a professora achava uma falta de respeito ficar lendo na cara dela. Eu realmente não prestava atenção na aula e ficava lendo meus livros. Lia de tudo, mas nunca me enxerguei nesse lugar de quem escreve. (Ana - - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Uma questão que merece atenção a ser questionada e debatida constantemente na escola é a sistematização/disciplinarização dos conteúdos em relação ao ensino-aprendizagem. A maneira cartesiana como as disciplinas são estruturadas, têm dado conta das singularidades e alteridades dos sujeitos?

Esse relato de Ana me trouxe uma lembrança de quando eu trabalhava em uma escola municipal, em que a coordenadora me contou que, há alguns anos, antes de eu começar a trabalhar nesta escola, havia um aluno naquele nunca ficava dentro de sala. Ele “matava aula” para ir na biblioteca ler e isso era uma questão complexa para toda a equipe, que tinha que lidar com essa situação... No período em que eu trabalhei lá, esse mesmo aluno também estava na escola, agora como formador; ele é cineasta e sempre está presente, dando oficina de produção de vídeos e criando filmes com a galera que estuda lá.

Nunca me imaginei escritora, tanto que eu achava que não tinha a capacidade nem de escrever um texto de parabéns no facebook, me embolava todinha e não falava nada com nada, de montar essa ideia, seguir um fluxo de escrita, de passar um sentimento e algo assim. Então eu cresci com isso, de achar que eu não conseguiria escrever, mas quem me apresentou essa forma de escrita nova foi Eliza. (Ana - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Essa percepção que Ana tinha sobre sua “não-capacidade” de escrever remete muito ao meu relato sobre não me identificar com as poesias que me eram apresentadas na escola; afinal se os conteúdos que são inseridos na escola não dialogarem com as linguagens e

contextos das pessoas ali inseridas, o processo de ensino-aprendizagem vai perdendo o sentido.

Os relatos de Ana e Eliza me conectaram às experiências muito próximas, como aluna e também professora. A escola é um caldeirão de manifestações. Espaço de muitas potências e complexidades, demarcadas por contextos e reflexos de tudo que é produzido pela nossa sociedade. Discussões que permeiam esse ambiente sempre estarão em efervescência, não cabe aqui esgotá-la, portanto, vamos seguindo no fluxo das águas, até onde dá pé, para continuar criando conexões com a educação que não cabe somente nesse espaço institucionalizado.

## **2.1 Outros espaços e movimentos educativos: a poesia como ponte para formação, identificação e sensibilidades**

A poesia nas trajetórias de Ana, Elisa e Iza não se limita apenas às primeiras experiências que viveram na escola; elas se relacionam com outros espaços formativos, possuem pontes com outras linguagens artísticas. Perguntei como era o processo de fruição delas, como cada uma se percebia no universo da poesia. Eliza, por exemplo se conectou com a arte através da música:

Eu entrei na arte por causa da música, eu sou musicista desde criança. Muito nova, entrei pro coral do meu bairro, e aí tipo, comecei pela música, aprendendo a tocar os instrumentos. Depois fui pro Valores também, estudei música lá, então sempre me entendi no lugar da música. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Iza fala sobre seus tempos de escola e o que acontecia fora da grade curricular. Os projetos interdisciplinares, as excursões que contribuíram para o seu desenvolvimento na escrita, além de falar de sua própria experiência nesta sociedade machista e racista. Acessar outros espaços e projetos interdisciplinares, teve uma contribuição muito importante em seu processo enquanto poeta.

Então, esses projetos me ajudaram bastante, me incentivaram. Eu tinha muito contato, muita excursão pra ver as coisas de fora, então eu via muito o pessoal do Palácio das Artes, coral e tinha muito contato. Isso ampliou muito minha cabeça, ampliou muito minha escrita e, desde então, comecei a escrever e essa minha escrita foi atravessada em meu percurso enquanto vivência de mulher preta, na sociedade brasileira. Ela foi atravessada por dores, anseios, um monte de coisas, só sabia escrever sobre isso só que hoje, já descobri outra etapa da minha poesia, que ela ultrapassa esse meu lugar de dor, de angústia e vai para um lugar de resgate. Eu quero antes da dor, quero antes do meu povo aqui e então é isso que eu busco na minha poesia e é assim que identifico que esses processos formaram minha poesia. (Iza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Eu, enquanto ouvinte, fui criando conexões internas com as partilhas de Iza, Ana e Eliza, percebendo que mesmo meu lugar na poesia sendo outro, como apreciadora, possuo processos e reflexões que se aproximam com as vivências delas. Tudo isso é muito potente, pois pensar nos diferentes espaços que se conectam às múltiplas linguagens das artes, nas sensibilidades da observação como formação e fruição, coloca a poesia em uma dimensão bem maior de como ela é encarada no senso comum. É através desta perspectiva que pretendo olhá-la, daqui em diante, em uma dimensão para além de como é, por vezes, encarada na nossa sociedade.

Junto a isso, enquanto pessoa que esteve inserida em perspectivas outras de educação, preciso destacar esses outros espaços, além do escolar, como potências formadoras. Trago, mesmo que de forma sucinta, construções educativas mobilizadas pelo povo preto, ao longo do período histórico em luta pelo direito à educação. Essa escolha se dá pelo fator histórico de negação, invisibilização e negligência que essa população sofreu e ainda sofre nesta sociedade.

Aproveito para deixar elucidado que as referências que trouxe são exemplos muito localizados destes outros espaços, mas as iniciativas, projetos e mobilizações do povo preto, ao longo do tempo, são múltiplas, dinâmicas e não se resumem ao que foi aqui registrado; elas acontecem ao longo do tempo e, até hoje, em diferentes espaços, com diversos olhares e pessoas que constroem e dão vida e continuidade ao movimento.

As primeiras décadas do séc. XX foram marcadas por várias mobilizações e iniciativas de abolicionistas, militantes e intelectuais negras/os/es para a luta e garantia de direito de pessoas negras/os/es à educação. As associações negras, para além do processo de alfabetização, ofereciam educação política e artística (música, teatro, danças, literatura). Gonçalves Silva (2000) mostram a importância do diálogo das diferentes linguagens na formação do povo negro e traz a Frente Negra<sup>16</sup> como um desses espaços que ganhou grande visibilidade por mobilizarem esse movimento.

Na Frente Negra Brasileira, a educação dos afrodescendentes de ambos os sexos não se reduzia exclusivamente à escolarização, embora este tenha sido o motivo da reforma educacional proposta pelos líderes frente-negrinos. Pesa de forma exemplar a ideia de que, para efetuar uma mudança significativa no comportamento das negras e dos negros brasileiros, seria necessário promover junto à escolarização, um curso

---

<sup>16</sup> A Frente Negra Brasileira, criada em 1930 na cidade de São Paulo, foi uma das primeiras organizações do séc. XX de ativismo negro no país. Pretendia se tornar em uma organização nacional. Em 1936, tornou-se um partido político, entretanto, entrou em extinção em 1937, em decorrência do Decreto assinado pelo então Presidente, Getúlio Vargas, que colocava como ilegal todos os partidos políticos.

de formação política. Séculos de escravidão haviam deformado a própria imagem dos negros, afetado profundamente sua auto-imagem. Entendiam os líderes que a flagrante apatia que assolava a massa de população negra, a entrega desenfreada a vícios urbanos, a ausência de dispositivos psicossociais que ajudassem a integração dos negros na ordem competitiva, tudo isto era resultado de um passado escravista que ainda perdurava na alma do homem livre negro, abandonado à própria sorte nas periferias das cidades brasileiras. (Fernandes, 1986; Gonçalves, 1997). (GONÇALVES e SILVA, 2000, p.144)

Para além de outros espaços institucionais construídos pelos movimentos negros, os espaços não institucionalizados também foram de grande contribuição para o acolhimento e formação das pessoas negras, ao longo do tempo. O Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por Abdias do Nascimento, foi uma companhia de teatro brasileira que, entre 1944 e 1961, teve como foco a resistência e a formação da população negra e mobilizou protestos raciais, não só no Rio de Janeiro, mas em articulação com outras cidades do país.

Nos cadernos de Educação Comunitária (1983), há a presença das contribuições dos Terreiros de Candomblé, mais especificamente, em Salvador, em que possuem registros de processos educativos. As comunidades de Candomblé criaram escolas dentro dos terreiros para atenderem crianças negras e candomblecistas. Nestes espaços, as crianças tinham acesso tanto aos conteúdos escolares como também à cultura Nagô.

Estes tinham todos os clássicos conteúdos escolares, mas desenvolviam, ao mesmo tempo, elementos da cultura nagô. Da avaliação do relator, depreendia-se que os alunos, à medida que não precisavam, ao entrar na escola, descartar os valores da cultura de seus ancestrais, sentiam-se mais integrados na comunidade e demonstravam uma visível melhora em seus rendimentos (Cadernos de Educação Comunitária, 1983).

Falando ainda de Salvador, há também registros da participação dos Blocos Afros e Afoxés, que forneciam educação comunitária para a população preta, pela luta e combate ao racismo. Então o que se pode perceber é que o período pós-abolicionista foi um momento político de muita mobilização, onde a população preta conseguiu se organizar não só dentro de suas comunidades, mas também em espaços institucionais. Isso não quer dizer que as mobilizações não aconteceram antes de outras formas.

Todas as organizações educativas/políticas/artísticas que trouxe aqui, foram fortemente ligadas à resistência política e não haveria de ser diferente pois a educação é política. Quando se trata de falar do povo preto, não há possibilidades de desvincular a luta e a resistência da dimensão educativa.

Falei de alguns exemplos sobre organizações que aconteceram no início do séc. XX para tomarmos dimensão que esses processos de luta e resistência sempre aconteceram e continuam acontecendo. Por isso, falarei agora de algumas organizações, projetos e

construções que acontecem hoje, que merecem destaque e visibilidade e estão incluídos na formação da população preta, principalmente da juventude. Vou me ater a falar sobre o que acontece na cidade de Belo Horizonte, por ser próximo do convívio e por isso mais palpável.

Começo por falar de projetos educativos como Educafro<sup>17</sup>, que é um cursinho comunitário e voluntário, que tem como luta a inclusão da população negra nas Universidades. O coletivo De Pé Raça Poderosa<sup>18</sup> propõe rodas de conversa e formações sobre sua história e resistência, dentro da perspectiva e referência Pan-africanistas. O coletivo Afirmação na Pós, vinculado ao Programa de Ações Afirmativas da FaE/UFMG, oferece uma formação pré-acadêmica, de maneira voluntária, para pessoas pretas que desejam entrar nos programas de Pós-Graduação das Universidades.

Para além dos projetos educativos que transpassam as bases curriculares da escola, os espaços culturais também possuem diversas dimensões educativas. Então, quando falo sobre os slams, saraus, eventos de rap, samba, hip hop, reggae, congados, festivais de arte e cultura, assim como eventos políticos, para além da experiência artística e política, também precisamos olhá-los em suas dimensões educativas e, não somente, para as pessoas pretas, mas também para as pessoas no geral.

Resgatando a dimensão da educação de sujeitos/as/es e não só sujeitos/as/es negras/os/es, espaços e projetos educativos e sociais, como o Valores de Minas<sup>19</sup>, Arena da Cultura<sup>20</sup>, Teatro Espanca<sup>21</sup>, museus, entre tantos outros, trabalham no sentido da experiência estética, artística e sensível, que também participa da dimensão educativa dos sujeitos/as/es. Não poderia deixar de falar das narrativas de pessoas pretas (sendo poéticas, literárias ou atravessando outros campos da comunicação) como um espaço formativo. Como campo de acesso e visão de mundos, sentidos e percepções, tanto em dimensão individual, quanto coletiva.

Poderia entrar em mais detalhes ou citar outros projetos, espaços e iniciativas, mas vou até aqui, pois a intenção é só apresentar um panorama de possibilidades que existiram/existem

---

<sup>17</sup> Acesso em: <<https://www.educafro.org.br/site/>>.

<sup>18</sup> Acesso em: <<https://pt-br.facebook.com/racapoderosa/>>.

<sup>19</sup> Foi uma escola Artística que oferecia aos jovens adolescentes formações artísticas em cinco linguagens: circo, dança, teatro, artes plásticas e música. Passou por um processo de desmonte e, recentemente, foi transformada no CICALT (Centro Interescolar de Cultura, Artes, Linguagens e Tecnologias), que oferece uma formação técnica as linguagens artísticas.

<sup>20</sup> Projeto estruturante da Escola Livre de Artes. Criada pelo decreto municipal 15.775/2014, está inserida na política de formação e descentralização da Fundação Municipal de Cultura – FMC. Oferece cursos e oficinas artísticas pela cidade. Acesso em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/escola-livre-de-artes>>.

<sup>21</sup> Centro Cultural e sede teatral do grupo Espanca, localizado na rua Araão Reis, 542, Baixo Centro, Belo Horizonte.

e que nos convidam a romper com a ideia de uma educação sistematizada dentro de grades curriculares de educação e formação social.

## 2.2 “Escrever como forma de sangrar”

Estar em encontro com as Afrolíricas, ouvir suas partilhas e reflexões, provocam-me como apreciadora da poesia e pesquisadora da educação. Até aqui ouvimos um pouco de suas histórias e agora iremos mergulhar em águas mais profundas, onde convido Ana, Eliza e Iza a trazerem partilhas mais íntimas quanto às suas percepções de autorreconhecimento.

Não consigo pensar em outro título para esse subcapítulo que não seja uma frase dita por Conceição Evaristo: “Escrever é uma forma de sangrar”. Esta frase vem de um vídeo/entrevista<sup>22</sup> em que a poeta fala sobre a Escrevivência. Eu, particularmente, tenho muito apreço por esse vídeo; sempre que posso, paro para ouvi-lo. Como já li a maioria de suas obras, revisito-o, vez ou outra, para tecer novos sentidos, afinal nada está estático, sua literatura caminha com as águas. Neste subcapítulo, trago também trechos de falas minhas, de Ana, Eliza e Iza, no qual as poetisas discorrem sobre a sangria e a cura que acontecem no processo de escrita.

Talvez, eu gostaria que as pessoas se prendessem menos a minha biografia e se ligassem mais ao texto. Isso pra mim tem sido de vital importância, porque algumas vezes eu estou em algum espaço para falar de literatura e as pessoas falam: “ah, fala da condição da mulher negra na sociedade brasileira”. Eu acho que não preciso falar, o meu texto é isso. E o exercício da literatura pra mim é a minha maneira de não adoecer. Eu sempre penso isso e quando eu falo de não adoecer, eu tô falando mesmo é desse adoecimento emocional, porque a arte, ela é uma válvula de escape e a literatura pra mim é essa criação, a possibilidade que eu tenho de sair de mim mesma, de indagar o mundo, de inventar um outro mundo, de apresentar a minha discordância com esse mundo e é uma experiência que eu tenho, desde bem nova. Eu sempre escrevi, eu sempre gostei de escrever. Escrever pra mim é a possibilidade mesmo de fundamentar, de fundar um diálogo. Eu acho mais fácil você falar pela escrita, apesar da minha escrita ter um fundamento, ela nasce de um espaço da oralidade, mas eu consigo falar muito mais dos meus sentimentos se eu escrever. O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida, você faz pra vencer a dor, ou pra vencer a morte. Acho que é o espírito de sobrevivência mesmo, o desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma. Pra mim a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida, né, porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida e escrever, tem até um texto meu que eu digo isso, escrever é uma forma de sangrar, por que você(...) é porque é uma forma de sangrar mesmo e a vida é uma sangria desatada, né... (EVARISTO, Conceição, 2020)

Conceição Evaristo, no vídeo, fala que, apesar de sua escrita ter fundamento na oralidade, consegue falar melhor sobre o que está sentindo quando escreve. Celebrar as

<sup>22</sup> acesso do vídeo em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>.

múltiplas linguagens do sentir, vai para além da poesia, mas, aqui, a escrita tem esse lugar de cura primordial também para a Ana.

A poesia me trouxe um novo olhar sobre as coisas, uma nova perspectiva, então ela me tornou muito mais sensível para observar minhas relações e meu dia-a-dia. Eu pratico muito mais a afeição com as coisas, ela me força a isso, então, atualmente, o que tenho mais vivido é essa questão do observar como a poesia está ligada à minha sensibilidade, como ela aguça minha sensibilidade. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Ana fala sobre olhar e sensibilidade. É muito bonito perceber em sua narrativa, que a poesia a fez olhar para a vida, para sua relação com as pessoas com mais afeição. É muito potente observar também como sua sensibilidade está intimamente ligada à sua poesia.

Foi um grande processo pra eu entender que era poeta e não só slammer (que é a pessoa que compete no slam), daí foi um processo muito difícil e acho que tem a ver com autossabotagem e com a falta de reconhecimento que a gente recebe nas nossas coisas. Lembro que ficava pensando muito: “Nossa, eu vou ficar me afirmando como poeta, mas e as outras pessoas? Será que elas vão achar também?” Então me vi muito nesse lugar, “Eu sou ou não sou?” Foi um processo muito louco, consegui me conhecer como poeta para além do slam. Consegui desembolar muitos corres através do meu esforço mesmo, porque a gente tem que reconhecer nossas conquistas. Quando consegui fazer esse movimento por conta própria, me enxerguei de outra forma. Eu sou escritora também, para além de ser slammer. (Eliza)

Para além dos processos internos, que também são estruturais pela falta de incentivo e reconhecimento, tanto no campo da arte quanto da cultura, que não deixa de ser atravessado pelas questões raciais, existe também a dimensão das violências e silenciamentos de outras expressões, além do que a branquitude produz e intitula enquanto a arte.

Eu tive uma vivência muito doida em 2019, foi um ano muito bom! Comecei a recitar em 2018 e em 2019 eu já tinha estado presente em vários livros, tinha colado em vários slams, em várias partes do Brasil. A minha vivência com outros poetas me fez perceber, me enxergar nesse lugar de autora e de reconhecimento. Acho que a coisa mais difícil nessa trajetória foi o reconhecimento, de me enxergar, eu sou isso aqui e é isso! Hoje consigo falar, mas foi um processo muito difícil, porque pra mim, é igual você mesma (Roberta) falou, na escola era apresentada poesia de Carlos Drummond de Andrade, uma escrita portuguesa colonial, que eu não entendia nem a primeira frase então, tipo assim, como poderia ser também uma poeta, sendo que nem entendia o que eles estavam falando? Então esse lugar da escrita, sempre foi muito distante em conseguir esse reconhecimento. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Ana também fala sobre esse processo de se reconhecer enquanto poeta e o quanto foi complexo passar pela validação alheia sobre sua produção e trabalho. A autoafirmação foi a chave para se autolegitimar e enxergar a potência de seu corre.

Passei por esse processo de reconhecimento também, “sou poeta? O que que eu sou, né?” Como entrei pelo slam, não me via como nada na verdade, slammer, poeta...

só ia lá e soltava uns desabafos no final do mês e bora. Então essa construção veio com o tempo. Acaba que a gente fica esperando muito por validação alheia, sabe? E isso nos atrapalha em muitas coisas. Eu tinha até pouco tempo medo de afirmar meu trabalho, hoje em dia, tenho total certeza do que eu sou e do que eu faço, fui construindo isso... passei por essa mesma questão de me afirmar... (Ana - - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Diferente do processo de Ana e Eliza, Iza sempre se reconheceu enquanto poeta, porém pontuou o quão complexa é a valorização externa, a falta de oportunidade e estrutura dentro da cena artística (questões que vamos trazer com mais profundidade ao longo da dissertação) e que isso também esbarra em questões políticas e raciais.

Acho que meu processo é bem parecido com o das meninas, mas eu me identifico como poeta desde pequena, sempre gostei e quando eu vi a cena, amadureci. Pô! Eu sou poeta! Eu sei que sou poeta, mas o mundo aqui fora, é um mundo diferente, não me dá um lugar, não me valoriza e isso pra mim foi um choque, me colocou em um lugar de confusão. Era isso mesmo que eu queria fazer? Acaba que a falta de estrutura para poder colocar cada pessoa com seu talento, para ela poder exercer esse talento, é muito paia, porque acaba que faz isso com a gente, meu dom tem que ser descartado sendo que o de outra pessoa é supervalorizado? Por que que o meu tem que ser descartado, entende? Então isso que é ruim, hoje em dia. O problema não é minha poesia, o problema é a falta de estrutura dentro do contexto que a gente vive, a falta de dinheiro para contemplar a gente, a falta de apoio, então é isso que deixa a gente mais desanimada mesmo. (Iza - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

“Como vocês veem a poesia com as outras áreas da vida?” Essa foi a pergunta que fiz logo adiante e, neste fluxo de conversa, pude entender que, na percepção das poetisas, nada está separado. Através das falas de Ana, Eliza e Iza, pude compreender que não existe área vida ou área poesia. Ser poesia é processo de se constituir enquanto ser no mundo.

Pra mim chegou um momento que não tem como separar. Quando comecei a recitar, fazia outros corres. Eu faço vários corres, não é que eu faça só a poesia mas acaba que na minha vida, tudo gira em torno da poesia, do coletivo e de conseguir o reconhecimento dessa área. Todo mundo olha pra minha cara e sabe que eu sou do Afrolíricas, por exemplo, e isso influencia no rolê. As pessoas chegam e falam: “Nossa eu já te vi”, “Eu te frago”. É meio louco pensar nisso, mas acaba que é verdade. Então minha vida é assim, não tem como descolar uma coisa da outra, tudo eu faço em prol e com... divulgando meu trabalho e buscando o reconhecimento como escritora mesmo. (Eliza - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Iza pontua, que para além de ser poeta, muitas ações e reflexões são desenvolvidas através da poesia, inclusive a honestidade de olhar para si e ser coerente em relação ao que recita e escreve. Viver a poesia, vai para além do processo criativo ou a própria apresentação dele.

Se eu pudesse, seria só poeta em minha vida, gosto muito de articular, de mexer com isso, de fazer escrita criativa, dar aula, essas coisas. Em diversas áreas da minha vida, a palavra atravessou, ela é muito forte, então acaba que atravessa. Eu hoje sou muito diferente de antes de mexer com poesia, prefiro concentrar mais nessas

questões.... Um serviço de telemarketing, por exemplo, eu não consegui ficar, falei uma coisa ali e, hoje, tô me desgastando aqui, sendo que ontem eu recitei sobre cuidar do corpo e hoje eu tô aqui fazendo isso com meu. A poesia interfere demais, ela ajuda no meu processo evolutivo também. Todas as áreas da minha vida são poesia porque ela é o reflexo da minha vida. (Iza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Eliza, reforça sobre essa visão que Iza passa, entendendo esse processo, também, como responsabilidade. Responsabilidade com seu discurso, com sua verdade e com um fator muito importante ao qual sempre há a necessidade de pontuar, a saúde mental.

**Eliza:**Sobre a escrita atravessar a vivência e tudo que eu escrevo ser verdade, preciso praticar a minha verdade para falar para as pessoas porque é muito “fácil” falar de saúde mental, ansiedade e não sei o quê... e eu? É bem o que a Iza falou, o que eu tô fazendo comigo? Acho que quando a gente trabalha com escrita, a responsabilidade pesa, a sinceridade daquilo que você tá falando. Eu não consigo criar e falar sobre algo que eu não viva, que eu pelo menos não busque estar naquele lugar. A escrita tem muito essa responsabilidade do que a gente tá falando.(Eliza)

**Iza:**E eu também me vi muito nesse lugar de usar a escrita como desabafo de tudo isso, de estar de saco cheio de todas essas coisas, hoje em dia, não que eu não esteja de saco cheio de todas essas coisas - desse estado- mas, tipo, meu desabafo, quer ser sobre outras coisas... é isso porque nossas vivências nunca vão deixar de passar por esse lugar, por essa dor mas também que não é só essa dor que a gente sente, é muito amplo assim, hoje em dia, consigo ver com outros olhares essa coisa da escrita mesmo. (Iza) (- Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Iza quando fala de seu processo de escrita, traz consigo a ressignificação. A poesia pode e deve, sim, ser expressão de desabafo, ainda mais por nós pessoas que somos marginalizadas nesta sociedade, mas ela também é lugar de cura, de potência criadora para além da dor.

Chega um momento que a gente entende que nossa trajetória vem muito antes do que foi construído aqui e aí, quando a gente começa a resgatar, ver as importâncias, as bonitezas, também em outras possibilidades de construção (...) elas podem até serem atravessadas pela dor, mas não se resumem a ela. (Roberta – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Enxergar-nos para além da dor é um exercício diário. Desacostumar à escrita ao lugar de refúgio da dor para abrir espaço de cura é expandir outros olhares e caminhos possíveis para nós, enquanto seres demarcados pela violência.

E eu acho que é muito sobre tirar a gente do lugar de marginalidade, um papo que comecei pegar a visão quando Iza começou. Porque tipo assim... eu tô tranquila nas ideias, aí a Izabela vem e lança uma bomba PÁ! Minha cabeça fica tipo assim: “NOSSA!” Essa visão que ela tem, por exemplo, de falar que nossa literatura não era marginal, eu super me identificava enquanto poeta marginal e via a marginalidade de uma outra forma, e aí Iza veio e me passou uma visão totalmente diferente que foi muito desse processo de tirar a gente desse lugar de marginalidade (Eliza- Trecho de entrevista com Afrolíricas)

A identificação enquanto poeta marginal nos circuitos e meios por onde a poesia marginal caminha é tida como resistência. Vem muito próxima a uma ideia de subversão da noção do que é marginalidade. Rogério Coelho (2017), em sua dissertação, traz a literatura marginal enquanto espaço de legitimidade e afirmação de seus espaços de referência:

Acreditando ser possível discutir o papel dos(as) poetas de periferia, os(as) que se afirmam, também outros(as) que se apresentam com características da literatura marginal, podemos entender que falam, antes de tudo, da legitimidade de seus discursos e denúncias, da afirmação de seus espaços de referência (muitas vezes a periferia), falam de suas histórias na busca de fazer valer sua voz, aquela que, se não foi silenciada, muitas vezes fora aderida a outros discursos, cooptada. (COELHO, 2017, p.66)

Ouvindo as reflexões de Eliza, assim como de Ana e Iza, venho a compreender que o lugar de legitimidade enquanto poeta é ser. Identificar-se como poeta marginal é também signo de legitimidade. Deslocar o olhar e entender-se poeta e não, necessariamente, no lugar da marginalidade, não faz com que o movimento de poesia marginal seja deslegitimado, nem muito menos pormenorizado. Legitimidade é ser e transitar nos caminhos que fazem sentido. O deslocamento, a liberdade do movimento, também curam.

Essas foram algumas reflexões que fomos tecendo ao longo de nossa conversa sobre trajetórias, poesia e presença no universo da escrita e da autoria poética. Pudemos trazer, também, a noção de que os espaços, os diálogos intercambiáveis e as oportunidades potencializam construções autorais, sendo elas individuais ou coletivas, e que o processo criativo, é formativo, curativo e não se separa da vida das poetas.

### 2.3 Nasceram as Afrolíricas, Quilombos vivos em ação!<sup>23</sup>

**Figuras 2, 3, 4 - Identidade visual das Afrolíricas- Afrolíricas realizando um Afrosarau na Afropub.**



Fonte: Instagram @afrolíricas.

<sup>23</sup> Acesso ao vídeo em: <<https://www.instagram.com/tv/CGYUwvYpUjq/>>.

Escrever como forma de sangrar, fala do processo das poetisas em relação às suas vivências na poesia e em suas subjetividades. Aqui, o movimento vai se ampliando por sair dos campos individuais e ir navegando ao conhecimento de como foi se dando a trajetória das Afrolíricas, juntas, enquanto coletivo. Perguntei às meninas como foi então a criação do coletivo e, a partir daqui, partilho esse processo em que Ana, Eliza e Iza relatam sobre essa construção.

**Ana:** A gente começou a fazer um curso juntas em 2019. Eu me identificava muito com a escrita da Iza e da Eliza no slam, eram as que eu mais ficava, “NU! QUE ISSO!” Batia muito forte na minha vivência também. Sempre admirei muito o corre dela, e coincidiu... Eu fiz uma viagem, uma vez, pra um corre de poesia e vi um mundo de possibilidades dentro da poesia, que aqui em BH que não via. Isso mudou minha cabeça. Percebi que tinha a possibilidade de fazer um coletivo só com 3 pessoas, (geralmente são muitas pessoas), eu queria que fosse uma coisa menor até pra ter um maior contato e tudo mais... aí coincidiu da gente fazer um curso juntas do CENARAB<sup>24</sup> que foi muito importante pra nós. “Mídias Pretas” era o nome do curso e lá a gente trocava ideia sobre criar um coletivo, nós três. Nesse meio tempo, várias coisas não estavam dando certo em questão de horários. Iza, nessa época, tava num trampo daí, eu e Eliza fizemos um trabalho pro CENARAB (um vídeo de uma poesia), a primeira poesia da Afrolíricas, meio que surgiu “na tora” também, mas essa época a gente nem se via enquanto Afrolíricas ainda. A partir daí, começou, foi só deslançando, foi só subindo na verdade. Uma ascensão muito forte, foi uma explosão na cena, o Afrolíricas, e uma coisa foi acontecendo atrás da outra. Me lembro uma vez que eu e Eliza começamos a recitar em um tanto de lugar, um corre danado, em uma semana a gente já tinha uniforme, tinha tudo, já estávamos iniciando. Iza falou pra gente que tinha saído do trampo e eu falei: “Véi, é isso, vão bora!” Foram acontecimentos que precisavam acontecer, foram necessários.

**Eliza:** É bem isso da explosão, foi muito louco. A Ana ficava toda vez cutucando a gente pra fazer o coletivo e a gente não botando fé. Lembro do nosso primeiro evento com uniforme, que foi a Feira Literária Marginal, lá no Espanca e tinha pouquíssimo tempo que a gente tinha começado e pedimos pra recitar em dupla, não tinha isso (na verdade não tem né?), mas pedimos pra recitar... e a gente tinha apenas uma poesia! O mais doido foi isso, quando estourou, a gente tinha uma poesia só. Nós lançamos uniforme, lançamos tudo!

**Ana:** A gente acreditava tanto, que antes das poesias, a gente já tinha as coisas.

**Eliza:** E as coisas foram acontecendo, nosso nome veio de zueira, e tudo assim... Nós aparecemos lá (na cena) de uniforme e foi muito chocante. Eu lembro porque ninguém do rolê fazia esse trem de usar uniforme né, então chegamos de uniforme e pá, causou impacto sim. E a Ana: “nós temos que chamar a Iza de volta, nós começamos juntas, temos que seguir juntas”. A Iza colou e nós ficamos muito tempo com duas poesia, mas o povo chamando a gente pra uns negócio muito doido, na cara e na coragem com duas poesia e tal... e a Iza já chegou pegando o uniforme também e mesmo que só com duas poesia, fizemos muita coisa, muita coisa mesmo. – (Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Estes relatos me remeteram à sensação do nascimento, pois foi através desses processos que elas se entenderam de fato como Afrolíricas. Isso porque antes destes

<sup>24</sup>O CENARAB - Centro Nacional de Africanidade de Resistência Afro-Brasileira - foi fundado em 1991, em São Paulo, por religiosos e religiosas de Matriz Africana, com o intuito de fortalecer as comunidades tradicionais e resistir ao preconceito às Religiões de Matriz Africanas, através da organização e discussão racial, assim como a mobilização de políticas públicas para sua existência e ampliação em outros estados e cidades.

encontros, que o curso proporcionou na trajetória delas, germinava na experiência de cada uma, diálogos com as poesias, espaços e pessoas no universo poético.

A partir desses diálogos e trânsitos em suas experiências, as Afrolíricas foram se constituindo. A formação de Ana, Eliza e Iza atravessou os muros da escola e conectou-se com outros espaços formativos. A presença das poetisas, no curso CENARAB, assim como nos slams e nos espaços poéticos da cidade, contribuiu para a iniciativa, a formação e o fortalecimento do coletivo.

Falo isso localizando o ano de 2019, período em que a cidade de Belo Horizonte e região metropolitana já estavam inseridas nesse caldeirão cultural em efervescência, considerando que o primeiro slam ganhou notoriedade, na cidade, em 2014. O *Slam Clube da Luta*, brotou na cena cultural de Belo Horizonte e, de lá para cá, esse movimento foi só se expandindo e diversificando. Antes disso, as batalhas de rap, debaixo do Viaduto Santa Tereza, eram a referência efervescente que se tinha neste universo. Agora, todas/os/es, que ainda estamos sendo atravessadas/dos/des pela pandemia, mediando as possibilidades remotas, mas também voltando a promover a “arte do encontro” de maneira presencial, precisaremos de um tempo pra assimilar e entender como vamos retomar nossa presença em coletivo.

As Afrolíricas finalizam este relato apontando a continuidade. Como havia falado de maneira sucinta, anteriormente, o coletivo produz diversos projetos e eventos com a poesia. Nos próximos capítulos, pretendo ampliar ou aprofundar um pouco mais sobre outras produções que envolvem a poesia das poetisas.

### 3. “ACORDO MARÉ, DURMO CACHOEIRA”

Assim como esse título, que diz sobre uma canção composta por Tulipa Ruiz<sup>25</sup>, cantada na voz de Elza Soares, veio-me a noção *da* multiplicidade das águas, ao me deparar com as experiências das Afrolíricas. “Acordo maré, durmo cachoeira”, fala sobre o movimento do que não se dobra e nem se retém, mas passeia e transborda em múltiplos espaços. Quando deságua, já não é o mesmo em que nasceu.

Assim, vou falar um pouco de outros movimentos que dialogam com a poesia, os quais as Afrolíricas também vêm se relacionando e construindo em suas ações. Estamos falando aqui dos slams, saraus, pessoas inspiradoras e a conexão com referências que vem de fora e

---

<sup>25</sup>Canção *Banho* – 2018. A compositora Tulipa Ruiz fez em homenagem a cantora Elza Soares, para seu álbum – Deus é mulher.

misturam com o que é criado dentro. Eu e as Afrolíricas vamos falar também das complexidades que cruzam este percurso.

### 3.1 Afluentes

Afluentes são rios ou cursos d' água que se deságuam em rios principais, então para falar dos diferentes movimentos que dialogam com a poesia, vou usá-lo como caminho. No capítulo anterior, falamos sobre nascimento. Aqui vamos falar sobre as águas que brotam e percorrem da nascente.

#### 3.1.1 O slam na trajetória das Afrolíricas

O slam é uma forte linguagem/manifestação artística que atravessa a construção das Afrolíricas. Falando mais especificamente, ele pode ser definido como uma competição de poesia falada. Cyntia Angra de Brito Neves em seu artigo, *SLAMS – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*(2017) <sup>26</sup>, diz que o Slam surgiu na cidade de Chicago em 1984. Ao longo do tempo, expandiu-seem vários outros países e hoje é conhecido mundialmente.

Entre as regras pré-estabelecidas desta prática, destaca-se a presença da/do slammaster (poeta que conduz a competição), o tempo de declamação das poesias (não podendo passar de três minutos, dentro das regras formalizadas em campeonatos, o que não quer dizer que acontecem somente sob essas condições), a presença de juradas/os/es que são escolhidas/os/es no momento da competição (pessoas da plateia que avaliam as declamações de 0 a 10, considerando a poesia, a performance e a subjetividade poética, além da não utilização de artifícios como figurinos e cenários para a apresentação).

O slam acontece dentro de circuitos de campeonatos interescolares, interestaduais, nacionais e mundiais, mas também acontecem de maneira livre e independente, dentro das particularidades de cada coletivo e evento. Neste sentido, o slam se apresenta como um espaço democrático para a livre expressão poética, pois nasce na contraposição de uma ideia elitizada e academicista sobre a poesia. Eliza partilha sua experiência ao conhecer o slam:

Eu estava no ensino médio, no último ano para formar. Em 2018, conheci o slam. Fazia (Programa) Valores e o Rogério Coelho dava aula lá. Teve uma vez eu fui no Slam Clube da Luta e eu não gostei, não entendi nada e pensei: “nó, nunca mais eu volto”. Agora, quase que moro lá. Antes, eu não tinha entendido muito bem a proposta e tal. O Rogério levou o slam interescolar lá pra escola e uma amiga minha

<sup>26</sup> Acesso em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/135272>>.

da época que participava do slam, me chamou para assistir ela recitar. Fui e comecei a me interessar. No final do ano, teve o Slam MG, no Sesc Palladium, e fui porque nessa época também estava no Valores de Minas (e também contaria como dia de aula). Foi naquele dia que falei com minha amiga: “Véi, é isso aí que eu quero fazer” e foi ali que me encontrei, é isso. Consegui achar nesse lugar a literatura que me cabia e quando acabou o ano e chegou o outro, fui para recitar e foi assim que me entendi enquanto poeta e escritora. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

O slam, a partir da década de 80 e nos períodos mais recentes, foi tomando corpo em outros espaços, principalmente periféricos, e abriu possibilidades das pessoas engajadas com esse movimento partilharem, através da poesia, suas visões sociais, políticas e percepções de seus corpos no mundo. “Aos slammers atribui-se a responsabilidade de promover a poesia oral, falar poesias (spokenword), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os slams em linguagem, em educação – eis os desafios dos slammers ao/no mundo contemporâneo.” (NEVES, 2017). Aprofundando mais o olhar sobre o slam, percebe-se várias nuances e tessituras que o constituem.

“De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo.” (D’ALVA, 2014, p.109)

O slam, enquanto ação no mundo, pode ser compreendido de diversas formas. Pode se manifestar como um movimento, já que vem se constituindo em comunidade, dentro de seus diferentes contextos e maneiras de se fazer. Ana fala um pouco como foi seu processo de inserção no slam e resgato o que tecemos em partilhas e reflexões anteriores, em “escrever como forma de sangrar”, porque as subjetividades também tecem as relações de comunidades que são e podem ser construídas através da poesia e dos eventos coletivos como o slam.

Foi muito louco, passou um mês eu comecei a recitar. Só que enxergava o slam e a minha questão de poesia como forma de desabafo total, dessa mágoa, desse ressentimento todo guardado, dessa vivência de mulher preta, da história da minha família, de tudo que eu vivi nesse meio. A minha vivência mesmo. Tentando contar a história do meu mundo, meu universo, de dentro pra fora e ser isso. Tanto que em vários momentos eu me enxergava como uma porta-voz de todos os silêncios, não só meus, mas da minha família também, sabe? Porque tem vários fatos ocultos que aconteceram aqui dentro de casa, de vivências do meu tio, da minha tia, de primos, que foram pesados, questões de racismo que senti esse lugar de estar contando para as pessoas, estar desabafando. Então me enxergava como uma porta-voz desse silenciamento todo que acontecia aqui de várias formas e, aí, só enxergava minha poesia como desabafo sendo o mais transparente possível, mas o transparente só do lado da dor e, aí, nesse momento, o Afrolíricas tem me ensinado muito, as meninas tem me ensinado muito que não é só isso, como a Iza mesmo falou. Tenho poesias guardadas que não mostro pra ninguém, que são outras formas de me expressar, e é isso. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Os slams podem ser compreendidos, por quem os constrói, como uma ação política, pois são organizados e protagonizados pelas juventudes periféricas, negras e LGBTQIA+; pessoas diversas que colocam seus corpos e poesias em cena, possibilitando encontros, partilhas que podem alcançar tanto o campo das subjetividades, como se conectar com uma dimensão mais coletiva, possibilitando a autoria e protagonismo dessas vozes.

Em Belo Horizonte, há a presença de vários slams<sup>27</sup>, tanto em espaços centrais da cidade, como em periferias e regiões metropolitanas. Segundo o Guia de Slams<sup>28</sup> de Belo Horizonte: “É difícil classificar e catalogar o movimento de Slam de maneira simplificada, visto que ele é vasto, mundial, inclusivo e flexível (2021).” Portanto, não cabe, aqui, sistematizar datas ou espaços que os slams acontecem, ou quais slams estão circulando, pois, todas essas manifestações estão sempre em movimento. Porém, a seguir, irei trazer alguns slams que pude acompanhar de perto pela cidade.

O *Slam Clube da Luta*<sup>29</sup> foi o primeiro na modalidade de competição de poesias faladas de Minas Gerais, desde 2014. Ele acontece sempre na última quinta-feira de cada mês, no Teatro Espanca, localizado no Baixo Centro de Belo Horizonte. Lá, poetas marginais de diferentes espaços e trajetórias partilham, em forma de corpo e poesia, suas narrativas, denúncias e percepções como sujeitos na sociedade.

Os slams também podem se caracterizar dentro de suas marcas identitárias. Em Belo Horizonte, trago o exemplo de dois Slams específicos, o *Slam Empreteceu*<sup>30</sup> e o *Slam das Manas*<sup>31</sup>. O *Slam Empreteceu* se caracteriza como uma competição de poesia falada, que abre espaço para o povo preto, traz a voz, o corpo e a palavra como forma de resistência.

O *Coletivo Empreteceu*, que organiza este slam, foi criado no ano de 2019, pela juventude negra, poetas pretas/os/esque desejavam que suas vozes ecoassem mais alto nos espaços da cidade. O *Slam das Manas*, idealizado, construído e protagonizado por mulheres, está presente, desde 2016, na cidade. Os encontros acontecem nas sextas-feiras, no Centro de Referência da Juventude - BH<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup>As informações sobre os slams citados acima, da cidade de Belo Horizonte, foram tiradas através das redes sociais dos coletivos organizadores.

<sup>28</sup> O livreto se propõe a ser um Guia de Slams de BH e Região Metropolitana. Lá estão dispostos dados obtidos através das “Cartografias da poesia urbana em Belo Horizonte: mapeamento e estudo dos Slams da capital”, mobilizadas no CEFET-MG e financiado pelo CNPQ.

<sup>29</sup> Acesso em: <<https://www.facebook.com/slamclubedaluta>>.

<sup>30</sup> Acesso em: <<https://www.facebook.com/Coletivo-Empreteceu-358125324725887>>.

<sup>31</sup> Acesso em: <<https://www.facebook.com/coletivamanas>>.

<sup>32</sup>O CRJ é um espaço público da Prefeitura de Belo Horizonte vinculado à Subsecretaria de Direitos e Cidadania (SUDC) da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC), que se propõe a atender e oferecer espaços e equipamentos para as produções das juventudes da cidade. Ele é fruto da

Entrei na Pós-Graduação com a proposta de estudar o slam, como espaço que mobiliza a educação dos sujeitos, porque fui impactada e atravessada por essa linguagem /manifestação, quando pude presenciar.

O slam me estremece! Toda vez que eu saio do slam, me sinto muito mobilizada, mas é muito isso! A gente já vai com uma visão direcionada, com a expectativa do que a gente quer ouvir e eu, viajada do jeito que eu sou, toda vez que saía de lá, pensava na possibilidade de começar a escrever. Já voltava no ônibus pensando em uns versos e acabava que nunca escrevia, nunca escrevi. Entendo que, talvez, meu lugar sejam as cartas, sempre fui de escrever carta, de amor, amizade, ódio.... Eu tenho um caderno de cartas, que escrevo para os meus sentimentos (raiva, frustração, epifanias, desejos), carta pra ressignificar esses sentimentos, então, assim, a poesia me encanta e sinto que consigo me conectar com a poesia através da apreciação. (Roberta– Trecho de entrevista com Afrolíricas)

A fala narrada acima, assim como o que venho lendo, escrevendo e conversando, entra em consonância com a noção do slam como espaço de denúncia, que realmente atravessa a experiência, a narrativa e a oralidade, que ali interagem. Ele é visto como livre expressão poética, manifestação artística e espaço de encontro e, de fato, pode ser visto desta forma e de muitas outras, mas de todo modo, em nenhuma destas, estão descoladas com o sentido político, social e de resistência nesta manifestação.

### 3.1.2 Os saraus periféricos

Os saraus, diferentes do slam que é uma manifestação recente, já existiam nas diferentes sociedades (e aqui vou me ater nas sociedades ocidentais, pois é o acesso histórico que tive, até então), assim como aponta o artigo: *O sarau como estratégia de resistência poética e reflexão sobre novos territórios culturais* (2016):

“Os saraus, em princípio, para as novas gerações podem parecer genuinamente pós-modernos, com performances, dramatizações criativas, com o apoio ou não da música. Mas como se sabe, em muitos momentos da cultura ocidental, independente de suas denominações e guardadas as diferenças temporais e estéticas, os saraus atraíam a atenção e tornaram-se ponto de encontro e prazer de diversas gerações.” (FRAZÃO, 2016, p.28)

Para além de ser uma manifestação já existente nos tempos modernos, ao longo do período histórico e das sociedades, os saraus foram se configurando e reconfigurando, passando por processos de mudanças e ampliando conexões, espaços, acessos. Presentes nos centros e periferias em territórios públicos ou ambientes privados. Os saraus têm como marca,

---

demanda vinda desse público e seu princípio norteador é ser um espaço de participação, de diálogo e de trocas de experiências entre indivíduos, instituições, grupos e coletivos, que atuam em prol das juventudes.

segundo Frazão (2016), o encontro e a troca. “Não se trata apenas de ouvir, ler, cantar ou falar, trata-se de interagir, de trocar ideias e informações.” (FRAZÃO, 2016, p.28).

“Na atualidade, tem chamado bastante atenção, a utilização dos saraus como mecanismo de reflexão e enfrentamento de problemas socioculturais, políticos (e, mesmo, econômicos). Nas últimas décadas do séc. XX e primeiras do terceiro milênio, os saraus que já existiam, ampliaram-se também nos espaços periféricos, tornando-se lugar de vivência poético-reflexiva.” (FRAZÃO, 2016, p.29)

Rogério Coelho, poeta marginal, pesquisador e articulador da cena de poesia periférica em Belo Horizonte, traz, também, seus olhares e reflexões sobre os saraus periféricos em sua dissertação de mestrado, intitulada: *A PALAVRAÇÃO: Atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e no PoetrySlam Clube da Luta* (2017). Após ler e apoiar-me nesses sujeitos que mobilizam estudos sobre a cena periférica e poesia, percebo que só estive neste formato de sarau. Para mim, enquanto pesquisadora-apreciadora, os movimentos de resistência e poesia são indissociáveis.

“Os saraus periféricos são resistência à exclusão social, nascem da marginalidade, superando os vícios hegemônicos, que não os oprimem, tentam falar por eles de fora e de cima, e buscam a emancipação à custa do avesso. Este é o lugar de legitimidade, de se reivindicar por direitos, de expor suas vozes requeridas da igualdade de gênero, raça, posição política e social. Interessam-me a forma com que os saraus periféricos unem as expressões artísticas e as maneiras com que elas flertam com o lugar de destaque na arte tida como marginal, uma vez que se posicionam, por meio da auto-afirmação, como avessos à cultura hegemônica ou vigentes dos espaços privilegiados dos centros urbanos.” (COELHO, 2017, p.18)

Falar sobre vivência poético-reflexiva está diretamente colada com a trajetória de pessoas que usam de suas narrativas e vozes, movimento de troca de informação política e resistência. Falar de resistência na poesia, também não se restringe a lírica poética. Torna-se um ato cotidiano pela valorização, reconhecimento, respeito e retomada de território.

“Toma-se aqui, para os saraus, a designação de compor, como ‘algo’ que compõe o ambiente urbano, sem que necessariamente interfira ou intervenha, com a intenção de modificar ou ferir em um organismo preexistente. Compor o urbano, por mais que as ações de interferir ou se intervenção estejam dialeticamente agregadas, significa fazer acontecer neste ambiente ‘algo’ que deveria estar ali, que deveria previamente existir ali ou ser da natureza daquela ordem. Algo que não está por alguma questão política, social e cultural. Algo que deveria ser parte de um organismo social, e não o é em função, muitas vezes, das formas de organizações hegemônicas excludentes, que deixam o ambiente da periferia à mercê, do ‘lugar da cultura’.” (COELHO, 2017, p.20)

Sendo plateia, já presenciei vários tensionamentos que os coletivos precisam enfrentar para ocuparem os espaços públicos do centro da cidade. Sejam as pessoas que atravessam os espaços que os saraus acontecem, e soltam expressões hostis, por não compreenderem ou concordarem com aquele movimento e, até mesmo o serviço de segurança pública, que fica

próximo com postura ameaçadora, como se aquele espaço “não fosse” do direito de todas/os/es. Os mecanismos políticos e institucionais também possuem responsabilidade, barram os acessos pela cidade. Fazer sarau, slam, transitar com o corpo e a voz, que são marginalizadas nos espaços, é um movimento de resistência diária.

Em meio a todos estes atravessamentos, há também espaço de acolhida e segurança que esses movimentos poéticos ocupam. Aqui vou citar três desses espaços na cidade de Belo Horizonte; Teatro Espanca, Afropub<sup>33</sup> e CRJ<sup>34</sup>. Para além desses espaços que se constituem no centro e as próprias comunidades, periferias são lugares que acolhem com mais legitimidade os movimentos poéticos e políticos de saraus e slams, assim como, as diversas expressões artísticas que se articulam com a poesia.

Desejo deixar um salve para alguns saraus que já presenciei ou acompanho - *AfroSarau, Sarau Poesia Temporal, Sarau Manas, Sarau Preto, Sarau do Viaduto pra Cá, Sarau da Pretaiada, Sarau Avoante, Sarau Comum, Sarau Coletivoz e Sarau Literário* - assim como tantos outros que vem se formando, ressignificando-se e/ou não possuem tanta visibilidade quanto os que rodam pelo centro.

Fiz questão de trazer a dimensão do sarau por entendê-lo também como grande espaço de importância para a livre expressão poética. Os saraus se propõem a troca, não, necessariamente, só por meio da poesia: nele não está presente a dimensão de disputa, apenas a partilha e por isso se diferencia do slam. Entretanto, pelo menos na cena de Belo Horizonte, poetas que articulam e participam dos saraus também estão presentes no slam, isso porque a poesia tem a potência de transbordar formatos específicos, para assim abrir espaços para a celebração do encontro e da troca como resistência, voz e palavra.

“A palavra como sopro, dicção, não apenas agencia o ritual, mas é, como linguagem, também ritual. E são os rituais de linguagem que encenam a palavra, espacial e atemporalmente, aglutinando o pretérito, o presente e o futuro, voz e ritmo, gesto e canto, de modo complementar.” (MARTINS, 1997, p. 148)

Negro Bispo, quilombola, ativista político, militante da luta pela terra e lavrador, formado pelas mestras e mestres do Quilombo Saco-Curtume (Piauí), em seu livro *Colonização, quilombos, modos e significações*(2015), traz as noções das manifestações culturais coletivas dos povos afropindorâmicos, que muito se articula com o que os movimentos culturais coletivos majoritariamente pretos vêm fazendo no presente

---

<sup>33</sup> Bar aberto e espaço cultural, voltado para o povo preto, localizado na Avenida do Contorno, 2170, Floresta, BH.

<sup>34</sup> Centro de Referência das Juventudes, localizado na rua Guaicurus, 50, centro, BH.

“As manifestações culturais dos povos afropindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo.” (BISPO, 2015 p.41)

Os slams, saraus, circuitos literários, manifestações artísticas periféricas, são construídas em comunidade. Aproximo os apontamentos de Negro Bispo com as manifestações articuladas pelos coletivos, como forma de celebrar os fazeres dos povos contracoloniais, que estão muito mais presentes no nosso cotidiano do que temos dimensão. Neste momento, interessa-me apresentar uma dimensão mais panorâmica sobre o slam e o sarau, mas pretendo trazê-los posteriormente dentro da experiência das poetas: o AfroSarau e AfroSlam produzidos pelas Afrolíricas compõem parte desses processos de luta, voz, resistência e celebração de encontros.

### 3.2 Meandros

Os meandros são as sinuosidades do rio, quando as águas passam por caminhos mais tortuosos entre curvas e emaranhados. Durante meu diálogo com as Afrolíricas, muitas vivências e reflexões foram compartilhadas. Em um dado momento da entrevista, estávamos falando sobre viver o mundo poético como um todo. Ana disse que criar o Afrolíricas foi uma “subidona” mesmo: “só vindo coisa atrás de coisa e, tipo assim, nós não entendendo nada e entendendo tudo ao mesmo tempo.”<sup>35</sup> Eliza completou, dizendo que elas “fizeram tudo! Tudo que chegou até elas, elas sempre toparam”<sup>36</sup> (. Junto disso, Ana trouxe ênfase a uma experiência que vivenciaram no torneio de slam de São Paulo.

Assim como falei anteriormente, estar envolvida com a poesia vai muito além de escrever poemas. Priorizei abranger o entendimento sobre os saraus e slams por entendê-los como campos férteis, que cada vez mais vem ganhando visibilidade, não só nos centros, mas principalmente nas periferias. Porém, há um universo de produções coletivas, que as pessoas que compõem a cena poética vivenciam, nas múltiplas produções culturais, espalhadas pelo Brasil e mundo, como apresentações autorais, encontros, cursos, grandes e pequenos festivais entre muitos outros, os circuitos, torneios etc.

<sup>35</sup> Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

<sup>36</sup> Idem.

Os torneios acontecem a níveis municipais, estaduais, nacionais e mundiais. O relato a seguir, contado por Ana, foi uma situação que aconteceu no Torneio de Slam, na cidade de São Paulo, em 2021, em que as Afrolíricas foram convidadas a participarem.

Quando chamaram a gente pro torneio, nós: “nossa, chamaram a gente pro torneio! ”Pensamos no local, câmera, porque seria online, tudo para sair da melhor forma pra galera que tivesse assistindo. Nós inauguramos o uniforme novo, a boina e chamamos o fotógrafo para fazer nossa transmissão. Alugamos o Espanca, então assim, toda uma produção para a transmissão desta live. O pessoal de São Paulo faltou chorar, arrancar o cabelo, teve gente que mordeu as próprias costas. Roberta, de verdade, sério!

Teve uma menina, em um momento lá, que eu não preciso citar a cor dela, que interrompeu nossa apresentação para reclamar de regras do slam, no momento que a gente tava recitando, sendo que ela mesmo que é lá da cena do “País” dela, lá de SP num tava sabendo, porque pra eles, SP é um país né, de tanto que tem ego... (Ana - Trecho de entrevista com Afrolíricas)

No primeiro momento, não entendi muito bem todas as questões que atravessavam a fala de Ana, mas senti, acima de qualquer coisa, incômodo. Não pretendo aprofundar nestas questões de território, pois é um campo muito amplo de discussão que não cabe ao contexto que vem sendo construída a narrativa desta pesquisa, mas preciso localizar aos leitores e leitoras que, tanto no campo da poesia como na cena cultural e artística do Brasil, há um forte polo de produção entre a ponte Rio – São Paulo. Não falo só da produção, falo também sobre as oportunidades. De fato, há uma concentração hegemônica de investimento e visibilidade neste polo.

Essa concentração também se relaciona com o capital financeiro que roda e retroalimenta essa mesma estrutura. Quando acesso os bancos de dados de produções científicas que falam sobre slam, sarau e poesia, percebo que, hegemonicamente, essas produções estão localizadas neste polo, principalmente, em São Paulo (SP). A disputa, assim como a busca pela legitimação, ocorre também em outras áreas, além da artística.

Voltando ao relato, abri o meu campo de escuta para compreender melhor qual era a problemática em relação à apresentação no evento e Iza completou, falando que, a mesma menina que interrompeu a apresentação do coletivo, estava alegando que as Afrolíricas estavam “segregando o rolê” e ainda debochou, dizendo que “só faltou drone na apresentação delas”. Ana salientou que ela e as meninas não estavam burlando regra alguma, mas que a qualidade e o preparo da live delas, comparada com a da menina em questão, estava muito diferente.

Quando Ana cita a poeta que as interrompeu e diz “não preciso citar a cor dela”, fica muito nítida que a complexidade em questão, não está somente na disputa pela estrutura

material que incomoda a poeta de SP, diz também sobre uma subjetividade que se recontorce ao ver mulheres pretas, que não estão no polo cultural, da ponte Rio-SP, produzindo suas ações com excelência. Eliza, mesmo, disse no evento, no momento da interrupção: “não sabe lidar com a excelência de outros estados, não convida.”

Enquanto mulher preta que é atravessada pelas estruturas da branquitude, em todas as áreas da minha vida, assim como Ana, Eliza e Iza, preciso trazer este debate e complexificar as reflexões perante esse relato, primeiro entendendo do que venho considerando quando falo sobre branquitude.

“A branquitude, ou identidade racial branca, se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência de escala local e global. Não se trata de uma identidade racial homogênea e estática. A branquitude modifica-se no decorrer do tempo” (CARDOSO, 2011, p. 81)

Essa definição de Lourenço Cardoso (2011), sobre a branquitude, é importante por provocar o entendimento de que pessoas brancas também fazem parte de um grupo racial, sociologicamente falando, que é diverso, complexo e transmuta-se ao longo do tempo.

A branquitude procura se resguardar numa pretensa ideia de invisibilidade; ao agir assim, ser branco passa a ser considerado como padrão normativo e único de ser humano. Considerar o branco como único grupo sinônimo do ser humano, ou ser humano “ideal”, é indubitavelmente uma das características marcantes da branquitude em nossa sociedade e em outras.” (CARDOSO, 2011, p. 82)

Quando trago essa análise que Cardoso (2011) produz sobre a branquitude, compreendo que ela não está descolada das reflexões que quero expor junto ao relato das Afrolíricas. Nós, quatro enquanto mulheres pretas em diálogo, em momento algum tivemos a necessidade de recorrer à teoria e nem fazer muitos esforços para alcançarmos o entendimento sobre o que atravessou o comentário de Ana: “não preciso citar a cor dela”.

Compreendo que na construção desta pesquisa, assim como para o campo de estudo, esse exercício de teorização se faz mais que necessário, já que estamos submersas/os/es na brancura da produção de conhecimento, que contribui para o “Pacto Narcísico da branquitude”<sup>37</sup> continuar seu curso. Apoio-me, também, no texto de Djamila Ribeiro<sup>38</sup>, que explicita, com mais profundidade, o termo cunhado por Cida Bento e amplia o campo de compreensão sobre as questões aqui apresentadas:

O termo “pacto narcísico da branquitude” foi cunhado por Cida Bento a partir da figura mítica de Narciso, para desvelar o compromisso da branquitude em manter a

<sup>37</sup> Termo cunhado por Maria Aparecida Silva Bento, psicóloga, intelectual, ativista e escritora e conselheira do CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades), é doutora em psicologia pela USP.

<sup>38</sup> Djamila Tafs Ribeiro dos Santos é filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira.

estrutura racial injusta que os privilegia: um pacto de proteção e premiação, nítidos ao menos atento olhar que observa o grupo que se premia, se contrata, se aplaude, se protege. O caçador mitológico grego, apaixonado pela representação da própria imagem, olha pra si como único objeto de amor. No Brasil, trata-se de um pacto muito forte, quase indestrutível, que acaba por eleger um discurso autorizado de saber. Vale dizer que discurso aqui é além de simples pronunciamento, mas de ações, falas e existências. A noção de “lugar de fala”, nesse sentido, é importante como contraposição à ideia de um sujeito universal representado na figura de Narciso, tão bem trabalhada por Grada Kilomba em sua exposição *Illusions* vl. I. Narciso consegue olhar apenas para seu reflexo e tudo diferente a ele sequer é notado. O som pelo qual se apaixona é o som de Eco, ninfa condenada apaixonada por ele, mas que consegue repetir apenas as suas últimas palavras. A partir do mito, conseguimos refletir sobre a dificuldade de Narciso escutar algum discurso que não seja de Eco. Inclusive, alguns discursos são entendidos como ameaçadores à sua existência. A necessidade de escuta é uma realidade no país de tantas desigualdades sociais, mas é necessário aprender a escutar, sobretudo por parte de quem sempre foi autorizado a falar. (Djamila Ribeiro., 2020.)<sup>39</sup>

Cardoso (2008) diz que “ser branco pode significar ser poder e estar no poder”. Todas essas reflexões que explicitarei, apoiadas por importantes teóricos e estudiosos, trazem ao campo de entendimento que os mecanismos da branquitude, assim como o pacto narcísico, permitiram à menina citada por Ana, interromper a apresentação das Afrolíricas, no meio do torneio, por simplesmente se sentir incomodada com o desenvolvimento do trabalho delas, comparado ao seu.

Esse lugar de poder legitimou a poeta de São Paulo a se sentir autorizada a interromper e tentar silenciar a voz de mulheres pretas, para sustentar seu jogo de ego em meio às apresentações. Dito isso, trago também a narrativa de Eliza, que conclui o relato dessa experiência, apontando também outros problemas estruturais que perpassam a trajetória de poetisas que não estão no polo da cena cultural.

A menina me falando lá da Vila Madalena, que a gente segregou porque eles não tinham dinheiro, colocou a gente como se não fossemos humildes, sendo que ficamos meses juntando dinheiro pra esse corre e a Ana falou: “ô minha filha, se você for viver da poesia que você faz aí, em Belo Horizonte, cê vai passar é fome”.(...) Nós trampamos com várias outras coisas pra conseguir dinheiro e fazer isso aqui, sendo que o reconhecimento que o povo de lá tem, não temos nem um terço, o dinheiro que a gente ganha, não chega nem perto do que eles ganham, pra chamar a gente de desumilde. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

As Afrolíricas, denunciam também as questões que envolvem a valorização financeira e o acesso a investimento e oportunidades. Elas, enquanto poetisas, precisam trabalhar em outras áreas para sustentarem sua arte e, ainda, são atravessadas por vários convites e propostas, que aqui estou dizendo de eventos culturais e acadêmicos, que desejam a presença e as contribuições do coletivo, mas não oferecem uma contrapartida pelo seu trabalho.

<sup>39</sup> Acesso em: <[https://www.instagram.com/p/B\\_QY9-TDdQi/](https://www.instagram.com/p/B_QY9-TDdQi/)>

E tem uma parada que é... a gente é muito de boa, a gente é suave de trocar ideia e tenta resolver as coisas da melhor forma. Só que a galera chega como se fosse nossa obrigação, como se a gente fosse “as santas imaculadas da literatura preta” como se fosse: “oh meu Deus, essa menina vai vir aqui falar da Conceição Evaristo, que lindo”(...) Isso assusta. Isso assusta muito! Porque, tipo assim, quando eu fiz o curso de história da África, o Marquinhos Cardoso contou pra gente como era esse processo de uma pessoa branca ir lá no meio dos povos originários, pesquisar tudo, sugar tudo, anotar tudo e depois voltar e colocar nos livros. Era isso. E, tipo assim, a gente sente que esse processo também pode acontecer com a gente, sabe? Só que de uma forma “2021”, fazer uma reunião, sugar tudo e sumir com tudo... das nossas vistas. (Ana - – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Ana chama atenção para as relações que são estabelecidas através desses contatos, muitas vezes incisivos, em que há uma demanda que exige tempo, investimento e trabalho (que fazem parte da profissão de artista). Porém, essas pessoas que demandam, reduzem todo o corre a “ir ali e fazer uma apresentação” ou “não custa nada abrir esse espaço”. Eliza completa que a questão não é só pelo dinheiro, mas há diversas maneiras dessa contrapartida acontecer, inclusive reconhecimento. É sobre estabelecer uma relação respeitosa com o trabalho do coletivo.

E aí o povo quer que demos todo o nosso conhecimento a troco de nada. E a pessoa nem pra falar “olha eu não tenho dinheiro mas eu compro seus produtos”, sabe? Uma outra forma assim, de tá ajudando, mas não, é sempre assim: “ah, eu sou fulano tal mas não temos dinheiro”(...) E, tipo assim, a galera é muito sem senso e a gente é super aberta, não é uma coisa do tipo “bota 5 mil reais na minha conta que eu faço”. Não, véi! Existem mil possibilidades, mas as pessoas só querem as possibilidades de ir lá te explorar e ainda assinar o nome dela no TCC, formar linda, bonita e foda é o seu. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Foi conversando, recebendo e lidando com esses convites e contatos, que o coletivo entendeu que há a necessidade de fazer escolhas, do que faz sentido contribuir, com quem ou que projeto é legítimo colar e quais são as interações, trocas e contribuições que podem ser frutíferas na caminhada.

E, tipo assim, algo que a gente preza muito é: “quais são as pessoas que fortalecem o nosso corre? Que vai nos nossos eventos e, de alguma forma, tá com a gente ali”. Porque tem muita gente que nunca viu nada nosso, nunca foi em nada nosso e aí, tipo assim, chega lá querendo um fortalecimento gigantesco. Você é a segunda pesquisa que a gente participa, porque a gente seleciona também. O primeiro foi com um professor de filosofia, foi um corre que a gente fez no slam interescolar, que são slams que acontecem dentro das escolas, e a gente somou. Ele tava contando como que a literatura transforma e realmente, assim, fez um movimento de implementar a literatura naquela escola, que você via que não tinha muitas coisas artísticas, sabe? Uma escola lá em Ribeirão das Neves. Aí a gente foi lá, participou e foi incrível, sensacional, muito foda. E o seu por conta dessa questão do compartilhamento, sabe? De compartilhar sua visão sobre... a gente compactua muito com isso. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Algumas parcerias vão se firmando ao longo do tempo. Elas também, enquanto artistas, vão se colocando em lugar de valorização por seu trabalho, mas o capital financeiro ainda é um campo muito complexo e difícil de ser acessado, ainda mais neste processo de desmonte e desvalorização da arte e da cultura, neste contexto político que estamos vivendo no nosso país. E aí, quando se fala de artistas pretas e periféricas, o processo é muito mais complexo.

Os meandros não se encerram por aqui. Foi importante trazer os caminhos tortuosos e os enfrentamentos relatados pelas Afolíricas, de maneira mais latente, neste momento, tendo o entendimento que dificuldades e oportunidades, durezas e colheitas, continuam percorrendo o rio em toda sua trajetória e isso, também, dá movimento aos percursos, mas não se findam neles.

**Figuras 5, 6, 7, 8** - Apresentação das Afolíricas pelo Torneio de Slam (SP), no Teatro Espanca - BH



Fotos: Pablo Bernardo<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Acesso ao vídeo em: <<https://www.instagram.com/tv/CMLMf4KpdoN/>>.

### 3.3 Leito: águas que continuam irrigando novas terras e saberes

Leito é colo. É caminho percorrido pelo rio, por onde fluem as águas. Escolhi essa parte, do percurso-rio, para falar de inspirações que endossam a construção das Afrolíricas, enquanto poetas, artistas e pessoas que são. Uma dessas inspirações é uma série intitulada “Revolucionários da História” (no próximo capítulo, tratarei com mais força as ações desenvolvidas pelo coletivo). O coletivo partilha textos, imagens, vídeos e informações, através de publicações na página oficial do Instagram<sup>41</sup>, sobre personalidades pretas que foram, e ainda são, fonte de inspiração e fortalecimento para o povo preto.

Intelectuais, escritoras/es, artistas egressas/os/es que inspiram a escrita, conduta e resistência do coletivo. Portanto, parto dessas publicações, que as Afrolíricas compartilharam, como meio de formação e informação à comunidade que acompanha seus trabalhos, para guiar as referências teóricas deste capítulo. Afinal, nesta pesquisa, elas são minhas maiores referências.

Antes de expor aqui as referências, que foram publicadas pelas Afrolíricas nas redes sociais, trago uma presença-inspiração importante, de forma muito respeitosa e carinhosa, a avó da Ana. Em meio à entrevista, quando estávamos falando de inspirações, primeiras poesias e o que as levaram a percorrer este caminho, Ana trouxe a presença de sua avó como inspiração para a primeira poesia que escreveu. Deixo cá essa partilha preciosa, para darmos seguimento ao rio.

Mas o que antecede essa vontade... eu tinha minha avó, ela era minha mãe, na verdade, né? Eu cresci junto com ela (...) quando minha vó faleceu, foi um fato muito marcante na minha vida, ficou na minha cabeça a ideia de marcar minha avó de alguma forma. Ela foi uma mulher muito grandiosa, em vários sentidos, sabe? Eu pensava, eu preciso marcar a memória da minha avó de alguma forma e quando fui no slam, me deu a ideia de fazer uma poesia para a minha avó, e foi a primeira poesia que eu escrevi. Foi uma poesia muito de realidade, assim, eu não romantizei nenhuma situação de vida da minha avó e exaltei real a visão que ela me passava. Inclusive, tenho vontade de voltar a escrever sobre ela, de umas outras perspectivas que eu tenho, depois de, sei lá, 2, 3 anos, que eu escrevi minha primeira poesia, porque as visões, elas vão mudando, enfim... (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

**Eva**

*Eu cresci e cresço*

*Me senti e ainda sinto*

*E por fim descobri que me contaram mentiras*

<sup>41</sup> Acesso em <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

Como se fossem verdades absolutas  
 Verdades estas que rasgaram a minha dor e minha luta  
 E por falar em luta eu lembro da labuta que era pra minha vó  
 E minha garganta chega a dar um nó  
 De ter que recitar  
 Tudo que ela viveu, aliás sobreviveu...  
 Dona EVA  
 Só que essa não foi retirada da costela de Adão  
 Essa foi feita de suor lágrimas e carvão  
 Sua pele preta brilhava  
 E em suas costas carregava um marido quatro filhos dois empregos  
 Mas o seu maior fardo mesmo era de ser mulher  
 E ainda por cima preta  
 De sexo frágil e cor um tanto quanto sujeita  
 Não sabia ler nem escrever  
 Mas botava muito mas muito dos que pagava de esperto pra cima dela pra correr  
 Por que Eva nascida do carvão  
 Aguentava patrão, nasceu só pra servidão  
 Teve que ouvir do seu próprio marido  
 Que seus dois empregos eram fingidos  
 Só pra dá pra macho escondido  
 Desapercebidos  
 Perderam a vez de ver a força encarnada em forma de mulher  
 Rainha da cabeça aos pés  
  
 E eu, não! NÓS as filhas das filha de Eva,  
 Que viemos dar som tom ação e propagação à voz que antes era afligida e oprimida  
 Sonhos de geração que é de corpo presente, viemos com armas pesadas  
 É a gente que sente e não vamos bater com a língua nos dentes  
 Por que nós pretas ao contrário do que você queria  
 Tamo firmona tamo na correria  
 De alma livre em meio aos caminhos incertos  
 Nada concretos, sabendo que ainda temo que luta por muita coisa

*Porque o tempo que eu perco contando meu verso, já se foi mais um preto abordado  
Pelo seu corte, seu porte, seu jeito, seu trejeito, suspeito  
Mas mesmo assim viemos  
E como antepassadas sobrevivendo  
E aprendendo que é quando nos vestimos da capa que nos serve o corpo atinge  
Espaços antes nunca alcançados*

*E uma preta tem que ser, tem que pá  
Tem que ocupar e encarar  
E cês assusta quando a gente grita  
Atura ou surta  
É que cês gosta da bunda da carne dura  
Di chama de puta  
Mas não dar cor que vem junta  
E ainda temos que suportar gente insistindo em nos chamar  
De moreninhas do cabelo cacheado  
E procês é muito difícil de assumir que nós é preta do cabelo duro e bonita pra caralho  
Mas como disse Don L  
Uma frase muda o fim do filme  
E cês pode ter certeza que eu vô tá no fim pra te contar  
E cês vão ter que escutar  
Porque nós somos a NETAS das EVAS que cês nunca vão conseguir matar.*

**Ana Árvore**

**Figura 9: Aquarela Avó**



Fonte: própria autora

A partilha de Ana muito me lembrou uma fala de Conceição Evaristo, quando a escritora diz sobre as primeiras referências que teve para escrever. Elas vieram de sua mãe: “Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe?” (EVARISTO, 2020, p.49)<sup>42</sup>, e das lavadeiras que moravam próximas à Conceição, quando criança: “Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e, às vezes, até constrangedora, era na hora da devolução das roupas limpas.” (EVARISTO, 2020, p.50). E conclui dizendo que foram essas mulheres que a guiaram para o universo da escrita, mesmo que sejam aquelas mesmas mulheres, pessoas que não acessaram a formação de uma escrita dentro da linguagem formal.

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sóis riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que, folheando comigo revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina. (EVARISTO, 2020, p.51)

Esses relatos de Conceição Evaristo e Ana, em forma de texto-narrativa, carregam consigo a importância das mulheres que as criaram, próximas, ancestrais, como guias de seus movimentos de escritas. Antes mesmo de referenciar, aqui, nomes que possuem sua importância e contribuição ao povo preto, desejo referenciar as nossas mais velhas que abriram os caminhos, que nos ensinaram e fortaleceram nossa caminhada. Incluo-me, também, neste movimento, pois tenho as minhas mais velhas, mãe, avós e tias, que guiaram e continuam sendo minhas maiores referências enquanto pessoa, pesquisadora e artista que sou.

As pessoas que serão citadas nas páginas a seguir, também são referências muito importantes na formação e resistência da comunidade preta. Mesmo que, de maneira mais distanciada, suas vozes e ações no tempo ecoam ensinamentos, reflexões e estratégias para nossa continuidade, para seguirmos não só resistindo, mas também existindo.

Algumas presenças como Conceição Evaristo, Abdias do Nascimento e Carolina Maria de Jesus já eram conhecidas em minha trajetória de formação, outras como Virgínia

---

<sup>42</sup> Esse texto foi apresentado pela primeira vez, em 1995, durante o VI Seminário Mulher e Literatura, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Porém estou utilizando do livro *Escrivências: Escritas de Nós*, por ser a referência que venho mobilizando ao longo da dissertação.

Bicudo, FunmilayoKitu ou até mesmo Solano Trindade, conheci após a partilha do coletivo Afrolíricas nas suas redes sociais e também no curso, oferecido por elas, “A literatura o caminho de volta pra casa” (curso este que vou aprofundar no próximo capítulo, “Mergulho Profundo”). Com isso, a ideia é trazer um pouco do pensamento desses sujeitos e suas relações com o universo poético.

**Figuras 10 e 11 - Conceição Evaristo [série: Revolucionários da História]<sup>43</sup>**



Fonte: Instagram @afrolíricas

*A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomoda-los em seus sonos injustos”*  
(Conceição Evaristo)

A poeta, letrista e escritora, traz consigo, além do encanto de sua existência e da poesia que a atravessam até os ossos, a escrevivência como legado. Precisamos entender a dimensão da escrevivência que parte de um lugar muito específico, vivência de mulheres, pessoas negras, que não se limita ao campo individual. Por ser coletiva, temos na escrevivência, meio de romper o silenciamento e a zona de conforto da branquitude. A escrevivência permite a nós, mulheres pretas, povo preto, abriremos caminhos para que possamos contar nossas próprias histórias.

Trazer nossa narrativa e olhares para história, como seres que possuem sentidos e sensibilidades em sua existência, é nos humanizarmos frente àquilo e àqueles que arrancaram de nós, nossa humanidade. É reconstruir e ressignificar de maneira nossa o que somos no aqui

<sup>43</sup> As imagens, os textos com fonte, assim como os links dos vídeos, foram tirados da página oficial das Afrolíricas no instagram. Acesso <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>.

e agora, mas também conectados/as/es com os/as/es que antecederam a nós, para tecer assim e produzir novas formas de ser e existirmos, quando olharmos para o futuro.

**DESCRIÇÃO:** "Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo". Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em Belo Horizonte. Graduada em Letras pela UFRJ. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Sua escrita é versátil pois cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Conceição possui um forte poder de nos levar para dentro de seus contos, fazendo com que quem os lê sinta cheiro, som e sensações presentes no ato. Conceição cunhou um termo para sua literatura, com base no que chama de "escrevivência", a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo. E ela ainda afirma: "é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta." (Página Oficial Instagram Afrolíricas)

#### Figuras 12, 13, 14-Beatriz do Nascimento - Série: Revolucionários da História



Fonte: Instagram @afrolíricas .

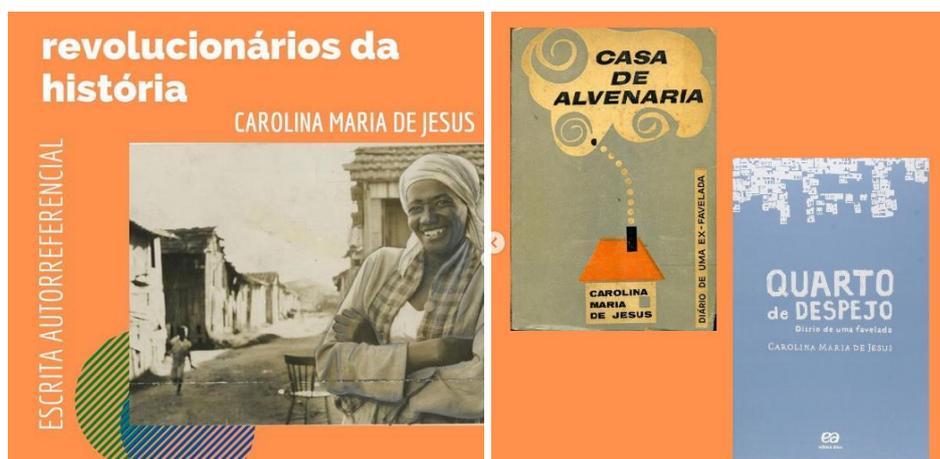
Beatriz Nascimento, assim como para as Afrolíricas, é uma grande referência para mim. Historiadora, intelectual, mulher de luta, sempre deixou enfatizado em suas falas, textos e poemas que nós, pessoas pretas, não estamos aqui para servir de objeto de estudos para as pessoas brancas, porque podemos contar as nossas próprias histórias.

Quando na descrição as Afrolíricas escrevem que são sempre "sujeitadas a ofertarem conhecimento gratuito para branco(a), entregar mais um trabalho de TCC", e que estão na linha de frente para mudar essa realidade, sinto-me privilegiada em ter esse caminho aberto para produzir com elas, enquanto mulheres pretas. O desejo é que tudo que vem sendo produzido aqui não fique parado na biblioteca, a expectativa é que circule entre nossos

familiares, amigos, pessoas de dentro e fora da academia, da juventude negra e todas as pessoas que desejarem ter esse acesso.

**DESCRIÇÃO:** “Não quero ser objeto de pesquisa, a preta aqui quer ser o sujeito que estuda!” Uma frase que diz muito sobre essa grande referência Beatriz Nascimento, mas que também fala sobre nós. Somos sempre sujeitadas a oferecer nosso conhecimento adquirido, gratuitamente pra um branco(a) qualquer assinar o nome dele(a) e assim entregar mais um TCC/trabalho sobre uma realidade que ele(a) não vive. Assim como ela, estamos na linha de frente pra mudar nossa realidade.<sup>44</sup>

**Figuras 15 e 16- Carolina Maria de Jesus[série: Revolucionários da História]<sup>45</sup>**



*“Quando o homem decidir reformar sua consciência,  
o mundo tomará outro roteiro.”*  
**(Carolina Maria de Jesus)**

Carolina carrega consigo o verdadeiro significado da palavra insubordinação. Mulher preta, atravessada por várias violências deste sistema racista em que vivemos, mãe solo e catadora de lixo, nunca se deixou ser silenciada nem apagada da história. Denunciou, em suas obras, o descaso do Estado quanto aos direitos das pessoas pretas e faveladas, que são violentadas diariamente pelo governo.

Seu olhar e crítica sobre o mundo muito se aproxima ao que poetas que vivem nas periferias vêm denunciando em suas falas e declamações poéticas. Poetas pretas/os/es, periféricas/os/es, marginais, como desejarem serem reconhecidas/os/es, carregam em suas narrativas em meio aos saraus, slams e circuitos de poesia, denúncias da impunidade, assim como, Carolina em seus livros.

**DESCRIÇÃO:** Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento- MG, saiu do estado apenas quando em 1947 sua mãe morreu e assim foi para São Paulo viver na favela do Canindé, hoje extinta, na capital paulista. Sendo de família muito humilde, a autora

<sup>44</sup> Acesso: <https://www.instagram.com/p/CTAGrwVDU9a/>

<sup>45</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

estudou pouco, frequentou pouco a escola e estudou por apenas dois anos, sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira. Sua jornada segue e Carolina sendo uma mulher de personalidade muito ousada, rebelde e corajosa. Cria seus três filhos sozinha, pois não queria um marido, ela se sustenta vivendo de recolher papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade. “Incompatibilizada com as regras de trabalho em casas de família, quis alcançar voos próprios e passou a ser catadora de papel nas ruas paulistas”. Era ela uma mulher que não aceitava os padrões impostos. Ela era semianalfabeta, mas se interessava pela escrita, principalmente pelos papéis que recolhia (livros, jornais, revistas e cadernos) e a esses papéis ela dava um destino diferente, separava-os para suas leituras e para registrar sua vida em forma de um diário. E aí nasce uma grande poeta... A grandiosidade da história de Carolina não pode ser medida, é repleta de nuances na qual podemos ver nossas próprias vivências nesse país tão desigual. Com isso, ela escreve seu livro mais famoso, Quarto de despejo: diário de uma favelada. Se torna um dos livros mais lidos nas décadas de 60 e 70. Foi traduzido para treze idiomas e mais de quarenta países. O nome da obra foi inspirado numa fala da própria escritora: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de ‘viludo’, almofadas de ‘sitim’. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”. Sua experiência de favelada expunha ao coletivo uma “chaga feia” que provava as falhas do projeto de desenvolvimento econômico iniciado pelo governo federal em nome da modernização do país. Essa Mulher foi a revolução, nos ensina a ser narradores de nossa própria história, nos prova que "até num lixão um poeta pode nascer". Se afirmou como escritora! compositora mesmo quando todos diziam que Não! Suas obras incluem, além de Quarto de Despejo: Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada (1961) Diário de Bitita (1986); um romance: Pedços da Fome (1963); uma coletânea de poemas: Antologia Pessoal (1996) e uma compilação de pensamentos intitulada Provérbios (1965)<sup>46</sup>

### Figuras 17 e 18- Abdias do Nascimento[série: Revolucionários da História]<sup>47</sup>



Fonte: Instagram @afroliricas

“Eu não vim pra trazer calma das almas mortas, das inteligências petrificadas,  
do que não querer fazer onda à flor das águas [...]  
Eu estava mesmo disposto a assumir o papel de ‘boi de piranha’.  
Todo mundo foge desse papel, mas não me importo.

<sup>46</sup> Acesso: <https://www.instagram.com/p/CO27im0p9Pt/>

<sup>47</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

Se eu for sacrificado em nome do meu povo, estou recompensado de tudo . Toda a minha vida é isso mesmo, é o que indica toda a minha biografia. ”  
**(Abdias do Nascimento)**

Abdias foi um revolucionário que introduziu a noção de quilombismo de maneira mais ampla no Brasil, através de seu livro *O quilombismo* (1980), uma de suas principais obras. É assim como defende o próprio Abdias do Nascimento, um conceito científico histórico-social:

Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos legaram um patrimônio de prática quilombista. Cumpre aos negros atuais manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade. Um método de análise, compreensão e definição de uma experiência concreta, o quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores da economia deste país. Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no fronte da criação teórico-científica. Uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra, a qual vem sendo inexoravelmente exterminada. Seja pela matança direta da fome, seja pela miscigenação compulsória, pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental. Não permitamos que a derrocada desse mundo racista, individualista e inimigo da felicidade humana afete a existência futura daqueles que efetiva e plenamente nunca a ele pertenceram: nós, negro-africanos e afro-brasileiros. (Nascimento, 2002, p.349)

Abdias do Nascimento foi escritor, político, roteirista e diretor de teatro, além de artista plástico. Esteve à frente do Movimento Negro Unificado (MNU) assim como em meio às artes. Suas pinturas, livros e poesias circularam e ainda circulam ideias que fortalecem, formam e abrem caminhos para a resistência do movimento negro. O Teatro Experimental do Negro (TEN) também foi uma de suas formas de dialogar com o mundo.

Falar de Abdias é celebrar as várias possibilidades de criação, como seres plurais que somos. É afirmar que a arte sempre esteve caminhando de mãos dadas com a política e com a resistência. É celebrar a espiritualidade dos nossos ancestrais, orixás, nkisis e voduns, mesmo em períodos de profunda repressão política e racismo religioso. Abdias percorreu e produziu, em sua trajetória, diálogos através de várias linguagens, foi um grande revolucionário e sempre será. Isso tudo, também é sobre poesia.

**DESCRIÇÃO:** Nascido em 14 de março de 1914, Abdias do Nascimento foi nosso Griot, revolucionário acima de tudo e firme em suas palavras! Formou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro, participou da Frente Negra Brasileira. Ele fundou o TEN – (Teatro Experimental do Negro), do qual participaram Solano Trindade e outros intelectuais e artistas afrodescendentes. O objetivo maior do TEN era criar um espaço criativo nos palcos brasileiros para o negro, excluído do meio teatral. Em 1983, criou a Revista *Afrodiáspora*, um órgão de divulgação das atividades, dos problemas

e das aspirações dos afrodescendentes, especialmente nas Américas. O escritor foi protagonista de inúmeros fatos históricos relevantes, entre eles, a criação do Movimento Negro Unificado, em São Paulo. Ouçam-lo: "Eu estava lá, em 1978, nas escadarias do Teatro Municipal, no momento em que foi fundado o MNU. Depois, fizemos várias viagens por todo o país criando núcleos do movimento negro na Bahia, em Minas Gerais e na Paraíba, por exemplo". Além de poeta, teatrólogo e artista plástico, Abdias Nascimento destacou-se como cientista social e como autor de importantes trabalhos que tratam da temática afro-brasileira, considerados referência obrigatória nesse campo de estudos. Suas obras incluem: O genocídio do negro brasileiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. O quilombismo: documentos de uma militância. Podemos concordar que foram muitos os seus feitos, vale a pena procurar ler seus livros e conhecer mais a história desse nosso ancestral!<sup>48</sup>

### Figuras 19 e 20- Virgínia Bicudo[série: Revolucionários da História]<sup>49</sup>



Fonte: Instagram @afroliricas

*“Quanto mais subimos nas classes sociais, tanto mais aumenta a consciência de cor e tanto maior o esforço despendido para compensar o sentimento de inferioridade. [...] Entretanto, a ascensão ocupacional não confere ao preto, o mesmo status social do branco, consideradas as descrições demarcadas a linha de cor, ao passo, que o mulato garante sua inclusão no grupo dominante, embora na sua personalidade permaneçam as consequências do conflito mental”*  
(Virgínia Bicudo)

Virgínia Bicudo foi uma referência que só conheci após a partilha das Afrolíricas nas redes sociais. Até então, minhas referências de intelectuais negros que desenvolveram análises psicanalíticas, dentro de um aspecto das relações raciais ou focalizando pessoas negras, foram Neusa Santos Souza, que também é brasileira e o martinicano Frantz Fanon. Existe uma lacuna de silenciamento que a história não conta sobre pessoas pretas que foram importantes para nossa sociedade, principalmente quando se trata de contribuições científicas.

<sup>48</sup> Acesso: <https://www.instagram.com/p/COlcfNvpB0o/>

<sup>49</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

Virgínia trabalhou até seus 90 anos e faleceu em 2003, com 93 anos. Foi mulher e intelectual preta, precursora da psicanálise no Brasil, sempre conectada com a educação em sua trajetória e, por mais que se saiba pouco de seus movimentos, ela investiu seus estudos sobre as subjetividades negras aos olhos da psicanálise e possui algumas obras que vão desenvolver temas como a trajetória da psicanálise no contexto brasileiro e as subjetividades raciais de pessoas pretas.

**DESCRIÇÃO:** Sobre abrir caminhos, conheçam : Virgínia Bicudo. Virgínia Leone Bicudo foi uma socióloga, psicanalista e acadêmica {Brasil, 1910-2003}. Foi a primeira mulher a fazer análise psicanalista não-médica na América Latina. A primeira psicanalista não-médica do Brasil e a primeira mulher a escrever uma dissertação/tese de mestrado sobre o impacto psicológico do racismo sobre a saúde mental da população preta.<sup>50</sup>

### Figuras 21 e 22 - Luíza Mahín [série: Revolucionários da História]<sup>51</sup>



Fonte: Instagram @afrolíricas

*“Sou negra mina, sou nagô, sou jejê, sou pagã e libertária”*  
(Luíza Mahín)

Luísa Mahín foi uma das maiores revolucionárias pela libertação do povo preto no período escravocrata e liderou a Revolta dos Malês na Bahia, em 1835. Luísa era do povo Jeje e veio sequestrada, na condição de pessoa escravizada para o Brasil. Foi uma mulher que jamais se dobrou para a violência da colonização. Negou o batismo, estabeleceu estratégias de comunicação muito eficientes que vão além da capacidade de compreensão do colonizador, Luísa foi uma líder guerreira.

Falar de Luísa é reverenciar o matriarcado e a liderança das mulheres pretas. Muitas comunidades, povos e nações africanas são, em sua natureza, matriarcais, principalmente, no período pré-colonial. A violência da colonização modificou esse contexto, porém quando

<sup>50</sup> Acesso em: <https://www.instagram.com/p/CRho2IJ0v6/>

<sup>51</sup> Acesso em: <https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>

vamos em ambientes, comunidades e famílias pretas, conseguimos ver essa herança ancestral de perto. Os terreiros de umbanda e candomblé têm, como autoridade maior, as mães de santo. Nas comunidades, favelas e/ou aglomerados onde a maioria dos e das moradores são pessoas pretas, a autoridade maior e referências, na grande maioria das famílias, também são as mães e avós. Falar de Luísa Mahín é reverenciar nossas mães e avós e reconhecer as autoridades femininas que nos criaram e constituíram enquanto sujeitos.

**DESCRIÇÃO:** Luísa Mahin: Nascida em Costa Mina, na África, no início do século XIX. Pertencente à nação Nagô, da tribo Mahi, de onde acreditamos que se originou seu sobrenome. Luísa sempre se negou ao batismo forçado da igreja católica. Ela foi responsável por distribuir mensagens em árabe no seu tabuleiro de doces, durante a revolta dos Malês na Bahia, Salvador. Caso o levante dos malês tivesse sido vitorioso, Luísa teria sido reconhecida como Rainha da Bahia. Uma das maiores revolucionárias da história do nosso país foi eternizada e imortalizada pelas obras de seu filho Luís Gama, um dos grandes responsáveis pela abolição da escravatura no Brasil. Conheçam a história dela?!<sup>52</sup>

Figuras 23 e 24 - Luiz Gama[série: Revolucionários da História] <sup>53</sup>



Fonte: Instagram @afrolíricas

*“[no foro e na tribuna ganho] o pão para mim e para os meus,  
que são todos os pobres, todos os infelizes;  
e para os míseros escravos, que em número superior a 500  
, tenho arrancado as garras do crime”*  
**(Luiz Gama)**

*Em nós, até a cor é um defeito.  
Um imperdoável mal de nascença,  
o estigma de um crime.*

<sup>52</sup> Acesso: <https://www.instagram.com/p/CRUmd2LJZBt/> )

<sup>53</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

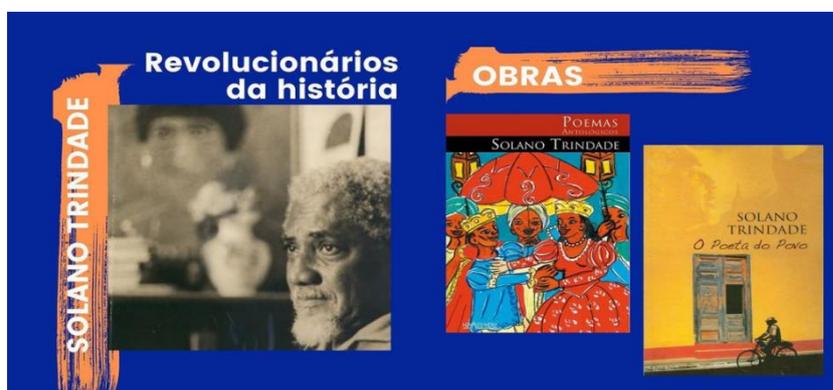
*Mas nossos críticos se esquecem  
que essa cor, é a origem da riqueza  
de milhares de ladrões que nos  
insultam; que essa cor convencional  
da escravidão tão semelhante  
à da terra, abriga sob sua superfície  
escura, vulcões, onde arde  
o fogo sagrado da liberdade.*

**Luiz Gama**

Talvez um dos nomes mais expressivos de resistência pela liberdade do povo preto seja o de Luiz Gama. Advogado, autodidata, filho de umas das maiores lideranças revolucionárias de nossa história, Luísa Mahín, ele também foi escritor e poeta. Gama, fez de sua existência, ponte de libertação para negros escravizados no período colonial. A sua história muito me remete à música *Princípio*<sup>54</sup> de Emicida, quando ele diz: “Tudo que nós tem é nós”. Luiz nos ensina através de sua luta e trajetória, que a libertação do povo preto só virá por nós, através dos nossos.

**DESCRIÇÃO:** O advogado dos escravizados! Mais conhecido Luiz Gama, nasceu em Salvador (BA), em 21 de junho de 1830. Filho da mítica Luíza Mahin e de um pai fidalgo de origem portuguesa, do qual nunca foi revelado. Em 1840, com 10 anos, Luiz Gama foi levado, por seu pai, para o Rio de Janeiro e vendido ao negociante e alferes Antônio Pereira Cardoso, para pagar uma dívida de jogo. Aos 17 anos conseguiu sua alforria, e concebeu na justiça a liberdade para mais de 500 escravizados, se tornando o homem negro mais importante do século 19. Além de ser jornalista e escritor, publicou vários contos e poemas assinando com pseudônimos como: “Getulino”, “Afro” e “Barrabás”.<sup>55</sup>

**Figuras 25 e 26 - Solano Trindade[série: Revolucionários da História]<sup>56</sup>**



<sup>54</sup>Música de autoria do cantor Emicida, faixa que abre o álbum *Amarelo* (2019). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28)>

<sup>55</sup>acesso: <<https://www.instagram.com/p/CQHwqZBpqOY/>>

<sup>56</sup>Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

Fonte: Instagram @afrolíricas

*CANTA AMÉRICA*  
*Não canto de mentira e falsidade*  
*que a ilusão ariana cantou para o mundo*  
*na conquista do ouro*  
*nem o canto da supremacia dos derramadores de sangue*  
*das utópicas novas ordens*  
*de napoleônicas conquistas*  
*mas o canto da liberdade dos povos*  
*e do direito do trabalhador*  
**(Solano Trindade)**

Solano Trindade foi resistência artística e poética pela liberdade do povo preto em um momento histórico que o nazismo ganhava força na Europa e, conseqüentemente, no Brasil, ao mesmo passo que a resistência do movimento negro, nas décadas de 40 e 50, ascendiam. Esteve junto a revolucionários como Abdias do Nascimento, pela luta e dignidade do povo preto. Suas poesias e obras falavam sobre liberdade, arte, cultura popular e povo. Tudo que atravessa o nosso cotidiano, de perto.

Ler Solano Trindade é experienciar uma sensação próxima, sentada num banquinho, ouvindo uma conversa, entre pessoas dali, ou observando o movimento da rua pela janela, que vem de lá. A riqueza poética e a própria denúncia do cotidiano de Solano Trindade continuam inspirando aos/as poetas a lançarem suas poesias no mundo

**DESCRIÇÃO:** Grande poeta brasileiro, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta, militante do Movimento Negro e revolucionário da cultura Afro-Brasileira: Solano Trindade! Um homem grandioso, filho do sapateiro Manuel Abílio Trindade e de Emerenciana Maria de Jesus Trindade. Solano foi o grande criador da poesia “assumidamente negra”, segundo muitos críticos. Os livros lançados por ele foram: “Poemas de uma Vida Simples”, 1944, “Seis Tempos de Poesia”, 1958 e “Cantares ao meu Povo”, 1961. Como ator, participou dos filmes “Agulha no Palheiro” (1955), “Mistérios da Ilha de Vênus” (1960) e “O Santo Milagroso” (1966). Trabalhou também como artista plástico, pintando quadros a óleo, sendo que um quadro do artista hoje faz parte do acervo do Museu Afro Brasil.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Acesso: <https://www.instagram.com/p/CP352ypJMX2/> )

**Figuras 27, 28, 29 - Cheikh Anta Diop[série: Revolucionários da História]<sup>58</sup>**



Fonte: Instagram @afrolíricas

Cheikh Anta Diop, rompeu com as referências hegemônicas sobre o nascimento da filosofia e seus primeiros filósofos. Seus estudos comprovaram que a filosofia, antes mesmo de ser reconhecida pela Grécia antiga, já era mobilizada em Kemet (Egito antigo) e que os filósofos gregos passaram longo tempo estudando com antigos mestres e filósofos keméticos.

Essa contribuição de Diop não caminha junto a uma noção de nova hegemonia ou verdade absoluta sobre o nascimento desta ciência, mas traz a compreensão de que, em diferentes lugares, o exercício da filosofia já era mobilizado, antes de ser sistematizado pelos gregos. Que não há uma verdade absoluta sobre seu nascimento e que cabe as/aos pesquisadoras/os romperem com apenas uma referência, hegemônica de conhecimento.

No vídeo “Os gregos não inventaram a Filosofia”<sup>59</sup>, Renato Nogueira, irá falar sobre a filosofia, tendo como base estudos de Diop e outros filósofos, a fim de romper com essa hegemonia do conhecimento branco ocidental e, ao mesmo passo, instigar curiosidade para que nós pessoas pretas possamos buscar conhecer nossas histórias através de nossas referências.

Acessar e conhecer essas personalidades, que foram citadas acima, enquanto ancestrais que abriram caminhos e apontaram flechas para diferentes direções daquelas hegemônicas, tem uma profunda importância na construção de nossas histórias.

Escolhi trazer estas, justamente por caminhar junto às partilhas que as Afrolíricas vêm mobilizando, através de suas redes sociais, mas poderíamos conhecer e citar

<sup>58</sup> Acesso em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/?hl=pt-br>>

<sup>59</sup> Acesso ao vídeo: “Os gregos não inventaram a Filosofia” por Renato Nogueira: <https://www.youtube.com/watch?v=S2OgPRPedCA>

tantas/os/esoutras/os/es. Todas/os/es intelectuais, escritoras/es e poetas que vêm sendo destacados ao longo dessa dissertação, fazem parte dessas águas abundantes que formam os leitões e todas/os/es poetas autorais, que se inspiram nessas personalidades e continuam produzindo suas artes, também fazem parte dessas águas, que continuam irrigando novas terras e saberes, para as águas rolarem e fluírem em seus cursos contínuos.

Conhecer o nosso povo é romper com a violência e silenciamento que nos foram impostos. Essa linguagem pela qual as Afrolíricas escolheram se comunicar, serem *pontes de africanidades* para as pessoas que as seguem, possui uma dimensão educativa que dialoga com a consonância de diferentes linguagens para que os acessos cheguem em suas múltiplas maneiras, rompendo com aquela ideia colonial de que a formação e o conhecimento só educam dentro de determinada maneira, sequência e linguagem.

**DESCRIÇÃO DO VÍDEO:** “Nascido em 1923 no Senegal. Cheikh Anta Diop foi um Antropólogo, Historiador, Especialista em Física Nuclear. Criou em 1966 o primeiro laboratório africano de datação por radiocarbono. Durante seus anos de estudante, defendeu a independência dos países africanos. Os seus estudos comprovaram a origem africana e não ocidental dos povos egípcios. Desmentiu a educação colonial e abriu porta para a verdadeira história de realeza e poder dos povos pretos! (Voz de Iza)

**DESCRIÇÃO:** Conheçam a história de Cheikh Anta Diop: Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um polímata senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egiptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica... Enfim, um homem que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana pré-colonial. Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos do século XX. [Portal Geledés]<sup>60</sup>

#### 4. MERGULHO

Mergulho, diz muito mais sobre uma sensação do que o ato de mergulhar em si, pois sinto que já estou submersa nessas águas, desde a primeira carta que escrevi para dar introdução às confluências. Digo isso, pois, este momento da pesquisa requer este movimento. Aqui, tratarei dos sentidos que fundamentam as filosofias mobilizadoras e as ações das Afrolíricas.

Em um dado momento de nossa entrevista, partilhei com as poetas o quanto ficava chocada, ao mesmo tempo encantada, com tantas ações que elas mobilizavam pelo coletivo (lives, saraus, podcast, cursos, slams, participações de editais etc.) e perguntei como era isso para elas.

<sup>60</sup> Acesso em : [https://www.instagram.com/p/CTFQm\\_ADim2/](https://www.instagram.com/p/CTFQm_ADim2/) )

Muitas coisas foram surgindo, as pessoas foram convidando. Nós já fizemos oficina pelo circuito municipal, evento pelo SESC, festival de verão da UFMG... São umas pontes mesmo, que a galera vai vendo e vai convidando e quando a gente acha que é interessante, a gente aceita. (Eliza– Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Junto a isso, contei a elas que, pelo que pude perceber e acompanhar, no período da pandemia, elas mudaram algumas ações, ampliaram suas linguagens e movimentaram-se de maneira diferente de como vinham fazendo antes. Perguntei se essa mudança ou ampliação já vinha sendo parte de um planejamento anterior ou se elas modificaram suas rotas devido à pandemia.

Na verdade, a gente sempre fez muitas coisas, desde que o coletivo começou, a gente meio que pegava tudo que tinha pra fazer, que o povo chamava: “ah vamo pra outra cidade, sem o preço da passagem, cês vão ganhar uma garrafinha de água...vamo!” A gente sempre fez uns corre muito assim. Hoje, já conseguimos ter mais noção do que vai ou não escolher, selecionando mais as coisas. Mas algumas coisas a gente já tinha mesmo, tipo sarau, slam. A oficina, começamos no Festival de Verão da UFMG, no ano passado que foi antes da pandemia, em 2019. Pensamos em várias coisas. Quando chegou 2020, fomos fazendo tudo, sarau, slam, oficina, fazendo isso e fazendo aquilo... (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Afrolíricas trouxeram, em suas narrativas, uma noção de como as ações foram se modificando e ampliando-se, ao longo do tempo, em um contexto pré-pandêmico. Assim, Ana continua:

Isso em três meses. Pré-pandemia, fazendo tudo aquilo que a gente queria. Slam, sarau e foi muito bom, véi! Geralmente em janeiro, a galera gosta de esperar fevereiro para começar a fazer slam, sabe? E a gente: “não, vamos em janeiro mesmo”. E foi muito incrível o evento (...) E, tipo assim, eu acho mó doido esse primeiro slam, porque nunca tinha visto uma parada assim, sabe? Não tô falando como Ana participante do Afrolíricas, tô falando como Ana que tava vendo o que tava acontecendo. Nunca tinha visto uma parada daquela forma, o slam daquele jeito, daquele formato, porque nosso slam teve DJ, teve gente que ia lá e cantava no intervalo, tinha muita coisa diferente. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Ana está falando acima do primeiro AfroSlam que elas realizaram em janeiro de 2020, antes da Pandemia. Já se tratando do contexto pandêmico, indaguei a elas sobre a sensação que tinham em relação a todas as coisas se modificarem para o formato virtual: “a gente vê mais a galera reclamando (eu sou uma dessas), que não tem presença, cê não pode ver, não pode abraçar, etc. Como foi esse processo por ser virtual? Possibilitou que vocês tivessem mais contato com outras pessoas, ou se isso fez com que perdesse força em seus projetos?”<sup>61</sup>

Eu acho que tudo tem dois lados né, acho que foram possibilidades de fazer essa ponte, e que talvez a gente fizesse, presencialmente, algum dia (e não-romantizado) mas é também como a gente vê as coisas, sabe? Tipo assim, o que nós mais tivemos nesses últimos tempos foram B.O.’s, mas se for colocar só como se tudo fosse

<sup>61</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

horrível, não teríamos feito, e a galera não teria falado “nossa, que bom que vocês voltaram a fazer sarau, tava precisando etc.”Então acho que é mais a visão sobre as coisas, na minha opinião (...) Eu acho que a gente consegue fazer uma conexão tão cabulosa, lógico que nunca vai ser da mesma forma, acho que nem quando voltar o presencial vai ser a mesma coisa mas que chega, tipo assim, que bate muito forte sabe? Mesmo pela internet, várias pessoas vieram dar ideia na gente... (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Essa resposta de Eliza fez Ana questioná-la do porquê ela achar que não será da mesma forma os eventos quando a pandemia acabar. Eliza respondeu:

Porque eu acho que a pandemia criou várias outras coisas, sabe? Eu tava vendo um vídeo ontem mesmo de uma psicóloga falando assim que vai haver coisas muito naturais depois da pandemia, tipo a fobia social, não conseguir estar no mesmo lugar com muita gente. Eu, por exemplo, acho que vou ter essa fobia, de verdade... e acho também que mudei muito, pra mim as coisas estão muito diferentes. E outra coisa que eu ouvi alguém falando uma vez, eu acho que foi a Iza, de como a energia do mundo tá diferente, porque são muitas perdas, querendo ou não, vai ficar uma sequela grandona em todo mundo, bota fé? Então eu não sei se vai ser a mesma coisa, pra mim vai ser bem diferente... Talvez para as pessoas que passaram alienadamente, vai ser só um rolê, mas pra mim vai ser bem diferente. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

A fala da Eliza, naquele momento, ressoou em mim. Viver essa pandemia é muito mais complexo do que pensávamos que seria quando começou. Foram tantos acontecimentos, perdas e tantas consequências em níveis muito pessoais, assim como coletivos, que não conseguimos nem dimensionar no aqui e agora e acho que vamos levar um tempo para conseguir visualizar tudo e compreender.

Antes, no senso comum, ou pelo menos na minha bolha social, acreditávamos que em três meses tudo iria acabar e a gente voltaria a viver a vida “normalmente”. Após muito mais de um ano, conseguimos dimensionar a seriedade do que se tratava todo esse contexto e começamos a entender que viveríamos nele por um bom tempo. Agora, quase dois anos após esse acontecimento, estamos tentando seguir, entendendo que nada irá acabar de uma hora para outra e que há momentos em que vamos conseguir transitar mais, assim como outros, em que iremos precisar nos isolarmos novamente. Tudo, absolutamente tudo, em nossas vidas, mudou e, definitivamente, não somos as mesmas pessoas de dois anos atrás. Retomando a pergunta que havia feito às poetisas, Ana respondeu.

Os prós é que conseguimos nos conectar com várias pessoas de vários estados. Achei isso fantástico, trocar essas experiências, com essas pessoas de longe. Os contras foi realmente a falta de contato, ao mesmo tempo, com as pessoas, porque nossos eventos eram muito calorosos, vibrava muito. Todo mundo ficava tipo “Nossa! ”.Aquela sensação, aquela emoção, vibrava mesmo, de sentir, né, o presencial no corpo, as palavras batendo, a música, a hora de dançar, a hora de ver quem vai cantar, então perdeu isso. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Junto a essas partilhas, Ana fala das estratégias que o coletivo mobilizou neste período e continua mobilizando. Através de sua percepção, traz luz à potência das conexões que o formato virtual permitiu criar.

E a gente não se deixou abater por conta da pandemia, tiveram momentos bem difíceis, pra nós de forma individual, mas a gente não deixou os eventos pararem... as coisas não pararam. No Instagram a gente sempre tava tentando alimentar de alguma forma, fazendo com que a gente crescesse, mesmo em meio à pandemia. Não só o Instagram, mas nosso corre também. A gente migrou pro formato online que foi outra descoberta, tivemos a oportunidade de chamar poetas de outros estados com mais facilidade ainda. Teve gente que colou lá da Bahia, teve gente que colou do Rio, teve gente que colou de São Paulo, do Sul... Então, assim, foi muito doido esse formato online por criar essas conexões com gentes de vários lugares. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Até aqui, eu e as Afrolíricas, viemos falando de como foi o movimento do coletivo quanto a mudança atravessada pelo cenário pandêmico, em um contexto específico, que foi realizar o Afro Slam. Mas outras ações aconteceram neste tempo, em meio à pandemia, fora da lógica dos eventos e uma específica me chamou a atenção: a intervenção urbana realizada na comunidade do Alto Vera Cruz, na zona leste de BH em 2021.

Tive acesso a essa ação por ter visto uma publicação das Afrolíricas na página oficial do coletivo no Instagram, que denunciava a falta de respeito quanto ao trabalho que elas desenvolveram na comunidade. Perguntei: “Me lembro que nas oficinas e lives, vocês falaram de um varal de poesia que vocês colocaram no Alto Vera Cruz e ele foi, acho que arrancado né? ”. Eliza afirmou que ele fora queimado, deste modo pedi para que elas me contassem um pouco mais sobre:

Um tempo atrás, a Iza fazia capoeira no Alto Vera Cruz e aí o pessoal chamou a gente pra dar uma oficina e uma das propostas dessa oficina, seria montar esse varal pra deixar na comunidade e aí nós fomos. Demos uma oficina e colocamos o varal lá na praça. Quando eu voltei lá (tinha que assinar uns contratos), fui lá pra fazer esse corre, o mestre Primo falou “O varal durou o que tinha que durar né? ” e eu achei que era porque tinha chovido no dia, como era papel né... Mas depois, descobri que uma família que morava em uma casa de costas pra essa praça, não gostou da intervenção porque tinha uma frase que a Iza colocou, que era algo tipo assim: “se antes a gente queimava os senhores de engenho, hoje vamos queimar os senhores republicanos”. E aí, diz que o povo fez mó confusão, xingou o povo da capoeira, falando que a gente tava incitando o ódio, que a gente não podia postar isso ali e no outro dia o varal amanheceu queimado. Depois disso, falaram que a gente podia voltar lá e colocar outro varal, e depois falaram que a gente não podia, porque ia dar mais confusão e o pessoal não deixou a gente colocar outro varal, sabe? E, tipo assim, no dia que instalamos o varal, tinha um pessoal lá na praça que tava olhando, tinha um moço em específico que estava lendo, e ele falou assim “ah, eu queria um”, e a gente falou que ele podia pegar, e ele: “quanto que é? ” E a gente: “não, não é nada não” e ele ficou muito emocionado, começou a chorar, falando: “Nô, cê me lembra muito minha mãe, seu cabelo é parecido com o cabelo dela”. Enfim, ele ficou todo emocionado só por a gente ter dado uma frase da poesia pra ele e foi super legal, valeu a pena ter ido lá e tocado essas pessoas. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Esse relato de Eliza diz também sobre como as ações do coletivo atravessam as pessoas em seus diferentes contextos e espaços. O AfroSlam, geralmente, tem o retorno do encantamento por parte de quem participa, já a intervenção do varal despertou o incômodo e a hostilidade. O mundo da arte provoca tudo isso: admiração, incômodo, deslocamento, interação. A arte não se descola em nenhum momento da provocação, é inteiramente política.

Obviamente, que os diferentes contextos contribuem para que essas manifestações aconteçam. Uma situação é pessoas de fora irem ao encontro da arte, geralmente quando vamos a este encontro, buscamos nos abrir ao que há por vir, pode provocar encantamento, reflexões, até mesmo como incômodo e indignação, mas antes, há a abertura por parte de quem decide ir ao encontro dessa interação.

Outra situação é quando as pessoas são atravessadas pela intervenção e a maneira como elas se relacionam com isso. Suas reações dizem muito sobre suas visões, sentimentos e posicionamentos. A arte provoca a espontaneidade. Além dos eventos e intervenções com teor mais artístico-político-poético, as Afrolíricas também investem muito na formação, na educação, como compromisso do coletivo em prol à sua comunidade. A relação entre arte e formação não está descolada, elas acontecem juntas em todo o processo.

Em janeiro de 2020, antes do período pandêmico, as Afrolíricas foram convidadas e participaram do *Rolê das Gerais*, que é um programa da Globo Minas, que tem como objetivo apresentar a produção cultural, vozes, iniciativas que acontecem nas periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

**Figura30 - Afrolíricas no Quilombo dos Pinhões.**



Fonte: Afrolíricas

As Afrolíricas estavam no Quilombo dos Pinhões, onde fizeram uma residência artística. Lá declamaram poesias e passaram a visão da importância da troca de conhecimentos, do reconhecimento daquele espaço enquanto quilombo, fonte de ancestralidade e de resistência, assim como a afirmação de seus lugares de existência, enquanto mulheres pretas que dialogam com o mundo e ocupam territórios que muito antes foram negados à população preta.

Elas também participam de vários eventos pela cidade, através de suas intervenções poéticas como *O Samba das Pretas*, que é um samba produzido, protagonizado, cantado por e para as mulheres pretas celebrarem suas existências e reexistências; e também apresentaram uma performance poética no Fórum das juventudes, *Corpo e Racismo*, do Circuito Cultural da UFMG.

Esses trânsitos maiores em outros espaços, como a residência artística no Quilombos Pinhões, a participação no Samba das Pretas e as participações nos Festivais de Verão e Circuito Cultural na UFMG, aconteceram ao longo do ano de 2021. Em um dado momento da nossa entrevista, as poetisas falam sobre essa relação que a pandemia trouxe, de ao mesmo tempo em que podou as possibilidades de encontros presenciais, por conta do isolamento social, também abriu campo de possibilidades para que coletivos, projetos e espaços criassem outras formas de contato inserção e produção de seus trabalhos.

### Figuras 31, 32 e 33 - Afrolíricas no Samba das Pretas



Fonte: Instagram @afrolíricas

Os cursos e oficinas também foram ações significativas que as Afrolíricas desenvolveram, ao longo deste período de pandemia, entre os anos de 2020 e 2021. No

Festival de Verão da UFMG e no Circuito Municipal de Cultura de Belo Horizonte<sup>62</sup>, elas ofertaram a oficina *A margem da escrita* e o curso *A Literatura é o caminho de volta para casa*. Este posso falar com mais propriedade, pois participei. Neste curso, conhecemos mais profundamente a vida e luta de intelectuais e artistas pretos e pretas (muitos deles e delas, presentes na série “Revolucionários da História”). Pudemos entender um pouco de seus trabalhos, assim como nos inspirarmos para criar nossas próprias poesias. Foi uma experiência de troca muito potente, que propiciou às pessoas que estavam no curso experimentar soltar os versos e ocuparem o lugar de autoria poética, que perpassa na vida de artistas, que estão no corre do dia a dia, alimentando a cena cultural da poesia.

**Figura 34 – Live – A literatura é o caminho e volta para casa**



Fonte: Afrolíricas

As lives também fizeram parte das ações. Além das lives, dos AfroSaraus e AfroSlams, que sempre aconteceram no Afropub, houve também lives formativas, onde foram discutidos diversos assuntos. A live “A literatura é o caminho de volta pra casa”<sup>63</sup> e “As filosofias Africanas como perspectivas de vida”<sup>64</sup>, aconteceram neste período pandêmico também. Assim como havia anunciado nos capítulos anteriores, as Afrolíricas criaram e produziram o AfroSarau e AfroSlam, dois importantes eventos/manifestações/movimentos, tanto para o coletivo quanto para a cidade.

<sup>62</sup> Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=QIB5nF09TTg&list=PLD7E92V2oX9HIUcgTZ6p5I92cell1gLUf&index=2>>.

<sup>63</sup> Live: A Literatura é o caminho de volta pra casa”. Acesso em: <https://www.instagram.com/tv/CNLs32CJDqy/>

<sup>64</sup> Live: Filosofias Africanas como perspectiva de vida”. Acesso em: <https://www.instagram.com/tv/CNv0pJiJXMO/>

#### 4.1 Afro Slam e Afro Sarau das Afrolíricas

No capítulo 3, em afluentes, contextualizei, de maneira geral, os slams e saraus como manifestações artísticas-políticas-poéticas e apontei que, mais à frente, falaria, com mais detalhes, sobre o sarau e o slam, construído pelas Afrolíricas. Por mais que os saraus e slams, de modo geral, possuam formatos específicos para acontecerem, eles também possuem flexibilidades e possibilidades de criação. Isso vai depender da localidade, do coletivo, do contexto e de muitas outras variáveis. O contexto molda as maneiras como as manifestações são produzidas.

Com o AfroSlam e AfroSarau não é diferente. Primeiramente, por mais que seja aberto ao público, ele é um espaço que privilegia a declamação vinda de pessoas pretas, ou seja, ele possui um lugar político construído e constituído por essas pessoas:

É, que tipo assim, não é qualquer slam, o Afro Slam é diferente dos outros slams assim. A gente fez muito evento, a gente fez uns cinco eventos, em três meses. A gente fez no Espanca, no CRJ, na Afropub e foi isso... não sei, as nossas coisas meio que sempre são uma explosão... PÁ!E a gente sai, e vai fazendo tudo assim. Mas de uma forma pensada, lógico, a gente se organiza para poder dar certo, não ficar de qualquer jeito. E na pandemia ficamos pensando como que nós iríamos continuar com eles... (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Eliza, através deste relato, fala desse processo de ressignificação que os AfroSlam, assim como o AfroSarau, sofreram por conta da pandemia. Se antes elas estavam em diversos espaços produzindo esses eventos, quando estourou a pandemia, por mais que não tenham parado, houve um meio tempo ali de ressignificação daquele processo. Ela enfatizou também a criação destes eventos que possuem diferenças com outros slams e saraus.

Inclusive, além do que já havia apontado sobre o protagonismo de pessoas pretas, Eliza fala: “Uma coisa que a gente sempre faz também é ter um tema pros nossos eventos e isso é legal, porque a gente pensa em tal tema e fala ‘nossa, eu acho que tal poeta iria gostar’<sup>65</sup>. Ana completa: “É que a gente cria um universo em volta desse tema”<sup>66</sup>. As falas de Eliza e Ana são interessantes ao meu olhar, pois, de fato, quando elas falam que os eventos são uma explosão, é isso que eu, enquanto apreciadora, que pude apreciar o AfroSlam e o AfroSarau presencialmente, senti também.

Estive em um espaço onde a maioria das pessoas que estão lá eram pretas, de diferentes idades, estilos, jeitos, transitando livremente entre os diálogos, as declamações e a escuta. Sentir a potência das vozes de pessoas que falam sobre nós, através das declamações

<sup>65</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

<sup>66</sup> Idem.

de poesias que possibilitaram acessar várias conexões com minha vida, fez e faz brotar várias reflexões sobre tudo que me atravessa. Aquele espaço de encontro é também espaço de formação, celebração e fortalecimento do nosso povo.

As pessoas que não são pretas, mas que também participam desses eventos, sentem esse impacto e potência. Diferentemente do que está instaurado em todos os espaços de nossa sociedade (ou pelo menos na maioria deles), a branquitude ali não é universal e não se sente no direito de transitar da maneira que bem entender. Lá, antes de entrar, tem que pedir licença porque o espaço é protagonizado pela negritude.

Acredito que ambos os lugares são formativos. As pessoas pretas assumindo suas narrativas, histórias e rompendo o silenciamento que foram impostas ao longo da vida, assim como as pessoas brancas sendo deslocadas dos “seus lugares” de centralidade do mundo e acessando outras narrativas que rompem com a hegemonia do que foi estruturado no sistema em que vivemos até aqui.

Mas, falando agora destes eventos no formato remoto, um dos pontos mais positivos que as poetisas falaram, foi sobre a possibilidade de você criar conexões com artistas que moram em outros estados e cidades e, conseqüentemente, acessar um público maior ampliando redes e conexões.

É, veí, tinha poetisas de outro estado que vieram colar no nosso evento. Eu nunca tinha visto isso aqui em BH e acho que depois vai ter esse formato, sabe? Um poeta convidado, uma pessoa que vai ter um som, pra gente ampliar mesmo essa linha do AfroSlam. E o que eu gosto também do AfroSlam é que com o tema, a ideia vai só amadurecendo, de tal forma, que hoje a gente tem uma concepção e um conceito também, em cima do AfroSlam. (Eliza- – Trecho de entrevista com Afrolíricas))

Para além da possibilidade de conexões mais amplas no universo poético, as Afrolíricas trouxeram, como uma característica, a noção do tema como guia do AfroSarau e do AfroSlam. Através do tema, que é definido por elas, o evento tem sido conduzido.

Vou dar um exemplo, pra ficar mais concreto. Tipo, o tema “homens pretos não podem chorar”, a gente só convida homens pretos para participarem e, como a gente acredita na escrevivência, nessa coisa das pessoas contarem suas próprias histórias, delas mesmas, narradores em primeira pessoa, é uma forma de conhecimento. No início, a gente sempre traz um texto que elaboramos, ou pegamos a referência de um texto, quando não temos tanta propriedade sobre o assunto. E aí, a gente abre a roda ospoetas vêm e recitam, contando suas vivências, suas histórias. A poesia sendo uma forma de compartilhar conhecimento e vivências né? (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas))

Os temas não são escolhidos aleatoriamente, há todo um processo de construção, pesquisa e investimento, por parte das Afrolíricas, com os textos e referências que guiam a abertura dos eventos. A dimensão da escrevivência é a sustentação da dimensão educativa que

atravessa as poesias e narrativas dos e das poetas a falarem sobre si e, como Conceição Evaristo mesmo diz, nunca é somente sobre si. No artigo *Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação*, escrito por Adilbênia Freire Machado (2014), a autora fala dessa relação do corpo e da experiência como meio de interlocução, ensino e aprendizado com o mundo.

A formação é fruto da experiência da nossa relação com o mundo. Desta forma, a ancestralidade tem o corpo como produtor de sentidos, como destinatário, pois o corpo, qualquer ele, define-se pelo seu contexto e este advém da experiência experimentada. (MACHADO, 2014, p.55)

Ao longo da troca que fomos tecendo, Eliza falou: “sobre o AfroSarau, AfroSlam, essa coisa da gente sempre trazer tema é pra fazer as pessoas pensarem sobre as coisas, sabe? E refletirem sobre o que a gente tá falando, porque não adianta a gente falar de uma coisa que só a gente tá entendendo.”<sup>67</sup>Essas narrativas se articulam em campos individuais e coletivos e para além do analítico, ou daquilo que pode ser sistematizado. Elas tocam no sensível e na visão de educação que se aproxima com o que o coletivo se propõe: construir sentidos e tocar nas sensibilidades.

Tudo que a gente faz, a gente bota muito sentido e significado. Desde a costurinha da nossa roupa e a galera não fraga isso. A gente não explica, tem coisas que não demandam explicação. Eu acho que isso também dá muita energia e potência para movimentar nossas coisas... ter propósito e razão em tudo. O AfroSlam e o AfroSarau estão em constante construção, eles tão vivos, é basicamente isso. Os eventos estão vivos e eles se reconfiguram a todo momento. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas))

Isso que Ana fala sobre os eventos estarem em constante construção e serem vivos é tão potente, tão bonito e, de fato, estão. Assim como Luiz Antônio Simas em seu livro *O Corpo Encantado nas Ruas* diz, “Um lugar não se limita à matéria de seus alicerces. Neles estão amalgamadas memórias, aspirações anseios, sonhos, alegrias e invenções da vida de incontáveis gerações” (SIMAS, 2019, p.84).

Esse negócio que cê falou, doseventos estarem vivos, é muito isso! Afrolíricas existe, é tipo uma persona Afrolíricas, assim. Eu sinto que acaba que tudo que a gente vai fazendo, tem uma energia muito forte de si mesma, sabe? Quando a Afrolíricas começou, nós não estávamos entendendo nada e muita coisa chegou e foi impressionante porque só foi indo, a Afrolíricas foi indo e nós fomos indo atrás. (Eliza – Trecho de entrevista com Afrolíricas))

A noção de atribuir o Afrolíricas enquanto sujeito, permite que haja a compreensão da dinamicidade da vida em tudo que envolve o coletivo, no campo material e no campo dos

<sup>67</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

sentidos que nunca estão, ou deveriam estar, separados. O AfroSarau e o AfroSlam estão vivos, em constante movimento e, segundo as expectativas das Afrolíricas, o desejo é expandir em conexões e espaços assim, como em linguagem. Contemplar outras linguagens artísticas para além da poesia ou junto dela.

A minha visão de futuro sobre nossos eventos é, tipo assim, a gente ainda não chegou lá, se é que um dia vamos chegar, sabe? Por conta da proporção e o crescimento disso. Porque, por exemplo, no AfroSarau a nossa meta é englobar todo tipo de arte, não ficar só os poetas recitando... A gente quer ver preta dançando, preta pintando, preta cantando, preta fazendo de tudo e a gente quer, tipo, vamo expandir, vamo expandir, vamo abrindo a roda aí, entendeu? Pra ele se reconfigurar naquele modelo. (Ana – Trecho de entrevista com Afrolíricas))

Acredito que, pela narrativa de Ana e Eliza, dá para dimensionar um pouco a potência dessas manifestações artísticas, mas eu, enquanto sujeito que ouço as poetas falarem e também que presencia o AfroSarau e o AfroSlam, convido a todas/os/es que estão lendo essa dissertação, a irem em uma ou em várias edições que acontecem, porque como diz mesmo Ana “tem coisas que não demandam explicação”,<sup>68</sup> está no corpo mesmo.

Pois que o corpo é o fio que tece a cultura, o conhecimento e as experiências, as relações e este corpo é tecido pela ancestralidade, esta que é reconhecimento, é esse encontro com outro indivíduo, comunidade, com “outras coisas do mundo”, além do passado, presente e futuro. É o encontro com nós mesmos, com as dobraduras do nosso corpo/sentidos. Não se pode definir corpo num conceito fechado/estático pois ele é movimento. (MACHADO, 2014, p. 56)

Machado (2014) diz sobre a potência do encantamento, “é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectivas de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido” (MACHADO, 2014, p. 59). Quando ouço o relato das meninas, sinto as memórias dos eventos passando pelo meu corpo. Compreendo que a construção dos sentidos se dá na experientiação.

#### **4.2 Fruição e correnteza**

Para desenvolver esta parte do rio, que denominei como fruição, falarei, mais especificamente, das filosofias mobilizadoras e das dimensões educativas que perpassam o coletivo. Irei dialogar com duas noções muito importantes para nós, enquanto povo preto: a ancestralidade e o encantamento.

---

<sup>68</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

Quando as perguntei sobre as filosofias mobilizadoras que atravessam o coletivo, Ana me respondeu: “Acho que é fundamental que a gente se veja como essa ponte de africanidades que quer espalhar conhecimentos, né? A educação nos move de alguma forma”. Isso me remeteu a pensar numa filosofia que está presente neste continente, mas que vem de outros territórios e outros tempos. Remete-me à ancestralidade. Quando ouço na fala das Afrolíricas, que se veem como *pontes de africanidades*, crio conexões com o que Silva e Soares (2020) dizem sobre a Filosofia da Ancestralidade.

Falar da Filosofia da Ancestralidade, é falar de um saber negro que vem pelo mar, pelo atlântico, pela travessia, de povos escravizados, de partes do continente africano(...) A filosofia da ancestralidade deriva entre sua gênese a filosofia e a cultura africana e como centro a religião que não funciona apenas para tratar de adoração aos deuses. E como observa Oliveira (2012), ela se articula na estratégia de resistência política e cultural, além de fundamentação ética, estética e epistemológica. É uma forma de ver e estar no mundo não só dos vivos e das coisas, mas de se relacionar com as divindades, os deuses e os ancestrais. Seria algo que tem relação com o universo em sua totalidade, se dando na imanência e na transcendência. (SILVA, SOARES, 2020, p. 4)

Continuamos o diálogo e, quando surgiu a noção das dimensões educativas que perpassam as ações do coletivo, Eliza também pontuou sobre o corre de repassar informações através de seus meios de comunicação. Segundo os autores que vão tratar da filosofia do encantamento: “A filosofia da ancestralidade como filosofia africana, precisa de uma pedagogia que descole de uma educação formal eurocêntrica para ser entendida como um saber que nasce pela oralidade e não exclusivamente pela escrita.” (SILVA, SOARES, 2020, p. 4).

A gente tem muito disso, de repassar informação, sabe? Pra quê que a gente vai ficar guardando tudo que a gente sabe, sendo que fragamos muitas galeras que não tem nem metade do acesso que a gente tem das coisas, das curiosidades. Eu acho que a gente é muito curiosa, então a gente sempre vai tá em algum curso, sempre vai tá estudando e sempre vai dar um jeito de trazer isso pro coletivo e passar pra frente, sabe? (Eliza– Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Fruindo junto ao movimento de repasse, de troca de informação, de investimento e estudo sobre estas questões, as poetisas também falam sobre a criatividade vir da curiosidade. Elas são muito curiosas, por isso, investem nas pesquisas, nos estudos e conhecimentos como formas de se comunicarem com o mundo: “Nós pensamos uma ideia aqui, ó... aí vem a outra: “e porque que a gente não coloca isso aqui”, “isso e isso outro, aí” e ,tipo assim, a gente vai pegando muitas referências de muitas coisas e elaborando de uma forma que caiba pra gente

executar também né”.<sup>69</sup> Com esse movimento de curiosidade e criatividade, Ana fala também sobre como isso é mobilizado entre elas.

Quando a gente vai montar um projeto, fica muito aquela sensação do tipo: quando criança vai brincar e ela quer saber como vai ser a brincadeira. Nos planejamos e “Nossa! Nós vamos fazer isso, aquilo e aquilo outro e depois a gente para e vê e fala, nossa, a gente meteu o louco aqui”. Eu fico boba de ver que a cada projeto, a gente fica assim “nó, da onde que saiu isso aqui”. As paradas muito além... (Ana– Trecho de entrevista com Afrolíricas))

A metáfora de Ana, quando ela fala sobre o ser criança e ir brincar, sobre os sentimentos que atravessam e as surpresas que se dão nessa criação, também dialoga com uma perspectiva filosófica que caminha junto à filosofia da ancestralidade e do encantamento. Machado (2014) vai falar sobre isso:

Encantamento como fio que tece a teia dessa filosofia, onde o conhecimento se dá com o encantamento, com as pessoas encantadas, que buscam transformar a realidade em que elas vivem, buscando mundos outros, mundos melhores! Esses objetivos implicam a ação do educar, o instruir o indivíduo para a vida e transformação da realidade desenhando-se, fazendo-se. (MACHADO, 2014, p.61)

A ancestralidade e o encantamento, a meu ver, são fios condutores que atravessam o trabalho do coletivo. Ancestralidade é a base no campo material e invisível para nós, enquanto mulheres pretas, termos a plena convicção de que se estamos aqui, construindo novas narrativas e maneiras de viver, foi porque nossos ancestrais já passaram por esse plano e ainda estão nos guiando em outros planos. O encantamento diz sobre tocar nas subjetividades e permitir-se sentir e criar com autonomia caminhos a serem traçados.

Outras noções filosóficas também caminham junto aos olhares e sentimentos das Afrolíricas: a própria admiração que elas possuem delas mesmas, as múltiplas visões sobre a mesma questão e como cada uma vai construindo e servindo de inspiração para a criação, sempre coletiva.

E cê falou de filosofia, nós estudamos demais, acho que cada uma vem com um conhecimento riquíssimo sobre alguma coisa. Tipo, a Iza, por exemplo, eu acho ela extremamente inteligente, muito inteligente mesmo! Ela sabe muita coisa, da mesma forma que a Ana é extremamente inteligente e sabe muita coisa. É muito louco isso, porque a gente vai estudando e, mesmo que a gente estude a mesma coisa, cada uma tem uma visão sobre aquilo de forma a acrescentar, então acho que as filosofias são múltiplas, diversas assim... (Eliza– Trecho de entrevista com Afrolíricas))

É muito bonito e formativo para mim, enquanto pesquisadora e pessoa, compreender outras formas de olhar para a filosofia, através da relação das meninas umas com as outras, ver que essa epistemologia está sempre em construção e em movimento, que filosofia não se

---

<sup>69</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

limita às definições pré-estabelecidas por um grupo hegemônico. Ela está em constantes construções, interlocuções e horizontes a serem encarados e sentidos.

Compreendo a filosofia como um modo de refletir, questionar e construir epistemologias, modo este oriundo de nossas experiências na imensa diversidade cultural que nos carrega, contempla e completa, a filosofia se faz no ato de observar e absorver, aprender e ensinar, na busca de tornar o mundo um espaço melhor para se viver, e com-viver. (MACHADO, 2014, p.52)

É da intersecção ou das confluências entre as filosofias mobilizadoras e dimensões educativas, que a ancestralidade, os encantamentos e as inspirações, cruzam as experiências e os processos partilhados, mas também não se limitam a eles. Ana, em meio à nossa conversa, continua suas reflexões:

E eu acho também que, para além de conhecimento, cada uma tem uma qualidade que contribui pro coletivo... são múltiplas visões de cada uma. Eu acho as meninas extremamente doces, extremamente amorosas e eu não sou assim, estou aprendendo a ser. Preciso muito me encontrar na terapia pra revirar isso tudo, cuidar também da minha espiritualidade, pra revirar isso tudo, mas sinto que isso vem muito da minha criação, foi muito “vai e faz e acontece, cê tem que ser independente, desde que cê nasceu, tem que fazer sua própria mamadeira e botar sua própria fralda, na tora sem precisar de ninguém e pá...”. Óbvio que eu sei olhar pro outro, ter empatia e tals, mas é uma parada meio que “tá, ninguém vai fazer nada procê minha filha, então pra que que cê vai fazer prozotro...” Mas, enfim, com o coletivo, fico observando as duas, as meninas tem qualidades que me acrescentam, essa questão da doçura, da paciência, da responsabilidade, muitas coisas... da inteligência também, tá sempre me movimentando a querer ser melhor e eu acredito que isso seja uma filosofia também, porque da mesma forma que a gente se inspira aqui dentro, eu acredito que isso pode perpassar pras pessoas. E outra, filosofia, é essa, de encontro de africanidades, que perpassa por essa coisa da gente se transmitir para transmitir pros nossos, ser ponte, e tá sempre assim, esse ciclão aí... (Ana– Trecho de entrevista com Afrolíricas))

A fala da Ana é de uma preciosidade tão grande, essa percepção que artista, assim como Eliza e Iza, veem uma nas outras, fonte de inspiração, aprendizado e criação, dizem de uma maneira muito bonita, as artistas e educadoras que elas são. Precisei partilhar com elas também o que senti, enquanto uma pessoa que se encanta e também é tomada pelo encanto, o lugar da escuta ou da distância nunca me coube.

- Essa fala sua tem tanta doçura, tem tanta amorosidade (Roberta)  
 - Eu tô aprendendo. (Ana)  
 - Acho que já brota daí também Ana, a gente tem muito esse estigma de achar que doçura e amor é só de um jeito, eu acho que existem tantas maneiras da gente ser doce, da gente trocar amorosidades, sabe?Eu acho que já existe, já tá brotando e já brotou e já floresceu também. Ai, gente, que bonito isso! Eu acho que a filosofia vem da nossa ancestralidade e acho um ponto muito forte da filosofia de vocês, são vocês mesmas e a construção coletiva, tem coisa mais potente que isso? (Roberta)  
 (Trecho de entrevista com Afrolíricas)

Assim como Eliza conclui, a construção do coletivo caminha de maneira continuada e colaborativa: “vamos juntas nisso aqui, é um passo de cada vez e vou te ajudar, se você não conseguir” (Eliza).<sup>70</sup>

Nesse fluxo, vou passando da fruição à correnteza, movimentos estes submersos às águas que se conectam nas trajetórias das Afrolíricas, para o desaguar do que viemos construindo entre diálogos e reflexões, tecidas ao longo desta dissertação. O subcapítulo “Rios que deságuam nos mares”, fala do olhar sobre a imensidão de potencialidades que é sonhar.

### 4.3 Rios que deságuam nos mares

- Edu Carvalho: “Vamo lá, o que que o Lázaro que tá sentado no centro dessa roda, diria para o Lázaro que você foi jovem?”

- Lázaro Ramos: “Rapaz, eu vou dizer uma coisa bem lúdica, mas eu diria “sonhe”. Parece uma coisa simples, mas não é. Eu, durante muito tempo na minha vida, não sabia que podia sonhar. Eu não sabia que tinha uma perspectiva para além da Ilha. Eu não sabia que... eu comecei a fazer teatro e nunca tinha visto uma peça de teatro, Edu. Eu comecei a fazer aquilo, eu pisei no palco a primeira vez, eu senti aquilo, uma coisa tão poderosa, eu queria tanto aquilo, mas não sabia como seguir. Eu não tinha essa referência. Eu não sabia que eu podia ter objetivos. E eu falo isso, com pesar, porque eu sei que, ainda hoje, vários jovens, não se sabem possíveis. Não sabem que podem sonhar, que podem ter uma perspectiva, pra além daquilo que eles vivenciam dentro da sua casa ou do seu bairro. E aí a gente vai perdendo nossa juventude para várias coisas que não são lugares para a juventude estar presente. Eu fui esse jovem, então o estímulo ao sonho, e agora talvez o estímulo à utopia é a meta né, é isso.” (Entrevista ao Programa Roda Viva, 2022)

Essa conversa foi um trecho da entrevista que Lázaro Ramos deu para o programa Roda Viva<sup>71</sup>, no dia 11 de abril de 2022. Edu Carvalho, jornalista que o entrevistou, lança uma pergunta ao ator, que responde prontamente e vai destrinchando em sua visão a importância de sonhar.

Este trecho me pegou, pois quando o programa entrou no ar, estava exatamente no processo de reler a entrevista com as Afrolíricas e começar a desenhar como teceria essa última parte do capítulo. Exatamente o capítulo que pretendia falar sobre sonhos. Pegou-me, também, por estar em um momento muito específico da minha vida, que tem sido um pouco difícil exercer a possibilidade de sonhar.

Arrematar nas entrelinhas este último subcapítulo “Rios que deságuam nos mares”, com a dimensão dos sonhos, surge de uma necessidade de encontrar maneiras nossas - e aqui

<sup>70</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

<sup>71</sup>Programa da TV Cultura que, desde 1986, no processo de redemocratização do país após o regime-militar, possui uma proposta de estabelecer um espaço plural de debate, em que diferentes personalidades são convidados/as/es a estarem no meio da roda para discutir, refletir e analisar assuntos que atravessam nossa sociedade.

quero dizer, pessoas pretas - de construir existências, reexistências e continuidade. Acompanhar os fluxos de diferentes rios que se juntam à imensidão salgada, não diz sobre almejar um só fim para fechar essa dissertação, mas, sim, ampliar possibilidades. Quem já esteve no encontro do rio com o mar tem dimensão da potência desse encontro e quem não esteve, por favor, vá vivenciá-lo.

Ler as Afrolíricas me recostura e cura, não só como pesquisadora e educadora, mas como sonhadora e, junto a esse processo, ver e ouvir Lázaro, mesmo que brevemente, falar sobre sonho, traz a importância do olhar de quem sonha para o nosso povo, não é só uma noção. É estratégia de sobrevivência, existência e continuidade.

Quando Lázaro Ramos fala sobre não saber que havia uma perspectiva para além da Ilha, ele fala no sentido literal mesmo. O ator nasceu na Ilha de Paty, distrito de São Francisco do Conde, a 72 quilômetros de Salvador. Por mais que Lázaro, primeiramente, fale da Ilha como espaço geográfico, podemos entender “ilha” através de diferentes olhares. Após ele falar de si e estender sua compreensão ou identificação com a juventude que não sabe que pode sonhar, o espaço geográfico (a ilha, as casas e bairros) são apenas uns dos fatores que colocam essa juventude, a qual ele fez parte, a viver uma realidade que os impede de sonhar.

Trazendo essa fala para todas as reflexões que viemos tecendo ao longo da dissertação, a impossibilidade de sonhar, é fruto da organização de um sistema racista e genocida, que mina nessas juventudes, a possibilidade de produzir existências. Por tanto o sonho - e aí deixo explícita a minha interpretação - quando Lázaro fala para o Lázaro de sua juventude: “sonhe”!, é uma maneira de borrar a margem e sair da Ilha, sonhar para além dela.

Em um determinado momento na conversa com as Afrolíricas, indaguei a elas sobre essa noção de sonho. Disse que, na minha percepção, o sonho muitas vezes remeteu a um lugar estigmatizado, impossibilitado, porém, cada vez que trabalho mais meu autoconhecimento, compreendo que sonhar ocupa também um lugar de necessidade. Disse que queria ouvir delas quais eram suas percepções quanto a isso. Desta forma, Eliza me respondeu:

Eu sempre fui muito sonhadora, a minha psicóloga fala que por eu ser artista, vejo o mundo de uma forma diferente, com outros olhos e eu acredito nisso. Então, essa coisa de sonhos e realizar sonhos é desde sempre muito latente, desde criança. Chegou um momento que eu saí fazendo tudo e quando levei pra terapia, falei: “não, porque eu queria fazer isso e isso e fiz”. A terapeuta falou: “vêi, não foi do nada, cê se organizou e realizou. É muito louco ter essa visão, de se organizar para realizar. Então o sonho não fica uma coisa tão distante, é distante porque é uma outra realidade que a gente precisa construir para chegar até lá, mas não é algo que é impossível. É uma coisa que vejo muito no nosso coletivo. Tipo assim, nada pra nós é impossível, nada! Se for pra nós fazer um rolê com a roupa do corpo e a voz da

garganta, nós vamos fazer o melhor rolê da cidade, bota fé? Então, essa coisa de sonhar, inspiração, é uma coisa muito forte que o coletivo traz pra mim, uma possibilidade de continuar sonhando e realizar, sabe? As Afrolíricas trouxe muito pra mim essa inspiração e vontade de correr atrás, de fazer acontecer. E eu penso muito também que essa coisa de sonhar é algo muito minado pro nosso povo, porque a branquitude põe a gente bem nesse lugar do “não vai não, não vai imaginar um futuro melhor pra você, você não vai viver em uma condição melhor... Tipo assim, véi, cê tá nesse lugar aí e é aí que cê vai ficar e se contente...” É, com certeza, um dos tipos de extermínio do nosso povo, porque se a gente não pode nem sonhar com o amanhã, por que a gente vai viver o hoje, sabe? Sem ser esse lugar da ansiedade de querer tudo pra ontem, mas um lugar que a gente pode sonhar mesmo. Então o sonho tá muito nesse lugar, do alcançável e do possível. (Eliza)

Para Eliza o sonho vai além da ideia de resistência e continuidade. Podemos encará-lo como uma dimensão do fazer, do construir. No lugar do possível, que dialoga com o ideal, mas se relaciona, muito mais, com o encarar e fazer acontecer. Noção esta de “transformação” de mundo, muito próximo ao que Freire vai falar enquanto utopia, sonho ou projeto.

O que não é, porém, possível é sequer pensar em trans-formar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto. As puras ilusões são os sonhos falsos de quem, não importo que pleno ou plena e boas intenções, faz a proposta de quimeras que, por isso mesmo, não podem realizar-se. A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. (FREIRE, 2000, p.26)

Ana fala também sobre sonho e brinca com a noção do tempo em sua fala. Em seu relato, traz lembranças de anotações em cadernos antigos ou até mesmo desejos verbalizados em outros tempos. Quando se vê nesse tempo, percebe que conseguiu viver sonhos que foram projetados antes. Não da mesma forma ou no tempo que idealizou, mas em consonância com sua trajetória e experiência que permitiram que ela os vivessem.

Eu me identifico muito na fala da Eliza. Nossa! Sonhar é comigo mesmo. É movimento, a gente sonha, a gente movimentada e a gente faz e é tão maluco essas coisas que a nossa mente cria, o nosso universo. Acredito muito que isso é um conhecimento ancestral assim... Kemet total! Eu sempre tive muito essas coisas. Lembro quando era criança, tinha todos os motivos do mundo pra desistir da música, de pessoas virem falar na minha cara que eu não era boa o suficiente (professora, alguns familiares). Só que eu me agarrei ao pequeno apoio que eu tive, do meu tio e do meu pai, por exemplo. Eu tenho uma cartinha que escrevi quando era criança, tipo assim: “Eu vou ser musicista”! Inclusive eu tô rodando pra achar essa cartinha aqui. Me lembro claramente do dia que aconteceu uma parada que me magoou muito, em relação a música e pensei assim: “véi, não é assim”. E eu escrevi essa cartinha que fala que eu ia ser uma violinista, custe o que custar, véi. E eu também me imaginava muito assim quando crescesse. Essa imagem ficou bem mais forte, quando tinha 15 anos, no ensino médio, eu queria ser artista, criadora das coisas. Era uma visão ampla que tinha, “criadora das coisas”, era isso. Não sabia como isso ia acontecer, nem quando, mas era a visão que eu tinha e hoje: Afrolíricas. Às vezes, eu tô sentada aqui na mesa, criando alguma coisa e passa pela

minha cabeça: “véi! Que doideira! Eu tô vivendo uma parada que a cinco anos atrás eu imaginava que ia acontecer” (...) Eu fico pensando muito isso, pra mim não me acomodar, pra não parar de sonhar, pra mim não deixar de imaginar as coisas, e achar que é possível sabe? E me cercar, cada vez mais, de pessoas pretas, sonhadoras e expandir mais essa energia de ser um preto sonhador. Ser um preto sonhador é muito revolucionário, véi! É sobre isso que eu falo na minha poesia, sabe? (Ana– Trecho de entrevista com Afrolíricas))

Junto dessas dimensões que foram aparecendo ao longo das narrativas de Lázaro, Ana e Eliza, sobre o sonho como meio de transbordar as impossibilidades que aos sujeitos são impostas, sobre ser revolucionário uma pessoa preta que sonha e que o sonho é muito mais uma ação do que idealismo, quero enfatizar a dimensão que Ana trouxe: o sonho enquanto ancestralidade.

Quando me remeto à ancestralidade para conectar e refletir sobre qualquer coisa, a vejo em um tempo que está muito antes de nós, ou da diáspora. Antes do que foi criado aqui e sistematizado, possui uma consistência mais subjetiva. A ancestralidade enquanto filosofia mobilizadora, passeia por outros tempos do mundo visível e, também, do invisível, que de alguma maneira, constitui-nos e atravessa o que somos, criamos ou recriamos, ao longo de nossa existência e gerações.

Na busca por estabelecer conexões entre sonho e ancestralidade, vi no Afrofuturismo possibilidades de compreensão, talvez de maneira mais palpável, dos conceitos e referências que vem acompanhando os discursos e ações do coletivo. Conexão esta que nos permite visualizar de maneira mais contextualizada a realidade e os corpos, porque, de fato, as Afrolíricas se baseiam nele.

AFROFUTURISMO É A NOSSA UTOPIA - Afrofuturismo foi Inicialmente um movimento artístico mas, dá pra notar que perpassa por essa ideia se tornando um conceito estético, social e cultural carregado de temáticas não-ocidentais e uma presença forte da diáspora afrikana na arte, literatura, ciências e filosofia. O Afrofuturismo se torna a relação da visão afrocêntrica com a ficção científica e coloca a negritude em projeções sobre o futuro e este é o ponto de crítica do movimento, a ideia de vivência de pessoas negras em um mundo que não seja bombardeado pela crueldade do racismo e pela opressão ou seja quase um futuro utópico. É uma reflexão de fato, quando paramos pra pensar em como seria nossa experiência sendo pessoas pretas sem a existência do racismo e a opressão como elemento ameaçador de nossas vidas!! (Eu pego viagem sobre onde eu ou você poderíamos estar agora neste exato momento, quais as possibilidades de sonhos). Em uma entrevista para o TED @natalyneri afirma "afrofuturismo é a ideia radical de que negros existem no futuro". Existir no futuro é pensar sobre o aqui e agora e em que movimento estamos fazendo para tornar esse amanhã uma realidade possível para nós! Esse movimento tem a ver com sonhar, imaginar e o mais impotente que é criar nossos próprios espaços a partir de nossa visão como povo para simplesmente Existir! (Página Oficial Instagram Afrolíricas )<sup>72</sup>

<sup>72</sup> Acesso em: <https://www.instagram.com/p/CQMkfs6pjeK/>

O Afrofuturismo é um movimento artístico que surgiu, enquanto conceito, em 1994, pelo cineasta Mark Dery que dirigiu o filme “Black to the future”. O movimento vem com força, desde então, estabelecendo conexões entre referências da ancestralidade africana e o futuro de suas/seus descendentes, através da ciência, tecnologia, moda, política e na perspectiva de que pessoas e sociedades pretas existam no futuro.

Vejo o Afrofuturismo conectado diretamente com a ancestralidade, pois a fonte de criação desse movimento vem de lá, por mais que seja um conceito recente, sendo mobilizado no momento presente, dialoga com o movimento sankofar, que busca na ancestralidade, para estar no agora, construindo possibilidades futuras: “O afrofuturismo permite recuperar esses valores históricos e ressignificá-los, a fim de possibilitar esse novo olhar para si mesmo. (TSZESNIOSKI, QUELUZ, 2020, p.245) ”.

Até então, quando se busca por esse conceito no campo de conhecimento acadêmico, se vê pouca produção. O que pude tatear, até então, foram relações criadas com filmes, livros e produções artísticas com o olhar afrofuturista, mas dentro de perspectivas estéticas muito localizadas. Acredito que esse conceito, ao longo do tempo, irá se pulverizar tanto no campo de produção acadêmica, quanto em produções artísticas diversas em nossas sociedades por essa referência está em pauta e ascensão.

O afrofuturismo faz parte de um movimento de construção do presente, assim como a noção de sonho, que vem sendo trabalhada aqui. Então, conectando pontes entre o que vem sendo construído enquanto conceito e o que Ana partilha em seu texto acima, a transformação, ação e criação no mundo se faz no aqui e agora; a utopia, portanto, neste contexto, desloca-se um espaço a ser alcançado e torna-se um espaço de construção e resistência que produz existências.

Escolhi trazer o Afrofuturismo junto com a utopia, justamente, por acreditar nessas noções como caminhos de rios que, ao se desaguarem no mar, convidam-nos a enxergar um mundo de possibilidades, para além de visões ou possibilidades pré-estabelecidas do que seria ideal discutir para a formação e a construção de futuros possíveis para as juventudes pretas, periféricas, artísticas e políticas.

Necessito enfatizar, aqui, que o ato de sonhar, almejar, vislumbrar futuros possíveis deveriam se bastar por si só; o sonho em si sustenta sua potência e não há linguagem sistematizada que dê conta disto. Assim como construir, em dimensões estéticas, políticas, entre tantas outras nuances, mundos de maneira contextualizada à realidade das pessoas, deveria ocupar um lugar existencial, o que, para nossa comunidade, ao longo do período histórico, foi cerceada de tantos direitos e sentidos. Essa busca é uma luta constante.

O afrofuturismo vem para quebrar esse estigma racial, com ênfase no africanismo e na afrocentridade, ele recria o passado, tenta transformar o presente e projetar um futuro, considerando toda a realidade do povo negro. Sendo assim, no afrofuturismo “O que há são pessoas pretas, mulheres e homens, pisando firme no mundo pelo simples direito de viver como bem entendem, e de se expressarem para o universo da forma que bem desejam.” (KABRAL, 2016)

O Afrofuturismo se faz presente nas ações das Afrolíricas, por ser um princípio filosófico que se materializa na experiência. Sonhar, imaginar e criar espaços próprios, de pessoas negras para pessoas negras e, citando as várias ações e eventos produzidos pelo coletivo, materializam-se não só como espaço de intervenção e troca, mas de pertencimento das pessoas pretas, principalmente, das juventudes pretas na construção de suas identidades e re-existências, no agora. Assim como elas mesmo dizem: “para tornar esse amanhã uma realidade possível para nós.”<sup>73</sup>

Falar desta busca constante por direitos da população preta produzir suas existências e reexistências - e aqui, a necessidade de ser tomada como uma dimensão educativa - faz-me aproximar muito do que Nilma Lino Gomes diz sobre os projetos emancipatórios. Em seu livro *O Movimento Negro Educador* (2018), ela traça uma relação da utopia de Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* e a produção de projetos emancipatórios.

Poderíamos dizer que há, na obra de Paulo Freire, a utopia enquanto busca, enquanto algo realizável que luta para se realizar no presente, mapeando com prudência os caminhos possíveis dentro de um campo de possibilidade. Há também uma interpretação a respeito do futuro, visto como algo realizável, e da educação como projeto emancipatório possível. (GOMES, 2018, p.45)

O que Nilma traz sobre essa noção de projetos emancipatórios, vem de um estudo profundo sobre as produções, lutas e resistência do movimento negro, em prol a educação. É também sobre as diversas contribuições do movimento negro na formação dos sujeitos que estão sempre em movimento: “Sim, porque se tem algo que me fascina no conhecimento, é a sua capacidade de estar sempre aberto para incorporar novas reflexões e construir conclusões provisórias que não são fechamento de um assunto,<sup>74</sup> mas portas abertas para o novo que sempre virá” (GOMES, 2018, p. 133).

Revisitar o texto de Ana, *O afrofuturismo é a nossa utopia*, quando a poeta fala sobre “criar nossos próprios espaços a partir de nossa visão como povo para poder EXISTIR”, faz-se um exercício de extrema importância, para arrematar esta encruzilhada, que foi traçada entre utopia, afrofuturismo e conhecimentos emancipatórios. Até então, trouxemos a

<sup>73</sup>Entrevista concedida à autora pelas Afrolíricas, em 2021, que norteia este trabalho.

<sup>74</sup> Idem.

dimensão do alcançável, quando falamos sobre essas dimensões, mas acompanhar, na prática, as ações e intervenções que as poetas criam, produzem e articulam com a sociedade, é o que explicita, de maneira palpável, o que Nilma diz sobre a ação do movimento negro em construir a formação e a educação das pessoas pretas, de maneira emancipatória.

Obviamente que as várias ações e intervenções das Afrolíricas, que foram citadas até aqui, são algumas possibilidades dentro de tantas outras construções possíveis para o povo preto. O que quero dizer com isso, é que as filosofias mobilizadoras, citadas neste trabalho, permite-nos incorporar referências ancestrais e vivenciar utopias que antes não eram permitidas a nós. O movimento do Afrofuturismo, assim como tantos outros movimentos que atravessam nossa sociedade, nas mais diversas maneiras de compreender esteticamente suas dimensões, educa e contribui para a continuidade das sociedades pretas.

Portanto, ter por base o movimento do Afrofuturismo, dentro de uma noção estética que atravessa os sujeitos, enquanto utopia, pode possibilitar que as ações artísticas do cotidiano, sejam elas em forma de poemas, saraus, textos autorais, podcast e tantos outros meios de linguagem, acessem os sujeitos subjetivamente ou coletivamente, abrindo possibilidades outras e emancipatórias, de construções educativas, carregando a ideia primordial de ter o sonho como importância e estratégia de existência e continuidade.

*Não passarão,  
 não passa a porra  
 da sua mão  
 Eu luto por sobrevivência, não por opção  
 Tô cansada pra carai  
 de tanta opressão  
 Escrevo isso  
 com lágrimas nos olhos  
 e peso no coração*

*Abaixa a mão!  
 Não te deixo  
 encostar em mais  
 nenhum fio de cabelo dela  
 Melhor tu sair  
 com rabo entre as perna  
 Porque ela me deu à luz,  
 E hoje,  
 o meu brilho  
 te cega*

*Cavala, egua*

Desde sempre  
 limpou o chão  
 servidão  
 Exploração  
 O Brasil NUNCA SAIU,  
 da colonização  
 O país da  
 miscigenação,  
 nasceu do estupro,  
 dos patrão

E por falar em colônia  
 O meu povo exala  
 O cheiro da pele preta,  
 marcada a ferro  
 Te decreto: meu objeto, analfabeto,  
 tratado pior que inseto,  
 fica quieto,  
 seja discreto  
 E sendo sincero

se não me obedecer  
 Te levo pro tronco,  
 te espanco,  
 te arranco: sangue,  
 dor  
 e sonhos  
 Que ousadia a sua  
 querer sonhar  
 Sua única FUNÇÃO, É TRABALHAR!  
 E o banho de sangue não para  
 Senzala:  
 Aqualtune  
 Chica  
 Dandara  
 Macaca, escrava, exausta  
 O doce do engenho  
 se originou de vidas  
 amargas,  
 passadas  
 Que hoje,  
 por nós,  
 são honradas!  
 O sistema pode até me fazer de empregada  
 Mas NÃO VAI, me fazer raciocinar como criada  
 Yzalú já falava  
 E a gente não para,  
 sempre preparadas  
 Nossa batalha já foi travada!  
 Nascemos armadas!

*A realidade se impõe,  
corrói, dói, destrói  
E mesmo sabendo,  
que sou um alvo  
Das balas perdidas  
que só acerta preto  
Não vou parar de lutar  
Até cê conseguir enxergar  
Preta,  
esse não é o seu lugar  
Mãe,  
esse não é o seu lugar  
E esse NÃO É  
o meu lugar  
Nós vamos tomar  
o céu de assalto  
se cês não nos dar  
A gente desce do salto,  
no asfalto,  
no barro e  
descalço  
Somos feitos  
de traumas e sonhos  
E eu?  
já cansei de sangrar  
**(Eliza de Castro)***

**Figura 35** – Aquarela Olhos de quem transcende mundos



Fonte: própria autora

## 5. EMERSÃO

Mesmo submersa, volto à superfície para buscar fôlego. Sinto que agora, preciso nadar até a margem, pisar com meus pés na areia e contemplar o horizonte-oceano onde mergulhei até aqui, bom mesmo é estar debaixo d'água<sup>75</sup>. De fato, é, lá dentro nosso corpo. De fato, é. Lá dentro, nosso corpo muda de forma, nossa orientação não tem a linearidade que a gravidade impõe, o corpo se move junto aos movimentos das águas, a visão fica turva e o que cabe a nós é fechar os olhos, apurar o tato e entregar-se à fluidez.

Essa sensação de estar debaixo d'água caminha muito com meu processo na construção desta pesquisa. De início, eu estava com os pés cravados no chão, articulando tudo, mesmo sem ter o controle de, absolutamente, nada. Lucinha, com sua calma sábia, convidou-me a respirar, entrar no campo, perceber como as coisas vão se constituindo e, quando me vi, estava totalmente tomada pelas águas. Águas doces nos encontros com as águas poéticas das Afrolíricas; salgadas que curaram feridas abertas em meio às narrativas e vivências que nos atravessaram; águas turvas quando em vários momentos me vi perdida em meio à escrita; e as águas calmas em sua superfície, mas que guardam segredos e surpresas em suas profundidades.

Falo muito do meu corpo-água, pois, foi assim, que me inseri neste processo por inteira, foi daí que se deu o percurso-rio. Para além desta relação, amo também a sensação de sair do mar e sentir a brisa passando pelo meu corpo, próxima à beira com o sal secando na pele enquanto olho para imensidão atlântica. Acredito que estou neste momento da pesquisa.

Muitas inseguranças me atravessam neste momento e sinto que é fundamental partilhar isso, pois nossas vulnerabilidades também fazem parte do processo. De fato, tem sido um desafio finalizar essa escrita, pois, ao mesmo tempo que leio e sinto que muitos horizontes foram lançados (e nem sei se todos, conseguirei arrematar aqui), possuo receio de reduzir tudo que foi ampliado no processo, enfim.... Tudo faz parte da trajetória, estou entregue às águas.

A idéia de construir “Emersão”, veio muito no sentido de voltar à margem, assentar em terra firme e olhar para o horizonte tecido-rio-mar que se desaguou. Muitas presenças irrigaram essas águas, não consigo encarar nada nessa construção que não seja de forma compartilhada. Minhas maiores referências foram as Afrolíricas, meu arcabouço teórico mais importante veio da narrativa, trajetórias e experiências de Ana, Eliza e Iza.

---

<sup>75</sup> Título que deu nome ao álbum da cantora Luedji Luna, no ano de 2020.

A importância de enfatizar as narrativas enquanto conhecimento teórico neste trabalho, não se dá somente pela presença dessas jovens artistas em lugares de autoria, mas se dá pela “trans-formação”. Ao mesmo passo que suas narrativas são fios condutores da construção deste trabalho e, portanto, não está posto enquanto lugar coadjuvante, ao resgatar memórias, refletir sobre vivências que as constituem, elas também passam pela dimensão formativa.

É como se ambos estivessem envoltos em uma tessitura de narrativas compostas por sujeitos complexos e carregados de singularidades que quando narram se expõem e dialogam, culminando na transformação infundável de si e do outro. (FRAUENDORF, et.al, 2016, p.353)

Retomo essa noção aqui, pois, ao longo de todo processo, busquei tecer as partilhas das poetisas com as dimensões educativas que se alinham com a tentativa de rasgar o véu da colonialidade. Suas histórias, visões de mundo, relações com a arte, ambiente que transitam e ações criativas, conectam-se diretamente com o propósito educativo que elas se propõem a construir, sendo *Pontes de Africanidades* que espalham conhecimento. Neste processo, reconhecer essas autorias como lugar de construção de conhecimento, faz-se urgente e necessário no campo acadêmico. Esse reconhecimento e legitimação só será feito se nós, enquanto pessoas negras que produzimos conhecimento intelectual, comprometermos-nos com nosso processo de descolonização e coletividade em prol da nossa comunidade, assim como enfatiza bell hooks (1995).

Num contexto social capitalista, de supremacia patriarcal branca como esta cultura, nenhuma negra pode se tornar intelectual sem descolonizar a mente. Mulheres negras podem se tornar acadêmicas bem-sucedidas sem passar por esse processo e, na verdade, a manutenção da mente colonizada pode habitá-las a vencer a academia, mas isso não intensifica o processo intelectual (...). Para contrabalançar a baixa-estima constante e ativamente imposta às negras numa cultura racista/sexista e anti-intelectual, aquelas entre nós que se tornam intelectuais devem estar sempre vigilantes. Temos de desenvolver estratégias para obter uma avaliação crítica de nosso mérito e valor que não nos obrigue a buscar avaliação e endosso críticos nas próprias estruturas, instituições e indivíduos que não acreditam em nossa capacidade de aprender. Muitas vezes, temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas. Afirmando no isolamento que o trabalho que fazemos pode ter impacto significativo numa estrutura coletiva, devemos com frequência tomar a iniciativa de chamar a atenção para o nosso trabalho de um modo que reforce e fortaleça um senso de público. (HOOKS, 1995, p. 474)

Ao ler bell hooks, logo na citação acima, encontro-me em cada frase, pois, assim como partilhei em minha carta, bem no início deste trabalho, ainda venho tentando arrancar de minhas entranhas, a colonização imposta ao meu corpo e à minha presença no mundo.

Construir essa pesquisa, tendo como base as experiências e a nutrição das águas, enquanto construção de um trabalho acadêmico, fez-me colocar em xeque muitas vezes, principalmente agora, neste processo final, que leio a dissertação como um todo.

Por instinto de existência para além da sobrevivência, caminho ao lado de mulheres que me encorajam o tempo todo a bancar e continuar a construir o processo de escrita com base nos caminhos pelos quais decidi percorrer. Quando achei que não teria mais fôlego, as epifanias do dia a dia e o colo da espiritualidade e da ancestralidade me sustentaram e continuo cá, agora beira-d'água, com os pés na areia. olhando os horizontes oceânicos.

Só essa semana, houveram dois saraus em Belo Horizonte, em que as Afrolíricas recitaram e isso, mais do que nunca, inspirou-me a sustentar meu compromisso na construção deste corre. Essa semana também ouvi Sueli Carneiro no *Podcast Mano a Mano*<sup>76</sup> e sua fala afiada, assim como a espada de Ogum, que cuida de sua cabeça, firmou meus passos e apontou caminhos. Olhando para minha estante de livros, para buscar alguma referência que falasse sobre mulheres negras e educação, para além do que já possuo em minhas plataformas extensas de PDF, abri o livro de bell hooks *Erguer a voz pensar como feminista negra (2019)* e revisitei a dedicatória que Patricia Santana fez, quando me presenteou e parabenizou pela aprovação no mestrado. Se isso não é colo da espiritualidade e da ancestralidade, assim como abraço das pessoas que aqui citei, para retomar o fôlego e terminar este processo, eu não sei mais o que poderia ser.

Todas essas mulheres, através de várias linguagens me ensinaram e ensinam, diariamente, como nós, pessoas pretas, podemos produzir educação e emancipação de nossa comunidade no mundo. As declamações de Ana, Iza e Eliza, no sarau de ontem, de alguma forma, romperam, em mim, algumas amarras. Cada vez que as escuto, sinto que suas líricas, assim como suas vozes, provocam isso nas pessoas que estão em seu entorno. Sem querer generalizar perspectivas, em meio a tantas formas de linguagem, meu olhar enquanto apreciadora, estudante e educadora, encontra jeitos e modos de construção de educação que partem de mulheres negras e perpetuam-se em nossos jeitos e modos de educar.

Em um momento, no livro *Erguer a voz pensar como feminista negra*, bell hooks fala sobre sua professora de infância, a senhora Annie Mae Moore; fala, também, mesmo que rapidamente, sobre sua trajetória enquanto criança que viveu na época de segregação racial nos EUA que, portanto, estudou em escolas segregadas. A escritora diz:

---

<sup>76</sup>Mano a Mano é um podcast original do Spotify que tem como sujeito idealizador e interlocutor o rapper Mano Brown, integrante do grupo Racionais Mc's. No podcast, Mano Brown convida vários sujeitos/as/es para dialogar sobre temas sociais, de raça, religião e política.

“A senhora Moore sabia que, se era para sermos completamente autorrealizados, então o trabalho dela, e o trabalho de todos os nossos professores progressistas, não era só ensinar o conhecimento dos livros, mas nos ensinar uma visão de mundo contestadora - diferente daquela de nossos exploradores e opressores-, uma visão de mundo que nos permitisse ver nós mesmos não através das lentes do racismo ou de estereótipos racistas, mas que nos permitisse focar de forma clara e nítida, olhar para nós mesmos e para o mundo ao redor crítica e analiticamente, ver a nós mesmos primeiro e acima de tudo nos esforçando pela completude, pela união de coração, mente e espírito.” (HOOKS p.113, 114)

bell hooks, quando fala de seus professores e a maneira que se relacionavam e se comprometiam com a educação de crianças negras nos EUA, no período de segregação racial, deixa explícito o caráter político dessa construção educativa. Não bastava apenas passar pelas disciplinas, o ensino tinha como compromisso educar crianças negras a compreenderem a sociedade que estavam inseridas crítica e racialmente. As noções de ensino-aprendizagens atravessavam os muros da escola por estratégias de fortalecimento e resistência da comunidade negra dos EUA. “O trabalho deles era verdadeiramente educar para uma consciência crítica’ (hooks, p.114).

Quando, no capítulo 2.1 “Outros espaços e movimentos educativos: a poesia como ponte para formação, identificação e sensibilidades”, trouxe de maneira mais localizada, no contexto brasileiro, construções educativas do movimento negro em luta e resistência pela educação, busquei apresentar, mesmo que de maneira panorâmica, a noção de que a educação negra se relaciona com os espaços políticos, culturais e espirituais das comunidades negras, como um exercício de reflexão. As construções educativas de nossa comunidade vêm, visceralmente, conectadas com as nossas formas de existir e resistir nesta sociedade.

Não é simples e essa compreensão não pode ser encarada através de um olhar generalista. Porém, compreender que esses diversos modos, formas e estratégias de construir educação, não só formalmente, mas atravessadas pelas dimensões políticas, culturais, espirituais, estéticas e sociais, diz muito sobre nossa forma de produzir e constituir educação no mundo. Aliás, partem delas.

Se a maneira pela qual nós pessoas pretas, que nos propomos a educar nossa comunidade, não passar pela construção de estratégias e perspectivas que partam dos nossos modos para produzir educação no mundo, o sistema massacrador da brancura e do capitalismo nos engolirá.

Com tudo isso, seguindo esse movimento de reflexão, retomo o AfroSarau e o AfroSlam e reforço suas dimensões educativas. A maneira pela qual as Afrolíricas constroem

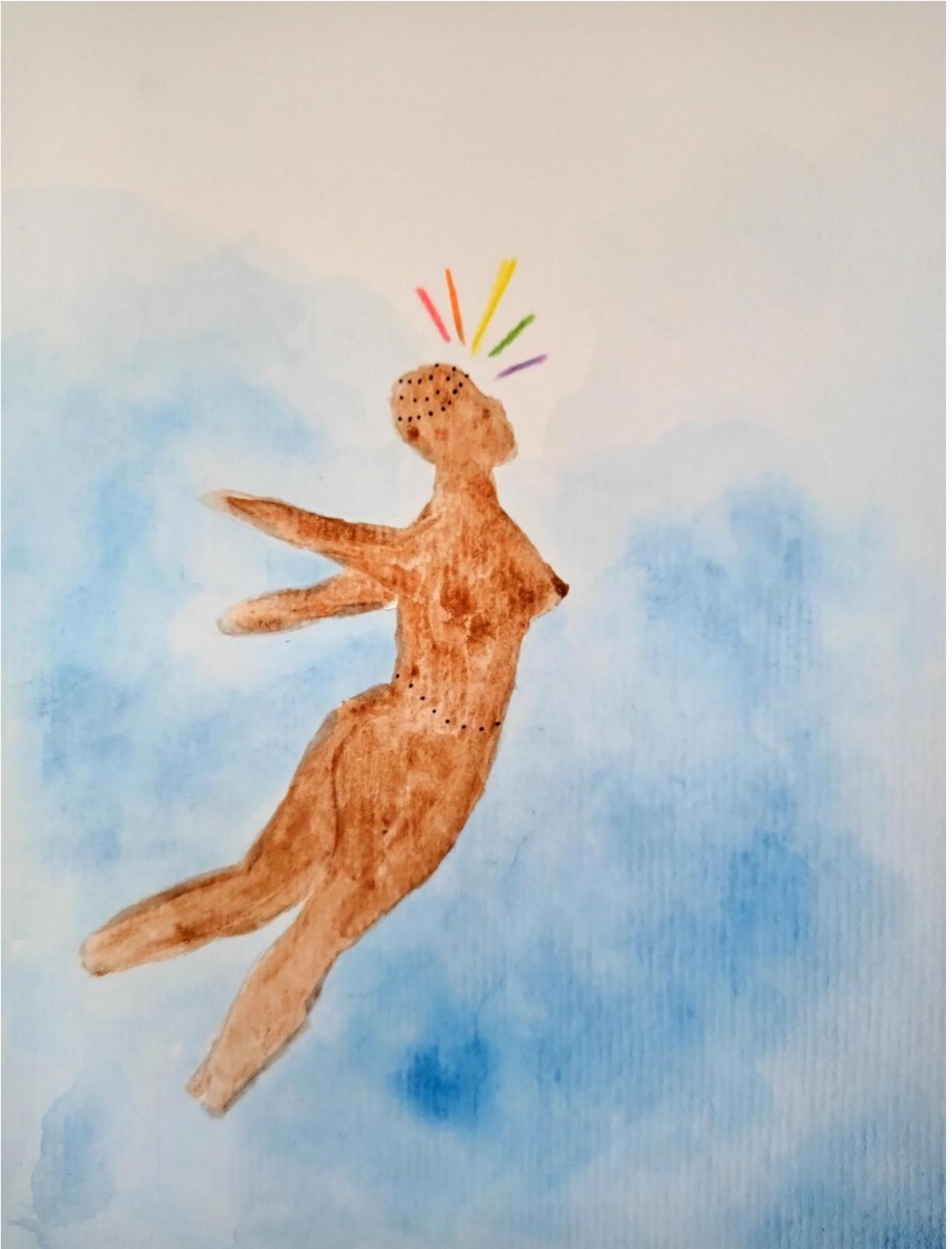
e conduzem suas ações, diz muito sobre as artistas e educadoras que elas são. Estes eventos partem de reflexões, temas que atravessam a comunidade preta e, através dos textos, poesias, músicas que são expostas, as dimensões educativas se fazem presente nos espaços e sujeitos que ali estão, alinhando-se muito com duas dimensões educativas, que Freire nos convida a refletir e compreender. A primeira é a visão, do educador ser também artista: “A educação é uma obra de arte. É nesse sentido que o educador é também artista: ele refaz o mundo, ele redesenha o mundo, repinta o mundo, recanta o mundo, redança o mundo.” (Freire, 2000). E a segunda é perceber a educação como a própria arte: “A educação é já essa arte, apesar de se poder fazer pela arte também. Ela é em si uma proposta artística, ela já tem arte.” (Freire, 2013: 361).

Viver, fluir e tecer essa pesquisa foi um exercício de entrega. Algumas noções que foram levantadas ao longo dessa construção se mantêm vivas, ao passo que vou me despedindo do horizonte-oceânico. A filosofia da ancestralidade se articula com a essência que move minha existência em consonância com as existências de Ana, Iza e Eliza, existências essas que partiram de muito antes de nós, mas foram tecidas aqui. Já a filosofia do encantamento diz sobre nossas ações no mundo, sobre o que brilha os olhos e transforma realidades no fazimento, nos caminhares.

A utopia pelas lentes do Afrofuturismo é como desejo apontar as (in)conclusões deste trabalho. Pensar o sonho como possibilidade realizável e o Afrofuturismo sendo apontado enquanto utopia como caminho, diz sobre noção de educação e produção de existências que coloca África no centro, mesmo que de um olhar diaspórico, para possíveis construções de educação e produção de existências que nós, enquanto mulheres pretas, intelectuais e artistas, acreditamos para os nossos e nossa comunidade.

Não possuo, aqui, pretensão em definir ou reduzir qualquer horizonte que foi apontado até então, tudo está em movimento. As narrativas em consonância com as teorias enlaçadas podem levar a diferentes olhares, rios e caminhos. Às pessoas que nos leram até aqui, deixo o convite para sentarem na areia e olharem outros horizontes possíveis de serem encarados. Por hora, fico por aqui, aterrada, sentindo todas as águas que passaram pelo meu corpo, mas agora só com o sal na pele seca, fecho os olhos para aguçar os sentidos da escuta, buscando tecer novas confluências, trocas e reflexões a serem lançadas no mar...

**Figura 36 - Emersão**



Fonte: Própria autora

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, T. O., & GERMANO, I. M. P. (2009). Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres. *Psicologia e Sociedade*, 21(1), 5-15.
- CADERNOS DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA, (1983). Belo Horizonte, v. 1, nº 2, p. 6-23.
- CARDOSO, Lourenço. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan. /jun. 2011.
- CARDOSO, Lourenço. O movimento negro no Brasil: A luta pela igualdade com o reconhecimento da diferença. *Saberes Revista do Observatório dos Movimentos Sociais: FPE*, v. 1, 2008, p. 11-28.
- CASTRO, Eliza. Instagram, 2021. Texto: DIÁSPORA. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CQZdeA1JzKo/?hl=pt-br>>. Acesso em junho 2022.
- CIOLETE, THERESA. Guia de Slams de BH e RMBH. - Theresa Ciolete; Luiz Henrique Oliveira Belo Horizonte; LED-CEFET-MG, 2021.
- COELHO, Rogério. “A PALAVRAÇÃO Atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e no Poetry Slam Clube da Luta”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Belas Artes. Belo Horizonte. 2017.
- COLLINS, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127.
- CONCEIÇÃO EVARISTO. Escrivência. 2020. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em junho 2022.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado .Escrivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. - Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EMICIDA. Principia - Ao Vivo part. Pastor Henrique Vieira. 2021. Youtube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28)>. Acesso em junho 2022.
- FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PACHECO, Daniela Quevedo; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves Buldrin; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. *Rev. educ. PUC-Camp., Campinas*, 21(3):351-361, set./dez., 2016
- Frazão, I. P. (2017). O sarau como estratégia de resistência poética e reflexão sobre novos territórios culturais. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura*, (12), 26-34.
- FREIRE, Paulo (2000b). Paulo Freire entrevistado na cidade do México, 1996. In video doc Paulo Freire, constructor de sueños. Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario (IMDEC), Cátedra Paulo Freire do ITESO, Universidad Jesuíta de Guadalajara, fevereiro de 2000. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qCZ\\_eoT19mo](https://www.youtube.com/watch?v=qCZ_eoT19mo)>. Acesso em junho de 2022.

FREIRE, Paulo (2013). *Pedagogia da tolerância* (2.<sup>a</sup> Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha, Beatriz Gonçalves e. *Movimento negro e educação*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2000, n.15, pp.134-158.

GONZAGA, Paula. "A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo": Produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2019.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* / bell hooks; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Intelectuais Negras* in *Revista de Estudos Feministas*, Ano. 3, 1995.

KABRAL, Fábio. [Afrofuturismo] O futuro é negro o passado e o presente também. Geledés, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/afrofuturismo-o-futuro-e-negro-o-passado-e-o-presente-tambem/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MACHADO, Adilbênia. "Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação". *Revista Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. 2014.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NEVES, C. A. B. *SLAMS – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

NOGUEIRA, Renato. *Os gregos não inventaram a Filosofia* por Renato Nogueira. 2021. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S2OgPRPedCA>>. Acesso em junho 2022.

RIBEIRO, Djamila. Instagram. 2020. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B\\_QY9-TDdQi](https://www.instagram.com/p/B_QY9-TDdQi)>.

RODA VIVA. *Roda Viva| Lázaro Ramos | 11/04/2022*. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oca5C6bwXOY>>. Acesso em junho 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, modos e significados*, Brasília, 2015.

SILVA; SOARES. "A filosofia da ancestralidade na Educação das Relações Étnico-raciais nas universidades catarinenses". *REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO*. Volume 38, n. 1 – p. 01 – 13, jan./mar. – Florianópolis. 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas [recurso eletrônico] / Luiz Antonio Simas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2019.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. *Anais ...* Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.

TSZESNIOSKI, Roberta e QUELUZ, Gilson. AFROFUTURISMO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DA LITERATURA. Capoeira – Revista de Humanidades e Letras | Vol.6 | Nº. 1 | Ano 2020.